



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM
PATRIMÔNIO CULTURAL**

**MOSAICO ÉTNICO: PANORAMA CONTEXTUAL DA
CULTURA ESPANHOLA EM SANTA MARIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Nara Soares Torres

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

MOSAICO ÉTNICO: PANORAMA CONTEXTUAL DA CULTURA ESPANHOLA EM SANTA MARIA

Nara Soares Torres

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História do Patrimônio Cultural**

Orientador: Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Torres, Nara Soares
Mosaico étnico: panorama contextual da cultura espanhola em Santa Maria / Nara Soares Torres.-2013.
142 p.; 30cm

Orientador: Júlio Ricardo Quevedo dos Santos
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, RS, 2013

1. Espanhóis 2. Santa Maria 3. Patrimônio cultural 4. Imigração I. Santos, Júlio Ricardo Quevedo dos II. Título.

© 2013

Todos os direitos autorais reservados a Nara Soares Torres. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

End. Eletrônico: soareszublin@hotmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**MOSAICO ÉTNICO: PANORAMA CONTEXTUAL DA
CULTURA ESPANHOLA EM SANTA MARIA**

Elaborada por
Nara Soares Torres

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História do Patrimônio Cultural

COMISSÃO EXAMINADORA:

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (UFSM)
(Orientador/Presidente)

Felipe Martins Müller, Dr. (UFSM)

Denise de Sousa Saad, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 11 de dezembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

Todo trabalho que eu tenha realizado ou que ainda possa vir a realizar na minha vida perderia o seu sentido absoluto, se eu não reconhecesse que tudo somente foi e é possível porque o Senhor Deus assim o permitiu, portanto meu maior agradecimento é antes de tudo e de todos para o meu Senhor absoluto... DEUS!

Das pessoas que de alguma forma tiveram ou têm participação garantida no meu trabalho, certamente minha querida mãe, Lydia Brandt Soares, está em primeiro lugar sem reservas, porque é ela a base de tudo que eu fiz e ainda posso fazer na vida. Entretanto, também de é suma importância a efetiva participação, abnegação, amor e apoio incalculável do meu amado esposo, Pablo Emilio Torres, quem sempre está presente em todas as instâncias de minha vida e da felicidade que com ele vivo.

Por outro lado, não teria sentido meu trabalho sem a concreta, ativa e constante participação do meu querido orientador, Professor Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, com quem divido a existência deste produto cuja intenção e objeto são o de contribuir de alguma forma para o acervo patrimonial desta Instituição de Ensino Superior, por meio do Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Profissional Cultural e das demais instâncias do saber e da cultura de nosso país.

Um agradecimento muito carinhoso à Dra. Fátima Deitos quem sempre apostou no meu trabalho, especialmente em tempos que me tornei alvo de assédios morais e éticos de certos elementos do meu ambiente de trabalho e que me levaram á depressão profunda prejudicando inquestionavelmente a minha progressão funcional em período normal. Com a Dra. Fátima aprendi a rever e liberar meus valores, expor minhas idéias, escrever livros com ela em momentos que me foram furtados pelo excesso de vaidades e autoritarismo de alguns elementos do meu Departamento.

Quero externar de forma muito especial os meus agradecimentos a todos os professores, colegas e Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, que também estimularam e fundamentaram de alguma forma a possibilidade e a existência deste trabalho.

Todos nós caminhamos juntos nesta empreitada onde a disponibilidade, o saber e a solidariedade nos acompanharam de forma sempre presente e viva, para que os resultados sejam deveras multiplicados em novas investidas dos futuros pesquisadores e adeptos do saber e da cultura contínua.

Mas, é sabido que sem o julgamento final deste produto, nada será concreto, por isso quero agradecer de forma muito especial a participação, o trabalho efetivo e seletivo dos membros que compõem a Banca de Avaliação do meu trabalho: Professor Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Professor Dr. Felipe Martins Müller e Professora Dra. Denise de Sousa Saad, porque certamente deles é que me virá o selo definitivo sobre a qualidade do meu produto e no qual eu coloquei toda a minha crença, além do meu crescimento intelectual e humano, inclusive.

A todos quero deixar registrado o meu reconhecimento, o meu carinho e a profunda gratidão por fazer parte da minha vida.

Que Deus os abençoe!

Foste uma brisa agradável de verão
em todas as estações da minha vida
contigo conheci as virtudes do amor
e a felicidade de amar e ser amada
em todos os dias da nossa história...

In memorium
Héctor Daniel Züblin

A orientação e eficácia do trabalho com o patrimônio cultural dependem de nosso projeto de sociedade, do tipo de relações que desejamos instaurar entre nossos homens (MENEZES 1992:194).

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

MOSAICO ÉTNICO: PANORAMA CONTEXTUAL DA CULTURA ESPANHOLA EM SANTA MARIA

AUTORA: NARA SOARES TORRES

ORIENTADOR: JÚLIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 11 de dezembro de 2013.

Esta narrativa apresenta um estudo sobre a presença espanhola em Santa Maria abordando algumas questões da memória como receptor de uma identidade que possibilita e conduz ao reconhecimento da cidadania. A invisibilidade social e a diversidade cultural na formação do elemento espanhol em Santa Maria são também objetos de estudo, na pretensão de proporcionar caminhos que possibilitem a formação de novos conceitos sobre como se pode atuar positivamente para um convívio multicultural de forma pacífica e, até mesmo, produtiva. As informações foram obtidas a partir de entrevistas que realizamos com alguns poucos nativos desta etnia e seus descendentes sediados em Santa Maria, Rio Grande do Sul. A opção pelas famílias espanholas que prestam sua colaboração se fundamenta pelo fato de que, embora não se tenha registros escritos consistentes sobre a presença do elemento espanhol em Santa Maria, sabe-se por meio de seus descendentes que esta etnia marcou presença aqui, notadamente em meados dos anos de 1960. Portanto, esta pesquisa coleta informações de um passado recente através da memória do presente em informações coletadas por entrevistas. A escassez de registros escritos nos levou a optar pela técnica da História Oral como Depoimento Oral cujo enfoque permite a referência a fatos que o colaborador presenciou ou sobre os quais detém informação a partir de suas visões e experiências.

Palavras-chave: Espanhóis. Santa Maria. Patrimônio cultural. Imigração.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

AN ETHNIC PATCHWORK: PANORAMIC CONTEXTUALIZATION OF THE SPANISH CULTURE IN SANTA MARIA

Author: Nara Soares Torres
Adviser: Júlio Ricardo Quevedo dos Santos
Date and Place of the Defense: Santa Maria, december 11th 2013.

This study develops a research about the presence of the Spanish in Santa Maria and brings to light some issues related to memory- understood here as a receptacle of identity- that leads to and makes possible the recognition of citizenship. The social invisibility and cultural diversity regarding the formation of the Spanish people in Santa Maria is also the object of research in this work as a means of providing ways to think about other concepts related to the possibility of behaving favorably towards a pacific, productive and multicultural coexistence. The information obtained was achieved by interviewing some of the few Spanish descendants living in Santa Maria, in the state of Rio Grande do Sul. Such an option is based on the fact that although there are no consistent written records about the presence of Spanish people in Santa Maria, it is possible to know, through their descendants, that this ethnic group was here, mainly in the mid-1960s; therefore, this research collects information from a recent past through the memory of those who were interviewed. The lack of official records made us choose the Oral History criterion as an Oral Testimony to enable us to gather references to facts that the interviewed person has either witnessed or has kept in his memory from his experiences and knowledge.

Keywords: Spanish people. Santa Maria. Patrimony. Migration.

RESUMEN

Disertación de Maestría
Programa de Postgrado Profesional en Patrimonio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

MOSAICO ÉTNICO: PANORAMA CONTEXTUAL DE LA CULTURA ESPAÑOLA EN SANTA MARÍA

Autora: Nara Soares Torres

Orientador: Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 11 de dezembro de 2013.

Esta narrativa presenta un estudio sobre la presencia española en Santa María alzando algunas cuestiones de la memoria como receptor de una identidad que posibilita y nos lleva al reconocimiento de la ciudadanía. La invisibilidad social y la diversidad cultural en la formación del elemento español en Santa María son también objetos de nuestro estudio y con el que se pretende proporcionar caminos que hagan posible la formação de nuevos conceptos de cómo se puede actuar positivamente para un convivio multicultural de forma pacífica e, inclusive, productiva. Las informaciones han sido obtenidas por medio de las entrevistas que realizamos con algunos pocos nativos de esta etnia y sus descendientes sedados en Santa María, Río Grande del Sur. La opción por las familias españolas que prestan su colaboración se fundamenta por el hecho de que, aunque no se posea registros escritos consistentes sobre la presencia del elemento español en Santa María, se sabe por medio de sus descendientes que esta etnia señaló su presencia aquí, notadamente en principios de los años 1960. Portanto, esta investigación busca informaciones de un pasado reciente basándose en informaciones obtenidas por medio de entrevistas. La ausencia absoluta de registros escritos nos llevó a optar por la técnica de la Historia Oral como Declaración Oral cuyo enfoque nos permite la referencia a hechos que el colaborador presencié o sobre los cuales detiene información a partir de sus visiones y experiencias.

Palabras-clave: Españoles. Santa María. Patrimonio cultural. Imigración.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I – A HISTÓRIA ENQUANTO ALBÚM DA MEMÓRIA	27
1.1 Memória e identidade no convívio interétnico	29
1.2 A memória na reconstrução da cidadania	32
1.3 A invisibilidade como violência social.....	35
1.4 A diversidade cultural e seu valor enquanto patrimônio	38
CAPÍTULO II – ESPANHÓIS NO BRASIL	45
2.1 Imigração espanhola no cenário brasileiro	45
2.2 O elemento espanhol no Rio Grande do Sul	50
2.3 Santa Maria – a lenda	57
2.3.1 Santa Maria e os registros da História	58
2.3.2 A presença do elemento espanhol em Santa Maria.....	61
2.3.3 Os personagens desta história.....	62
CAPÍTULO III	85
PATRIMÔNIO CULTURAL: CONCEITOS E VALORES	85
3.1 Conceito mundial de patrimônio cultural	85
3.2 Conservação do patrimônio cultural.....	88
3.3 A pátria de armazenamento das memórias	90
3.4 A exposição do projeto	92
3.5 O Projeto dos 20 anos do Curso de Espanhol- Licenciatura da UFSM...	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
APÊNDICES	119

INTRODUÇÃO

Nasci de uma mescla entre portugueses, espanhóis, alemães e italianos e, conseqüentemente, fui criada ouvindo meus avós falarem alemão, italiano e espanhol dentro de casa, nesta ordem de freqüência. Isto me deixava intrigada enquanto muito pequena, mas à medida que crescia fui compreendendo melhor o meu universo e passei a gostar e a praticar também, porque já entendia as línguas de cada um de meus avós. Entretanto, o que mais me fascinava era ouvir o meu pai cantar e dançar tangos com minha mãe. Era tanta a alegria de meu pai quando cantava que aos sete anos, quando aprendi a ler e escrever, já tirava a letra dos tangos para cantar juntamente com ele. Com isso foi crescendo o meu interesse pela língua espanhola e, mais especialmente, por esta etnia que inclusive influenciou na minha escolha por Letras/Espanhol, mesmo antes de eu me casar com o Héctor Daniel Züblin, argentino, descendente de suíços e italianos.

Descobrir esses valores culturais foi um dos fatores que despertou o meu interesse em seguir estudando a história e a formação da Língua Espanhola até me tornar uma profissional dela, quando me formei em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria em 1986. Em 1987 fiz um Curso de férias/ Especialização em Língua Espanhola na Universidad Nacional der Sur - Bahia Blanca - Argentina, porque estava casada com o Héctor Daniel Züblin, natural daquela cidade e sempre íamos passar as férias de verão na Argentina.

Com a morte do Héctor Daniel em 2000, passei por um período de depressão profunda, que somente superei pela mão de Deus e com o apoio da minha família.

Passados alguns anos e quando eu investia em uma pesquisa em Toronto – Canadá, conheci meu atual esposo, Pablo Emilio Torres, de origem colombiana, mas cidadão americano desde 1997 e cidadão canadense desde 2003. Com ele aprendi a não desistir nunca e a voar como águia em busca de minhas metas.

Entretanto, na atualidade, foi decisiva a sugestão e a disponibilidade do Professor Júlio Quevedo quem muito me incentivou e demonstrou seu apoio para que eu fizesse um Mestrado, a fim de melhorar minha qualificação pessoal, sobretudo porque na qualidade de professora da UFSM isso se faz extremamente importante e necessário à minha carreira no Magistério Superior. Percalços houve

pelo caminho, mas aqui estou com esta proposta que considero de grande valor para o acervo patrimonial da UFSM que em si já se constitui em um patrimônio de valor universal.

Conforme o título sugere, o tema central desta dissertação é a utilização do espaço patrimonial ocupado pelos espanhóis em Santa Maria e os seus descendentes que ainda vivem nesta cidade fundada por portugueses no século XVIII e, posteriormente, habitada também por afros descendentes, italianos, alemães e árabes ao longo do século XIX. Entretanto, quando se fala em outras etnias para a sociedade santa-mariense, percebe-se certo distanciamento e acentuado desinteresse por parte das pessoas gerando o desconforto da invisibilidade às demais etnias que ocupam o mesmo espaço social em Santa Maria.

A invisibilidade social pela que passaram os poucos espanhóis que viveram e os que vivem na cidade é uma questão que torna a pesquisa um desafio historicamente atrativo, porque é através dela e por meio dela que queremos recuperar do anonimato alguns poucos espanhóis, que habitaram e os que ainda ocupam espaço na comunidade de Santa Maria e que, também, segundo relatos dos entrevistados, tiveram boa parte de responsabilidade pela expansão da indústria e do comércio na confecção de roupas e calçados em Santa Maria e região, a partir dos anos de 1960, bem como de outras atividades de igual importância para o crescimento da cidade.

Outro motivo que também me levou a investir estudos nesta pesquisa foi o fato de encontrar-se nos arquivos do Curso de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM um legado cultural-patrimonial muito valioso e particularmente considerável sobre italianos, alemães, japoneses, libaneses entre outras tantas etnias, mas quase nada ou absolutamente nada sobre os poucos espanhóis que por aqui se estabeleceram um dia e que também representam, ainda que em uma proporção muito pequena em relação às demais etnias, uma porcentagem da força de trabalho e crescimento econômico, social e cultural no panorama étnico de Santa Maria.

É, portanto, através das narrativas pessoais que este trabalho se propõe a apresentar as formas de transmissão sócio-culturais do elemento espanhol em Santa Maria, no decorrer das gerações, porque vemos como fator necessário a busca por tentar entender qual a relação existente entre as formas de transmissão da cultura de nossos entrevistados e a ocorrência de discriminação que possa ter

ocorrido, seja passiva ou ativa. Por conta deste objetivo, procedemos na manipulação de um contexto amplo de conceitos sobre memória, identidade, cidadania e dos desconfortos causados pela invisibilidade social. Bastante relevante é um estudo sobre a importância da diversidade cultural e das relações interétnicas como patrimônio cultural de Santa Maria, que porta, entre tantos outros, um Curso Superior de Graduação em Língua Espanhola e outro de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, pois ambos os cursos são oferecidos pela Universidade Federal de Santa Maria e carecem de um arquivo histórico mais amplo também sobre a etnia espanhola.

O ambiente escolhido para as ações pertinentes a este trabalho é a cidade de Santa Maria/RS, porque é o palco propício a outras práticas introduzidas pelas gerações oriundas dos primeiros e poucos espanhóis galegos que aqui se estabeleceram e, também, para a assimilação de hábitos externos e adequação de práticas cotidianas.

A etnia descortinada é a espanhola¹ e as narrativas serão a principal fonte de informações sobre as formas de representação das pessoas a respeito de sua própria cultura.

A escolha da etnia espanhola como perfil das famílias colaboradores nesta pesquisa se fundamenta, porque servirá para o acervo do Patrimônio Histórico do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural da UFSM compreendido como um dos mais completos patrimônios arquivísticos da cidade. As famílias com as quais mantivemos contato são possivelmente, pelas informações obtidas nas entrevistas, as únicas povoadoras desta etnia na cidade desde 1960 que se tem conhecimento, pelos depoimentos de nossos entrevistados. Embora tenham permanecido na invisibilidade até o momento, os ancestrais dessas famílias, dentre outras atividades, deram início à fabricação de doces e salgados diversos, consertos de fechaduras e fabricação de chaves e cadeados e ao comércio de roupas e calçados em Santa

¹ Deve-se atentar para o fato de que a Espanha é considerada um país de vários países, porque cada região assume certa independência política, social e cultural. Para o Brasil migraram galegos e andaluzes, especialmente, porém a partir dos anos de 1950, também aparecem os espanhóis oriundos das regiões de: Aragón, Catalunia, País Vasco, dentre outras regiões espanholas. Assim, quando se fala em etnia espanhola em Santa Maria, em verdade trata-se dos espanhóis oriundos da região da Galícia especialmente. FONTE: AGUIAR, Cláudio. **Os Espanhóis no Brasil: contribuição ao estudo da imigração espanhola no Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo *Brasileiro* 1991.

Maria atraindo visitantes das localidades mais próximas que moviam e que expandiam a economia da cidade durante décadas, persistindo até a presente data.

Considerando a quase absoluta falta de registros que pudessem nos auxiliar nesta busca identitária, optamos por utilizar a história oral e, através de entrevistas, procuramos conhecer de onde vieram e o que faziam os imigrantes espanhóis que se instalaram em Santa Maria, no período compreendido entre 1950 a 1960. Enfocamos, primeiramente, uma imigração que saiu da Espanha em momentos de crise política e econômica, que encontrou problemas sociais diversos ao chegar ao Brasil, anos mais tarde no Rio Grande do Sul, mas que também foi pouco a pouco superando as barreiras sociais e políticas com a modernização dos meios de comunicação e das estruturas produtivas.

Como reflexo disso a substituição de valores morais, as oscilações do mundo do trabalho, entre outros fatores, vai ofertando condições para uma constante mudança quanto às formas de “transmissão” da memória cultural na sucessão de gerações. A permanência ou não de práticas cotidianas (culinária, religião, valores de conduta, regras de convivência, opção por formas de trabalho ligadas ou não às opções dos ascendentes) está sujeita, tanto à cultura de origem, como também à adaptação que sofre no lugar que a recebe.

O Brasil na sua totalidade tem sua cultura diversificada e fundamentada nas tradições - tradição *entendida como um conjunto de orientações valorativas consagradas pelo passado* (OLIVEN, 1992, p. 21) – assim em sua forma dinâmica e com relação à sua memória cultural, passa por constantes modificações ao longo do seu processo histórico.

É inegável que a concentração ou dispersão dos grupos imigrantes de mesma origem, da mesma forma que a presença ou ausência das famílias dos imigrantes são fatores que também interagem diretamente na maneira como esses imigrantes oferecem aos seus descendentes os elementos culturais que irão identificá-los com suas origens, ainda que passe por adaptações culturais que não comprometam a identidade étnica do grupo.

Manuela Carneiro da Cunha (1986) reflete que:

Um mesmo grupo étnico exibirá traços culturais diferentes, conforme a situação ecológica e social em que se encontra adaptando-se às condições naturais e às oportunidades sociais que provem da interação com outros grupos, sem, no entanto, perder com isso sua identidade própria (CUNHA, 1986: 115).

Em razão de nossas fronteiras de origem espanhola, sabe-se que a presença do elemento espanhol, principalmente no sul do Brasil, foi sendo algo quase que absolutamente inédito. Esta realidade nos impulsiona na busca por entender que motivo ou motivos deslocaram tais famílias para Santa Maria, cidade que foi basicamente formada por indígenas, açorianos e africanos, que difere das demais regiões do Brasil por suas características, mas que se assemelha em muito à cultura dos países fronteiriços – Argentina e Uruguai principalmente – cuja formação se fundamenta nas raízes espanhola.

Sandra Jatahy Pesavento (2009), refletindo sobre as fronteiras do Rio Grande do Sul, acrescenta que:

[...] todos sabemos que as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo, simbólicas. São produto dessa capacidade imaginária de refigurar a realidade a partir de um mundo paralelo de sinais, através do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo. Faz parte deste jogo de representações estabelecerem classificações, hierarquias e limites, que guiam o olhar e a apreciação, pautando condutas (p. 7).

As informações necessárias para a realização do trabalho foram obtidas por meio das narrativas pessoais dos poucos descendentes de imigrantes espanhóis estabelecidos em Santa Maria em diferentes épocas. As entrevistas foram estruturadas e conduzidas de maneira que possam possibilitar a expressão de idéias, valores e informações baseadas em experiências de vida dos colaboradores. As perguntas apresentadas aos participantes se referem a suas vivências relacionadas ao aspecto étnico e familiar.

Realizamos e analisamos as entrevistas separadamente tomando por base os seguintes eixos: o reconhecimento dos elementos culturais de origem (etnia da família a que pertence), o reconhecimento da existência de discriminações étnicas no convívio e, por fim, a análise das entrevistas onde se tenta observar que relação existe entre as formas que são usadas para a transmissão de elementos culturais e a manifestação de situações de discriminação (ativa ou passiva) pelas quais possam ter passado nossos colaboradores, vista essa relação como identidade do sujeito vivente e concreto, isto é, para que haja identidade é preciso que haja pessoas que a experimentem e que a vivenciem.

Este texto está organizado em três capítulos divididos em sub-capítulos ou seções.

O primeiro capítulo apresenta uma reflexão sobre alguns conceitos atribuídos à memória, à identidade, à cidadania, à invisibilidade, e à diversidade cultural, como elementos que corroboram na construção desta narrativa com uma juntada de informações ao patrimônio histórico da cidade, cujo conteúdo pode ser considerado como o miolo para a compreensão deste estudo sobre a etnia espanhola presente em Santa Maria.

O segundo capítulo, num primeiro momento, apresenta um breve panorama da imigração espanhola no Brasil, depois um estudo sobre a instância desta etnia no Rio Grande do Sul e, finalmente, o descortinar da presença do elemento espanhol em Santa Maria, fornecendo o histórico do problema investigado.

O terceiro capítulo apresenta alguns conceitos e definições atribuídas ao que se considera como sendo Patrimônio, com apresentação de painéis contendo um breve histórico sobre a etnia espanhola com elementos peculiares a sua cultura e que se constitui da nossa proposta de preservação desta etnia para o acervo do Patrimônio Cultural de Mestrado Profissional Cultural da UFSM.

A pergunta que mais se acentuou por ocasião da entrevista a que fui submetida, quando candidata ao Curso de Pós-Graduação, foi a que me questionava sobre qual seria a importância da minha proposta ao patrimônio, em outras palavras, qual seria a minha contribuição ao patrimônio.

Se naquela ocasião eu já tinha uma opinião formada sobre os valores patrimoniais, hoje, e após ferrenhos estudos, eu vejo os conhecimentos sobre patrimônio como um elemento de entendimento na construção de identidades coletivas, da mesma forma que o uso dos símbolos que identificam cada grupo como uma forma de referendar o passado.

As análises das entrevistas são enxertadas nos capítulos ou seções de acordo com a sincronia das ideias e, por fim, os resultados obtidos com a investigação do tema.

Penso que, frente ao contexto atual, quando ainda vivemos em uma sociedade cujos conflitos religiosos, étnicos e políticos se sucedem em todos os cantos do mundo, este trabalho poderá contribuir para o exercício de cidadania na prática educativa, para a riqueza da diversidade cultural no que tange à preservação do patrimônio étnico e cultural de Santa Maria e, mais diretamente, ao Curso de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da UFSM – este último representado atualmente por sua Coordenadora a Professora Doutora Denise de

Sousa Saad - referencial dinâmico para a preservação do acervo cultural da comunidade santa-mariense, e de onde fluíram as bases que permearam o desenvolvimento deste trabalho.

A todos indistintamente o meu sincero e afetuoso “muito obrigada” e que Deus os abençoe.

CAPÍTULO I – A HISTÓRIA ENQUANTO ALBÚM DA MEMÓRIA

Neste capítulo apresentamos alguns conceitos que demonstram como, ao longo dos séculos, a memória tem se infiltrado progressivamente na linguagem, na compensação por parte de grupos sociais, na ânsia por obter reconhecimento. Incontáveis estudos científicos têm buscado comprovar que é por meio da memória que o passado se torna mais disponível e multifacetado em consequência dos avanços arqueológicos e historiográficos e às inovações metodológicas como a crescente legitimação da história oral e a experimentação interdisciplinar e, também, com o surgimento de uma sensibilidade histórica reflexiva.

Na perspectiva de Henry Rousso sobre memória encontramos que:

[...] seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao 'tempo que muda', as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 1998, pp.94-95).

Nesta dissertação as questões que tratam da memória, da identidade e da cidadania fornecem subsídios para se possa compreender e, ao mesmo tempo, recuperar da invisibilidade social dos poucos imigrantes espanhóis e seus descendentes que viveram como também aqueles que vivem em Santa Maria. O tratamento dado quanto à invisibilidade não se refere propriamente à invisibilidade física, mas sim àquela invisibilidade que se mescla com o que queremos ignorar, que não chegou a se constituir em um problema para a sociedade, porém é de onde surge a necessidade de se analisar o porquê dessa etnia, ainda hoje, estar formada por uma população socialmente invisível ou invisibilizada pelas tomadas de posição que efetua o Estado onde se concretizam diferentes políticas de imigração.

A memória vista como um espaço, um conjunto de signos e símbolos compartilhados pelos grupos sociais, com referências criadas e estabelecidas em determinados espaços de tempo e lugar, encontra-se bem fundamentada por Halbwachs, quando ele salienta que:

É sobre o espaço, sobre o nosso espaço aquele que ocupamos, por onde sempre passamos ao qual sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso

pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p. 143).

A invisibilidade, neste texto, não é tratada como o abandono social propriamente, mas como uma realidade e sua consequência como a ausência do reconhecimento que todos os seres humanos necessitam para desenvolver-se satisfatoriamente. O reconhecimento social de todos os membros da etnia espanhola, que compõem o cenário da comunidade santa-mariense, poderá servir de pilar para o crescimento da coletividade e restringir o seu acesso aos bens culturais, à informação e à formação de qualidade seria persistir sobre os mesmos modelos históricos rígidos classicistas. Também porque compreendemos que as lembranças do passado permitem o estabelecimento da alteridade que fazem parte da etnicidade conferindo-lhe eficácia política.

Esse caminho pode ser encontrado no estudo sobre etnicidade que faz Valle (2004), quando defende que:

A etnicidade depende de um conjunto de sinais e traços diacríticos, elementos culturais, representações sociais, insígnias, símbolos étnicos e categorias de discurso que se condense e consiga se reproduzir [...] a diferenciação étnica e a construção da etnicidade se concretizam por meio de uma gama enorme de possibilidades de estruturação e disposição de elementos culturais e simbólicos (VALLE, 2004:305).

Neste ano de 2013, quando Santa Maria está completando seus 155 anos de fundação, vemos como propício o momento para que revisemos, dentre outras, a questão e o valor da etnia espanhola, a fim de que se possa repensar a possibilidade de um novo mapa social e cultural mais moderno, socialmente justo e historicamente verdadeiro, digno de fazer parte do acervo patrimonial desta denominada “Cidade Cultura”.

Entregar-me de corpo e alma a este trabalho foi um risco fascinante, porque parti do caminho da invisibilidade absoluta, cuja temática apresentava uma visão pelo menos ingênua, para enquadrá-lo em uma perspectiva acadêmica.

Tanto pesquisadora como colaboradores pudemos desfrutar de uma relação bastante solidária, participativa e humana que ultrapassou as formalidades acadêmicas, pois juntos compartilhamos momentos únicos na construção histórica de personagens humanizados pela troca de memórias que foram se formando em nossa memória como se estivéssemos assistindo uma película sobre a vida real.

Feitos os contatos entre os participantes deste momento histórico e, após vários telefonemas e encontros informais para que houvesse mútuo conhecimento e uma maior aproximação entre as partes, foi muito importante e necessário que, para as gravações das entrevistas, houvesse estímulo e adequação das questões a serem trabalhadas e ajustadas para o registro oral deste texto nos arquivos do Patrimônio Cultural da UFSM.

1.1 Memória e identidade no convívio interétnico

Esta seção apresenta uma reflexão sobre alguns conceitos de memória com o intuito de elucidar a identidade do ser humano enquanto ser racional, porque se entende que falar de memória é falar da forma como se registram, como se retém, como se acumulam e como se codificam diversos acontecimentos, para logo manifestar em seu processo o desenvolvimento histórico.

Na concepção de Henry Rousso sobre a memória, ele diz que:

[...] seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao 'tempo que muda', as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 1998, pp.94-95).

Sob este aspecto nossa investigação se interessou particularmente em pesquisar, refletir e analisar a importância da memória na construção da identidade em seus diferentes níveis e elementos que articulam a coerência, a unidade e as diferenças para, então, poder assimilar a origem da presença espanhola em Santa Maria e poder registrar a formação de seus valores e de suas atitudes quanto ao relacionamento com a coletividade. Isto porque se compreende que o processo de transmissão das tradições, dos costumes, dos hábitos e dos valores é transmitido entre gerações pertencentes a uma mesma família o que exige a busca e a interpretação das imagens que esse grupo guarda de si mesmo em sua memória.

Embora sejam os indivíduos que lembram, no sentido literal da expressão, são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais será lembrado. Portanto, os indivíduos se identificam com os acontecimentos

públicos relevantes para o seu grupo. *“Lembram muito aquilo que não viveram diretamente. Um artigo de noticiário, por exemplo, às vezes se torna parte da vida de uma pessoa. Daí pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado”* (BURKE, 2000, p. 70).

Compreendidas como o exercício de sobrevivência física de um determinado grupo humano, as memórias determinam também a sua sobrevivência cultural na proporção em que esse grupo vai construindo sua realidade com base em um universo de representações. Quando o exercício da sobrevivência não corresponde exatamente ao expresso por sua memória, o indivíduo passa despercebido pela sociedade gerando a sua invisibilidade social, visto que a memória é elaborada a partir das representações coletivas, seja ela coletiva ou individual. Se não há espaço para tais representações, o grupo étnico permanecerá à margem da visibilidade e do reconhecimento social, deixando proliferar a nuvem que cobrirá suas memórias individuais na reconstrução do presente.

Holbwachs (1990), refletindo sobre memória individual, nos remete a informação de que ela:

Não está inteiramente isolada e fechada. Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros [...] Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 1990:54).

Vista a história como um dos grandes recursos para produzir a ampliação do sentido de uma experiência pessoal direta que transcende em espaço e tempo com respeito à natureza do ser humano, seu valor está em proporcionar caminhos que possam penetrar num mundo mais amplo dos significados compreendidos e explicitar as implicações humanas, porque a vida dos homens transcorre na natureza, não como um marco acidental, mas como o material e o meio de desenvolvimento. Compreender o passado como e pelo passado sem estabelecer seus links com o presente já não seria assunto de nosso interesse, se estivesse completamente passado e realizado, porém o conhecimento do passado é a chave para se compreender o presente e a memória histórica que é a revitalização para o estudo desse presente. Isto é o que se aviva neste texto, porque nele são abraçadas certas teorias, para que se possa compreender a existência do elemento espanhol em Santa Maria.

Alguns historiadores contemporâneos passaram a entender a relevância da história oral. Mesmo os que trabalham com períodos anteriores têm alguma coisa a aprender com o movimento da história oral, pois precisam estar conscientes dos testemunhos e tradições embutidos em muitos registros históricos (BURKE, 2000, p. 72).

Segundo Peter Burke (2000), a visão tradicional das relações entre a história e a memória se apresentava sob uma forma relativamente simples: a função do historiador era a de ser o guardião da memória dos acontecimentos públicos, quando escritos para proveito dos autores, para lhes proporcionar fama, e também em proveito da posteridade, para aprender com o exemplo deles.

Porém, neste texto, o mecanismo, a ferramenta, o instrumento é a história oral de uso e registro. É em proveito e em decorrência disto que o discurso desenvolve alguns conceitos sobre memória, identidade, cidadania e invisibilidade, bem como as práticas culturais e fatores ideológicos como objeto de estudo determinado por teorias sociais, políticas e históricas, num desafio de se repensar o discurso como um fenômeno social. As acepções e os interesses sociais somente podem desenvolver-se em um ambiente autenticamente social: naquilo que se dá e se toma na formação de uma experiência comum, pois a sociedade existe mediante um processo de transmissão da mesma forma como pela vida biológica. Pode-se observar que essa transmissão se efetivou por meio da comunicação de hábitos de fazer, pensar e sentir de todos os personagens que foram entrevistados e, cujas experiências foram trabalhadas nesta pesquisa respeitando o direito à privacidade daquelas experiências que não puderam ou que não quiseram ser expostas por cada um de nossos entrevistados. O fundamento de tudo reside em que a etnia espanhola, presente em Santa Maria, enquanto organização social possa ser vitalmente social ou vitalmente integradora para todos os que participam nela ou fazem parte dela.

Esse fundamento estará presente no ambiente social visto como o elemento que formará a disposição mental e emocional da conduta nos indivíduos envolvidos na pesquisa e que conduzirão a determinadas conseqüências. Um exame detalhado será feito das condições de vida das pessoas envolvidas e do segmento que vai com mais detalhes ou que se entende por memória social, além das questões de poder que são ligeiramente colocadas de acordo às necessidades do texto, porque é ele que barra a relação existente entre indivíduos socialmente bem dispostos e os

invisíveis numa sociedade de poderes, sejam eles políticos, sociais, étnicos, etc. O poder, mesmo que possa ser questionado em seu sentido ou ação, é amparado, em maior ou menor grau, por algum nível de consenso grupal, isto é, “*o poder nunca é propriedade de um indivíduo, pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido*” (ARENT, 1994, p. 36).

Seguindo esta linha do pensamento, nosso texto apresenta um caráter integracionista, cultural e de valor patrimonial desde o ponto de vista científico, porque procura resgatar a memória e a identidade social de indivíduos dentro da sociedade santa-mariense que, até o presente momento têm permanecido no plano da invisibilidade social.

1.2 A memória na reconstrução da cidadania

Não há como negar o reconhecimento de que a cidadania já se fazia presente no profetismo hebreu e, posteriormente, entre os contemporâneos de Aristóteles² e Platão³, entre os romanos através do Direito da *civitas*, pelas revoluções burguesas e lutas sociais dos séculos XIX e XX até a presente data, porque foram idéias e políticas que contribuíram para a auto-afirmação e que, apesar de ainda nos nossos dias sofrer perseguições, continuam as incansáveis batalhas contra todo o tipo de iniquidades, injustiças, opressão, etc., perversões que obstruem as ações humanas em prol de uma sociedade igualitária e feliz.

À medida que se pondera sobre as aproximações entre memória e história, pode-se perceber uma gama de pontos que precisam ser identificados.

Um destes pontos se constitui do processo de entendimento da memória como elemento de formação de identidades, que historicamente passa pelo

² Filósofo grego que nasceu em 384 a.C, na antiga cidade de Estágira e morreu em 322 a.C. Seus pensamentos filosóficos e idéias sobre a humanidade têm influência significativa na Educação e no pensamento ocidental contemporâneo. Aristóteles é considerado o pai do pensamento lógico. Suas obras influenciaram também na teologia medieval da cristandade.

Fonte: www.mundodosfilosofos.com.br/aristoteles.htm.

³ Platão nasceu em 427 a.C e morreu em 337 a.C em Atenas sendo considerado que influenciou profundamente a filosofia ocidental. Suas idéias baseiam-se na diferenciação do mundo entre as coisas sensíveis (mundo das idéias e a inteligência) e as coisas visíveis (seres vivos e a matéria).
FONTE: pt.wikipedia.org/wiki/Platão.

individualismo de Bergson⁴ e pelo coletivismo de Halbwachs⁵. Se a memória, tal como a história, está associada a uma aceitação coletiva, então o espaço da memória pode ser visto como um processo de manutenção de determinadas tradições e uma das formas de preservar aquele passado, que se pretende rememorar no tempo presente. Isto pode gerar incontáveis discussões sobre as formas de manutenção de poder que a história registra em diferentes épocas vividas pela humanidade.

Se compreendida como eixo fundamental formador da identidade cultural individual e coletiva no registro de experiências significativas, a memória deve ser valorizada e preservada, sem ser atrelada ao passado impedindo o seu desenvolvimento, preservando seus pilares com o propósito de não perder conhecimentos e identidades.

À medida que claramente vai avançando a ciência e a tecnologia e novos parâmetros sociais vão se instaurando com novas estruturas políticas, valores e linguagens, a ruptura com o passado também vai se rompendo de forma inevitável. Isto leva à deteriorização da memória cultural, rompe o vínculo do homem com suas raízes tornando impossível o ato de compreender como e por que se dão as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais, pois lhe faltam os elementos que dão sentido aos acontecimentos resultando por torná-lo presa fácil de manipulação e dominação.

A noção de cidadania permite a que se refira à qualidade de vida e ao direito de cidadão, pois é graças ao conjunto dos cidadãos que se pode ter uma nação, visto o cidadão como o sujeito de direitos políticos que lhe permitem intervir no governo de seu país através do voto.

⁴ Em 1914 foi nomeado membro da Academia de Francia, e em 1927 ganhou o prêmio Nobel de Literatura. Durante a primeira guerra mundial desenvolveu um intenso trabalho como conferencista. Bergson foi presidente da Sociedade das Nações no comitê para a cooperação cultural. Nos últimos anos de sua vida, porém evitou envolvimento político maior porque se sentia cada vez mais próximo ao catolicismo e temia apoiar com seu prestígio o anti-semitismo fomentado na Europa pelo nazismo. Disponível na [www: <URL: http://www.infopedia.pt/\\$maurice-halbwachs>](http://www.infopedia.pt/$maurice-halbwachs). Fonte: Copyright UOL.

⁵ Sociólogo e matemático francês, nascido em 1877 e falecido em 1945, aluno de Émile Durkheim, foi professor em Caen, Estrasburgo e Paris. Estudou os problemas do nível de vida e da evolução das necessidades sociais. Segundo Halbwachs, existiriam tantas formas de viver e de se relacionar com os bens materiais quantos os grupos sociais. Estes teriam uma "memória coletiva" que asseguraria a conservação desses modos de viver. Esta memória não impediria, contudo, que as mudanças ocorressem nos grupos face aos contextos econômico-sociais. Disponível na [http://www.infopedia.pt/\\$maurice-halbwachs](http://www.infopedia.pt/$maurice-halbwachs).

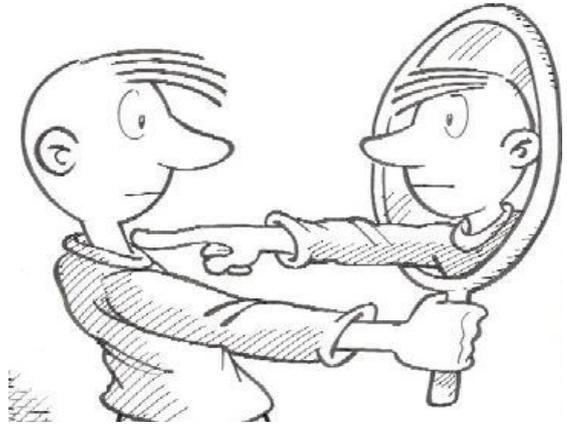
Também por isso, a noção de cidadania deve ser responsável, pacífica e auto regulada, para que seja compreendido isso como objetivo para melhorar o bem estar público, pois as ações que buscam somente o benefício individual não estão vinculadas à cidadania.

A cidadania plena de todos os cidadãos é imprescindível para o bom funcionamento de uma democracia, como diz Lister (1997:41): *“Ser um cidadão no sentido legal e sociológico implica poder desfrutar dos direitos de cidadania ação e participação social e política. Agir como cidadão significa satisfazer o potencial desse status.”*

São incontáveis as definições encontradas para definir ou conceituar cidadania, mas que podem ser resumidas em poucas palavras concluindo-se que, historicamente para o exercício pleno da cidadania, o ser humano precisa antes de tudo ser cômico das suas responsabilidades, reconhecido como parte integrante de um todo que se chama coletividade, nação, Estado, para cujo bom funcionamento todos nós devemos dar nossa parcela de contribuição, a fim de que possamos chegar ao objetivo final e coletivo, que nada mais é do que a justiça em seu sentido mais amplo: o bem comum.

Enfim, se fosse necessário mostrar que condições são imprescindíveis para ser um bom cidadão, deveria se mostrar a todo ser humano entre outras coisas: um preparo reflexivo e crítico capaz de tomar decisões por si mesmo sem pressões externas e, especialmente, tolerantes com os demais; em outras palavras um ser humano racional adequado à época na qual vivemos.

1.3 A invisibilidade como violência social



Fonte: www.google.com.br/search?q=imagens

A luta contra a invisibilidade continua sendo um enorme desafio para os historiadores, cientistas e estudiosos, mais ainda quando uma porcentagem bastante expressiva da população não está instruída, preparada ou pronta para lidar com as “*peças invisíveis*”, tanto que acaba se tornando comum ouvirmos relatos de pessoas que contam das discriminações sofridas por pessoas de diferentes classes sociais ou etnias.

Para Jean-Claude Bourdin a invisibilidade social é um fenômeno que causa grande sofrimento a quem por ela passa:

Uma das características do sofrimento social reside em seu paradoxo invisibilidade: por um lado ela existe de um modo indiscutível, é um fenômeno que reveste formas e manifestações diversas, relativamente bem estudadas pela sociologia, psiquiatria e medicina; por outro lado parece não chegar a alcançar por si mesma uma forma discursiva que lhe permita impor-se no discurso público e “culto” [...] A invisibilização pública social visível que desfaz totalmente uma pessoa aumenta ainda mais a injustiça social de uma ofensa política.

São inegáveis e incontáveis os casos discriminatórios sofridos por pessoas que por conta da sua condição social, racial ou étnica se tornaram alvo da invisibilidade social e de modo tão sistemático que já nem são mais percebidos pela sociedade em geral, porque esta cegueira social resulta da cegueira pública e não raras vezes com episódios de humilhação que levam as vítimas à depressão profunda e, por vezes, irrecuperáveis.

Experiência muito dramática pode-se encontrar no livro **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social** onde psicólogo **Fernando Braga da Costa** ressalta que *“o objetivo da espécie humana é aparecer e ser notado. Ser valorizado, de alguma forma, é parte integrante da passagem pela vida. É importante para o ser humano ser alguém, ter valor e ser notado por esse valor. É importante ter algum papel social relevante perante a sociedade. E, quando uma pessoa não é notada e não tem valor algum adquirido, ela se torna invisível e as conseqüências disso, na vida do indivíduo, são extremamente complicadas, indo da depressão ao suicídio”*.

Ao longo dos séculos tem se observado que um dos maiores responsáveis pelo fenômeno da invisibilidade e da cegueira pública é o capitalismo que conseqüentemente leva á discriminação e humilhação sociais. O antropólogo **Luiz Eduardo Soares** aborda, no livro **Cabeça de Porco**, que a questão da invisibilidade é bem mais complexa do que parece ser. Segundo ele, *“os indivíduos não são donos do próprio nariz, por motivos culturais e até mesmo psicológicos”*. Essa discriminação acontece por causa da influência sofrida pelo ambiente e pelas experiências históricas. Em 1978, Luiz Eduardo Soares fez a experiência de ser invisível por algumas horas. Ele conta em seu livro que a experiência vivida foi de uma *“sensação predominante de perplexidade, desconforto, perturbação e um mal estar difícil de escrever”*.

Não vamos mostrar de forma detalhada o impacto que causou nesse autor viver tamanha experiência, porque não nos cabe neste texto tratar analisar o assunto. Mas, vale à pena ler oportunamente o seu depoimento completo, onde se pode perceber um pouco melhor as conseqüências da invisibilidade social e como se sentem os indivíduos que sofrem com a cegueira da sociedade. Agora o centro de nossas atenções são os espanhóis inculcados na sociedade santa-mariense e o exemplo disso está presente nos ancestrais de Álison, Samuel, Rosane, Encarnación e Marta, nossos entrevistados, pois segundo demonstram seus relatos eles se habituaram ou, pelo menos, se costumaram ao fato de passarem despercebidos em relação às suas raízes espanholas. Samuel, por exemplo, acrescenta que *“para mim, não ser notado, não ser percebido pelas pessoas como filho de imigrantes espanhóis é fato consumado, já nem ligo mais. Depois de tantos anos vivendo aqui em meio aos costumes da sociedade santa-mariense, até já me acostumei com isso e, também, porque eu já nasci brasileiro e constituí minha família brasileira”*.

O maior equívoco da sociedade seja talvez deixar que pessoas naturalizem a invisibilidade, pois não devemos fechar os olhos para as práticas discriminativas, nem para as pessoas que estão à nossa volta. Não importa se pertencem às camadas sociais de baixa renda ou se seus empregos são singelos, simples ou de graus elevadíssimos. O que sim importa é que elas estão presentes na sociedade, estão ao nosso lado caminhando pelas ruas bem debaixo dos nossos narizes, mas ignoradas, e é importante que a realidade desagradável em que estão incluídas seja mais trabalhada, para que, em um porvir próximo, invisibilidade social e cegueira pública protagonizem apenas um espaço na memória do passado e não na realidade pública.

No grande palco social da humanidade todo elemento se apresenta mostrando aqueles sinais característicos que os identificam como indivíduos únicos e insubstituíveis: capitais rurais, sócio-econômicos ou relacionais que de antemão definem nossa posição social. A aquisição desses recursos, principalmente de caráter cultural, ainda que possam ter um componente hereditário, procedem em grande proporção do processo de socialização ou de educação. A cultura do grupo em que nascemos, e que posteriormente desenvolvemos, é a trama sobre a qual os indivíduos modelam incessantemente sua personalidade, aquela que ficará para sempre como marca registrada de cada um.

Por isso, certas práticas culturais, como a prática da invisibilidade, são impostas ao indivíduo no sentido de dotá-lo de aparência social, mas em hipótese alguma poderão determiná-lo. Todo ser humano tem a necessidade de ser percebido, notado socialmente como distinto ou diferente, a fim de que sejam preservados os traços característicos de indivíduos no conjunto social. Porque é dotado de recursos individuais, tanto quanto de recursos coletivos provenientes da percepção dos outros, do modo como os outros nos percebem ou nos categorizam assim como da sua própria percepção.

Se os recursos econômicos são precários, o ser humano adquire a condição da invisibilidade. Um dos grupos a assumir esta condição tem sido os imigrantes, mas a história se completa com grupos que ostentam esta categoria em razão da etnia à qual pertencem tanto quanto do gênero ou da idade também. São as diferenças que provocam as desigualdades ou são as desigualdades que provocam as diferenças. Nesta tessitura, nas constantes jornadas e seminários sobre educação e invisibilidade social organizados pelos outros grupos sociais

dominantes, sempre ou quase sempre se discute o caráter da invisibilidade social com os diferentes, em razão da sua cultura, do sexo, da idade ou da origem nacional.

É o abandono social que priva das capacidades de aprendizagem que facilitam as relações interpessoais e que condiciona a trajetória dos indivíduos, afeta aos que perseguindo a integração topam com a apatia e o desterro de uma coletividade que não os considera.

Se a tudo isso acrescentarmos um acúmulo de exigências convencionais que não se pode assumir por conta da ignorância de um sistema pouco generoso e inclinado por natureza a justificar realidades de exclusão, não nos surpreende a utilização da força em lugar da razão, pois as pessoas privadas de espaço, de palavra, de opções perdem a capacidade de tomar decisões e de resolver conflitos racionalmente.

Determinado a descortinar os conflitos gerados pela invisibilidade, que subestima ao outro em prol de privilégios individuais, pela acumulação de direitos compartilhados, que nos parecem inúteis, este processo ousa propor espaços para a releitura da etnia espanhola em Santa Maria, criando situações que demandem mudanças urgentes, focalizando soluções sobre o comportamento coletivo que deverá provocar uma solução social associada à capacidade inteligente de produzir a sumarização de culturas diversificadas como legado e riqueza histórica para a nossa sociedade.

1.4 A diversidade cultural e seu valor enquanto patrimônio

Vista como a multiplicidade e a interação das culturas coexistentes no mundo e que formam parte do patrimônio comum da humanidade, a diversidade cultural se manifesta pela diversidade da linguagem, das crenças religiosas, das práticas do manejo da terra, na arte, na música, na estrutura social, na seleção de cultivos, na dieta e em todo o número concebível de outros atributos da sociedade humana.

Existe uma ampla variedade de disciplinas inserida nas definições de identidade e dependência cultural que nos ajudam a compreender seu significado. Entretanto, é muito difícil ter um conhecimento absoluto e concreto sobre este

assunto, mesmo considerando as inúmeras tentativas feitas por se realizar uma abordagem de maneira geral no que consiste tanto à identidade como à dependência cultural dentro da sociedade, grupos ou pessoas no mundo. Isto porque hoje em dia são muitos os fatores que afetam as culturas de maneira geral e um desses fatores é Globalização - processo de integração econômica, cultural, social e política e gerado pela necessidade do capitalismo de conquistar novos mercados – que torna ainda mais difícil a preservação de uma cultura devido ao fato de que vamos modificando e confundindo nossa personalidade de uma forma que não podemos dizer que algo é totalmente autêntico. Pouco a pouco tudo vai sendo questionado, seja no terreno político, econômico, geográfico, científico, tecnológico, etc. que vão invadindo a integridade do indivíduo.

Fredrik Barth (1998) - considerado um dos pioneiros em termos de revisar os paradigmas sobre a identidade étnica – em uma de suas críticas sobre este tema afirma que:

Praticamente todo raciocínio antropológico baseia-se na premissa de que a variação cultural é descontínua: que haveria agregações humanas que, em essência, compartilham uma cultura comum e diferenças interligadas que distinguiriam cada uma destas culturas, tomadas separadamente de todas as outras (BARTH, 1998, p. 187).

Para Barth (1998, p. 190) este conceito impede a compreensão sobre o fenômeno dos grupos étnicos e o lugar que ocupam na sociedade e na cultura humanas, pois leva a crer que cada grupo desenvolve sua forma cultural e social em isolamento relativo e reage a diversos fatores locais, ao longo de uma história de adaptação por empréstimos seletivos. Na visão desse cientista, o pensamento produziu um mundo de povos separados, cada um com sua cultura própria e organizado numa sociedade que é possível isolar para descrevê-la com se fosse uma ilha. Barth (1998) considera as características culturais, não como critério fundamental, mas como consequência de etnicidade.

Barth pondera sobre etnicidade dizendo que:

[...] podemos lucrar muito ao considerar esse traço importante como uma implicação ou um resultado, mais que como uma característica primária e definicional da organização do grupo étnico (BARTH, 1998, p. 191).

Outros pensadores, filósofos, historiadores e cientistas em geral têm buscado delinear uma definição ou um conceito aproximado daquilo que possa ser

reconhecido como identidade de um determinado grupo social ou etnia, como Stuart Hall (1999), por exemplo, – professor do departamento de Antropologia da Universidade de Boston – quando diz que “uma identidade cultural enfatiza aspectos relacionados a nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais”.

Ao analisar a questão, Hall focaliza particularmente as identidades culturais referenciadas às culturas nacionais. Para ele, a nação é além de uma entidade política – o Estado – um sistema de representação cultural. Em outros, a nação é composta de representações e símbolos que fundamentam a constituição de uma dada identidade nacional.

Prosseguindo na linha de pensamento de Hall encontramos que as culturas nacionais produzem sentidos com os quais podemos nos identificar e constroem, assim, suas identidades. Esses sentidos estão contidos em estórias, memórias e imagens que servem de referências, de nexos para a constituição de uma identidade da nação. O autor diz que vivemos atualmente numa “crise de identidade” que é decorrente do amplo processo de mudanças ocorridas nas sociedades modernas. Tais mudanças se caracterizam pelo deslocamento das estruturas e processos centrais dessas sociedades, abalando os antigos quadros de referência que proporcionavam aos indivíduos uma estabilidade no mundo social. A modernidade propicia a fragmentação da identidade.

Segundo o raciocínio do cientista Hall, as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade não mais fornecem sólidas localizações” para os indivíduos. O que existe agora é descentramento, deslocamentos e ausência de referentes fixos ou sólidos para as identidades, inclusive as que se baseiam numa idéia de nação. (Fonte: Identidade cultural – wikipédia)

Entende-se sucintamente, então, a identidade como sendo um conjunto de características comuns com as quais grupos humanos se identificam por tradições, costumes, hábitos, religiões, etc. Isto nos divide de certa forma provocando diferentes reações entre as pessoas; entretanto, todos têm certa unidade no mundo e não podemos estar categorizados do todo, porque assim como existem tipos de raças, povos ou comunidades, também existem diferentes tipos de mestiçagem que pouco a pouco e, cada vez mais, nos vão unificando e tornando ainda mais complexo identificar uma identidade como própria.

Por conta da preocupação em estar no lugar do outro, tem se avançado em um pensamento de liberação, um pensamento da realidade que, segundo expressam alguns dos espanhóis ou seus descendentes - entrevistados em Santa Maria no ano de 2013 para esta pesquisa - a resposta sobre os caminhos da própria identidade se dividem em realidade pensada, a própria história e a crítica.

Isso nos leva a pensar que a identidade e a dependência cultural são um desafio teórico e uma grande necessidade diante da questão que nos intriga que outra não é senão saber quem somos e o que somos, para então poder definir identidade e dependência, porque não há uma resposta específica, o que há é um conjunto de respostas que permitem a aproximação de uma realidade.

A leitura nos fornece a possibilidade de ter uma noção mais ampla do que é identidade que não é somente usada no âmbito das ciências sociais, mas é usada rotineiramente por nós no intuito de saber quem somos, visto que isso é algo sumamente necessário para nossas vidas. A leitura nos fala sobre a ampla gama de conceitos nos quais se pode identificar a identidade, muito embora seja uma definição sumamente complexa que implica a colaboração de um grande número de pontos que pouco a pouco vão enriquecendo o entendimento da mesma.

A identidade cultural é manejada em vários aspectos, principalmente quando consideramos que o mais importante é a relação entre os grupos sociais já que são eles que representam aquilo que somos diante dos demais.

Outro aspecto importante e não menos interessante é como uma identidade perdura no tempo e no espaço, pois ainda que vá se modificando pouco a pouco, nela pode-se sentir que há certa estabilidade, há uma consistência, há um manter de nós mesmos, isto é, a identidade ou características vão sofrendo um processo de adaptação contínuo, mas nunca perdem a sua essência.

Dependendo do grupo social no qual se situa o indivíduo o valor de identidade pode ser positivo ou negativo; o primeiro ressaltando e orgulhando-se de sua identidade, enquanto o segundo, devido ao seu entorno social, que não lhe proporciona gratificações, não se sente bem consigo mesmo.

A leitura nos orienta sobre os componentes culturais na identidade das etnias que remete aos seus ancestrais, a lugares onde eles habitaram e que de alguma maneira herdaram alguma coisa também tanto o espaço como tudo aquilo que os caracteriza, seja a linguagem, seus costumes, suas tradições e seus rituais, tudo que no conjunto é algo essencial como identidade em seu grupo. Suas bases vêm

do passado e eles têm a convicção de que poderão viver seu presente conforme essas bases os vão guiando. Porém, para que sua etnia possa perdurar ela terá que adaptar-se ao entorno no qual vive, para que encontre sintonia com sua identidade.

Em suas reflexões Fridman afirma que:

A identidade não se completa, depende do que está por vir. O desmantelamento e reconstrução pós-modernos agregam incerteza permanente e irreduzível à experiência de homens e mulheres contemporâneos. [...] A identidade é [...] um eu transitório sempre à cata de possibilidades inéditas, o que é o mesmo que apontar para uma personalidade pastiche que se compõe de nacos ou de uma bricolagem que traz o emblema de uma unidade sempre perseguida e nunca alcançada (FRIDMAN, 2000, p. 82-83).

Pertencer a uma etnia é ser parte integradora dela por nascimento o que nos faz equacionar que a família é o primeiro grupo ao qual pertencemos que nos permite uma identidade e uma integridade, assim como, por exemplo, a religião na qual são educados os integrantes de etnias é fundamental e muito importante como patrimônio para eles. Rosane, uma de nossas personagens, diz que seu pai tinha o hábito de ir à missa todos os domingos com toda a família, porque esse era um costume tradicional praticado, quando ainda na Espanha, desde seus avós.

A busca do ser humano por uma luz, por seu lugar na sociedade global tem sido uma luta incansável. Grupos étnicos avançam sem cessar na busca de uma identidade cultural que defina o espaço e o tempo no desafio por defender sua integridade, seus direitos, sua autonomia e, finalmente sua identidade cultural.

Inserida neste vasto cenário de buscas a diversidade cultural nos remete à ideia de valores enquanto patrimônio, porque o termo patrimônio está intimamente vinculado com sua transmissão às gerações futuras, está conectado com o passado, com o presente e com o futuro e, visto por este ângulo, se converte em um sinônimo de herança. Esta conotação do patrimônio como algo que passa dos ascendentes aos descendentes encontra-se amplamente refletida no termo inglês de patrimônio comum da humanidade, isto é, "*common heritage of mankind*" (o legado que é igual da espécie humana/ a herança em comum que compartilhamos com a humanidade).

De acordo com o Direito Internacional, nas etapas precoces de um interesse coletivo legítimo, sobre certos espaços ou objetos, muitas referências não têm sido uniformes quanto ao conceito de patrimônio comum da humanidade, quanto patrimônio mundial. Reconhecemos que existem diferenças entre um e outro conceito, mas não se discutirá sobre essa comparação neste texto, porque não se

constitui do objeto direto de nosso trabalho, senão que estamos criando um objeto que será inserido ao patrimônio, com intuito de mostrar o grau de desafios que o patrimônio nos possibilita em relação à diversidade cultural.

Cabe ressaltar que os avanços produzidos no âmbito da proteção e importância crescente da dignidade nas últimas décadas têm sido vertiginosos e expansivos e têm, ditos progressos, produzido grande impacto em todas as esferas do desenvolvimento humano, e num sentido amplo, em todas as expressões culturais dos indivíduos, comunidades e povos, o que é particularmente relevante no mundo diverso. A comunidade internacional conseguiu recentemente um acordo para elevar a categoria da diversidade cultural ao nível de Patrimônio Comum da Humanidade, fato que causa certa inquietude na busca por se querer saber quais serão as possíveis conseqüências jurídicas, políticas e sociais da referida declaração.

Com sustentação nas bases que nos orientam neste texto a narrativa das memórias será o anel de união entre as gerações, o que torna possível a permanência de caracteres culturais e a duração de um grupo étnico. Compreender a relação existente entre aqueles valores recebidos pela família e a relação que se tem com a sociedade exige uma gama de informações com base nas memórias de vida que as pessoas têm com seus parentes e com seu passado familiar. Para subsidiar reflexões sobre a relação existente entre a educação recebida no ambiente familiar e conflitos étnicos, a oralidade é a principal fonte de informações. Neste sentido, a metodologia oral temática é a que mais se assoma do trabalho aqui desenvolvido. As entrevistas feitas e os escritos que foram produzidos a partir delas é a principal fonte para o trabalho, porque é a partir delas e por meio delas que a pesquisa flui. O cenário onde se encontram os colaboradores da investigação hoje e o processo de imigração é a cidade de Santa Maria.

O estudo realizado sobre a história enquanto memória, identidade, cidadania e invisibilidade, diversidade cultural, tanto quanto as perguntas, que dão estrutura às entrevistas neste texto, são de caráter apenas investigativo e jamais de julgamentos sobre quaisquer atitudes ou valores ocorridos no passado das famílias de origem espanhola que nos prestaram suas colaborações para a efetivação desta pesquisa.

Todos os participantes, isto é, todos os colaboradores deste trabalho de dissertação, que aqui aparecem como personagens ativos ou passivos, serviram em igual proporção para responder às nossas expectativas quanto à montagem deste

texto sobre a etnia espanhola presente em Santa Maria, o que contribuiu para um registro inédito sobre a história destes elementos até então invisíveis para a sociedade santa-mariense, quanto às suas origens, suas contribuições e força de trabalho para o engrandecimento da cidade.

evidenciam que no cenário da imigração em terras brasileiras os espanhóis aparecem como o terceiro maior contingente de imigrantes recebidos pelo Brasil, perdendo apenas para os italianos e para os portugueses. Entretanto, apesar da alta importância numérica, poucos são os historiadores que enfocam que os espanhóis são um grupo "invisível" ou "oculto" para a historiografia brasileira. A historiadora Marília Dalva Klaumann Cánovas acredita que *“a inexistência, a fragmentação e a dispersão das fontes e da documentação são alguns dos fatores responsáveis pela ausência de trabalhos sobre o imigrante espanhol no Brasil”*.

De acordo com as estatísticas do IBGE⁶, *“o balanço da presença espanhola no Brasil Colonial sugere uma importância bastante mais acentuada do que aquela frequentemente lhe tem sido atribuída”*. O historiador Capistrano de Abreu, em seu clássico *A História do Brasil*, de 1883, chegou mesmo a afirmar que os espanhóis não tiveram nenhuma importância na formação histórica brasileira e se a tiveram ela foi menor do que a dos franceses.

A importância dos espanhóis no Brasil colonial foi, sem dúvida, menos espetacular, talvez mais silenciosa, porém importante e duradoura. Nas viagens portuguesas de reconhecimento e exploração vicentina, ao longo dos anos 1530, expedições se desdobravam pela região platina, muitos castelhanos seguiam ao lado dos portugueses, entre a marujada e a soldadesca (GUIMARÃES, 2000, p. 105).

O IBGE se contrapõe a essa afirmação, pois diz que há um exagero do autor quanto a este ponto, pois data do século XVI registros onde consta que os espanhóis acompanharam os portugueses por ocasião de suas expedições de reconhecimento e exploração do Brasil. Alguns dos marujos e soldados dessas expedições eram espanhóis e alguns deles ficaram no Brasil, tanto que Martim Afonso de Sousa⁷ encontrou espanhóis em sua expedição de 1531-1532 à colônia. *“A presença espanhola no Brasil foi histórica e demograficamente densa no extremo-sul”*, como salienta o IBGE. A região de fronteira, denominada de pampa e

⁶ IBGE é a sigla para Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que é uma organização pública responsável pelos dados e estatísticas brasileiras.

⁷ Foi um nobre e militar português que iniciou sua carreira de mar e guerra aos serviços de Portugal em 1531 na armada que o rei determinou mandar ao Brasil, nomeado desde fins de 1530 em razão dos seguintes fatores: por ser primo-irmão de D. Antônio de Ataíde, membro do Conselho Real, e ter forte influência junto ao Rei. Embora a historiografia tradicional em História do Brasil encare sua expedição como a primeira expedição colonizadora, o Regimento a ele passado permite compreender que o principal objetivo de sua missão era colocar padrões de posse portugueses em toda a área da bacia do Rio da Prata, o que não alcançou em função de ter naufragado na região. Disponível em pt.wikipedia.org/wiki/Martim_Afonso_de_Sousa.

que hoje corresponde ao Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, historicamente foi uma região fortemente marcada pela presença do elemento espanhol. A paisagem física não apresentava barreiras naturais que pudessem impedir a movimentação de pessoas (exceto o Rio Uruguai a oeste), pois naquela região havia uma constante convivência, pacífica ou não, de hispânicos e lusos. Então, o perfil da região que abarca o Rio Grande do Sul era mais propriamente português-castelhano-indígena, do que português ou português-indígena apenas.

Àrea de fronteira territorial entre os domínios espanhóis e portugueses, segundo o Tratado de Tordesilhas (1494), a região sul seria ainda uma fronteira cultural, coabitando castelhanos e portugueses, boa parte deles "mamelucos" ou "gaúchos", na verdade desde o Século XVII. (GUIMARÃES e VAINFAS (2000, p. 105).

Durante a União Ibérica⁸ (1580-1640), quando Portugal se uniu à Coroa Espanhola, expressivo número de súditos da Espanha migraram para o Brasil, notadamente para São Paulo onde sua presença foi mais expressiva, tanto que acabaram absorvendo o contexto daquela sociedade e casando-se com mulheres indígenas, como era a prática comum naquela época. A língua espanhola também não era transmitida aos descendentes, razão pela qual ainda hoje alguns sobrenomes espanhóis podem ser identificados, mas muitos foram aportuguesados ou são iguais aos dos portugueses.

A presença espanhola teve ali seu peso histórico considerável e densidade demográfica expressiva, apesar da ausência de dados confiáveis para esse período. De todo o modo não seria exagero dizer que o perfil de boa parte da região sulina no período colonial fosse luso-castelhano-indígena, considerando amestiçagem que ali teve lugar, antes de ser portuguesa ou luso-indígena (GUIMARÃES e VAINFAS, 2000, p. 105).

Os espanhóis situavam-se entre os "imigrantes mais pobres" do Brasil, talvez uma das razões pelas quais o índice de analfabetismo fosse altíssimo, superando inclusive aquele encontrado entre italianos e portugueses. O grande fator que os atraía para a imigração era a propaganda enganosa que faziam os *ganchos* –

⁸ **União Ibérica** foi a unidade política que regeu a Península Ibérica a sul do Pirinéus de 1580 a 1640, resultado da união dinástica entre as monarquias de Portugal e de Espanha após a Guerra da Sucessão Portuguesa. Na sequência da crise de sucessão de 1580 em Portugal, uma união dinástica juntou as duas coroas, bem como as respetivas possessões coloniais, sob o controle da monarquia espanhola durante a chamada dinastia Filipina. O termo união ibérica é uma criação de historiadores modernos. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/União_Ibérica.

agentes que andavam pela Espanha com o propósito de vender uma imagem positiva do Brasil para atrair imigrantes .

Mal chegavam à “terra prometida” enfrentavam os mesmos problemas que haviam diexado para trás.[...] Tomavam os rumos mais diversos, à exceção daqueles que vinham cumprir acordos de uma centena de operários procedentes de Vigo, que desembarcou em 1905, no porto de Santos, contratados para prestar serviços na construção da estrada de Ferro Araraquara (GUIMARÃES e VAINFAS, 2000, p. 116).

No final do século XIX e no início do século XX, com o crescimento das fazendas de café na região de São Paulo a mão-de-obra barata dos imigrantes italianos não dava vencimento, até porque com a proibição da migração subsidiada pela Itália, em 1902, em decorrência das péssimas condições de trabalho a que eram submetidos esses italianos, tornava-se necessário buscar outras fontes de trabalhadores em Portugal e na Espanha. Em 1910, a Espanha fez o mesmo, por meio de uma proibição da migração subsidiada para o Brasil, mas tal proibição não surtiu efeito, porque a migração clandestina via Gibraltar⁹ cresceu tanto que o ano de 1912 ficou historicamente marcado como o ano do auge da migração espanhola para o Brasil.

Esses imigrantes espanhóis eram pequenos agricultores ou de origem muito pobre e vinham para o Brasil enganados, não raras vezes acreditando que estavam indo para a Argentina, principal país receptor de imigrantes da Espanha na época.

Após a Proclamação da República a meta do governo brasileiro era fazer com que o trabalho assalariado criasse raízes no Brasil. Porém, os muitos séculos de escravidão e posteriormente, com uma massa de homens livres pobres e agregados, até o governo brasileiro se mostrava temeroso frente aos novos comportamentos políticos, que exigiam também uma mudança de mentalidade. Por conta disso, o trabalhador que chegava no Brasil era submetido a péssimas condições de trabalho, fato que causava grande decepção aos imigrantes, mas que ao mesmo tempo tinham vergonha de voltar para a Espanha, porque se sentiam humilhados de retornar mais pobres do que quando saíram de lá. Assim, de 1887 a 1914, dos espanhóis que abandonaram oficialmente o estado de São Paulo, 65% voltou para a Espanha, enquanto que 30% rumou para a Argentina ou para o

⁹ Gibraltar é um território britânico ultramarino localizado no extremo sul da Península Ibérica. Corresponde a uma pequena península, com uma estreita fronteira terrestre a norte, é limitado, dos outros lados, pelo Mar Mediterrâneo, Estreito de Gibraltar e Baía de Gibraltar, já no Atlântico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gibraltar>.

Uruguai, 4% para outras regiões brasileiras e 1% foi para os Estados Unidos. Porém, a maioria dos espanhóis não tinham condições financeiras de abandonar o estado e buscava ajuda no Consulado, candidatando-se a uma vaga de repatriação gratuita.

Esse impacto negativo que os imigrantes encontravam no Brasil repercutia imediatamente nas lavouras de café, e ao tomarem conhecimento de que as condições de trabalho eram péssimas e as remunerações muito baixas, esses imigrantes vagavam de uma fazenda para outra tentando melhores salários, a fim de poderem retornar à Espanha ou então para juntar algum capital que lhes permitisse comprar um pedaço de terra. Muitos percebiam que era inútil permanecer no campo e vislumbravam na cidade de São Paulo uma boa opção de melhor vida trabalhando na indústria como operários ou na área de serviços gerais. Como resultado disso, a cidade de São Paulo foi o destino principal desses imigrantes desiludidos com as péssimas condições no campo.

Em 1920 grande número de estrangeiros vagavam pela cidade à procura de qualquer emprego que surgisse, para garantir sua sobrevivência. Esses milhares de estrangeiros desempregados, denominados "vagabundos" pelas autoridades brasileiras, viviam na mais absoluta miséria, causando desconforto à população nativa, quem os via como uma ameaça à "ordem pública". Grande número deles frequentemente aparecia envolvido em crimes e delitos cometidos em São Paulo, além de viverem da mendicância.

A tendência de queda se acentuou, vertiginosamente, a partir da crise econômica de 1929. Além disso, logo após a "revolução de 30", o governo de Getúlio Vargas tomou um conjunto de medidas protecionistas, com o intuito de garantir o emprego dos trabalhadores nacionais, estabelecendo que as fábricas deveriam limitar o número de operários estrangeiros a um terço dos efetivos. Instituiu, também, o processo de "carta de chamada", documento que poderia ser requerido à polícia por um parente do imigrante, ou pelo fazendeiro ou firma que o contratasse, e que permitia o livre embarque e desembarque em território brasileiro (IBGE. Rio de Janeiro, 2000).

A transição de imigrantes espanhóis paupérrimos para as camadas médias e altas da sociedade brasileira não teve um modelo típico, haja vista que poucos foram os que conseguiram juntar algum capital no campo e abrir pequenos negócios na cidade, enquanto outros se dedicaram à construção civil, trabalhavam na indústria ou trabalhavam como profissionais liberais. O sonho de voltar para a Espanha era

enterrado e a medida que iam nascendo os filhos o pouco capital que conseguiam acumular dava apenas para prover seu próprio sustento com a família.

Estudos nos permitem, então, concluir que os espanhóis que emigraram para o Brasil estavam entre os mais pobres, entre aqueles que não tinham condições de comprar uma passagem para ir para a Argentina, Cuba ou para o Uruguai. Isso pode ser comprovado quando se compara as taxas de analfabetismo entre os espanhóis na Argentina e os que migraram para o Brasil, pois naquele país a porcentagem de imigrantes espanhóis alfabetizados era significativamente maior do que no Brasil.

Ao contrário da Argentina, onde a maior parte dos imigrantes espanhóis era formada por homens que chegavam sozinhos, a imigração espanhola para o Brasil foi um movimento migratório familiar, fato que pode ser claramente explicado, porque grande parte dos imigrantes tinham suas passagens de navio subvencionadas pelo governo brasileiro, que preferia atrair famílias ao invés de indivíduos avulsos. Assim, o quadro histórico da imigração espanhola para o Brasil apresenta grande diferença em relação à imigração ao perfil da imigração portuguesa. Dos estrangeiros que deram entrada no Porto de Santos entre 1908 e 1936, apenas 18,4% dos espanhóis chegaram sem suas famílias enquanto 53,4% dos portugueses e 42,3% dos italianos chegaram sozinhos. Porém, o curioso é que no mesmo período, 31,4% dos espanhóis que entraram por Santos tinham menos de 12 anos de idade, sendo esta a maior taxa entre todos os imigrantes.

2.2 O elemento espanhol no Rio Grande do Sul

Diante do impasse provocado pela II Guerra Mundial o movimento de imigrantes para o Brasil foi intenso, muito embora todos os registros históricos indiquem que foram os italianos os que mais se deslocaram para a Região Central do Rio Grande do Sul e de forma bastante expressiva para região de Santa Maria, conforme mostram outros estudos e pesquisas já feitas sobre imigração. Diferentes etnias em diferentes épocas começaram seus deslocamentos para a Região Central, sendo este o caso também dos primeiros espanhóis, especialmente galegos e aragoneses, de que se têm notícias no período compreendido entre as décadas de 1950 e 1960, data onde foi feito o corte histórico desta pesquisa.

Vários historiadores registram que de 1494 até 1777 o atual estado do Rio Grande do Sul pertenceu à Espanha. Houve muitas lutas no passado para demarcação de terras e para definir o atual mapa do Rio Grande do Sul fato que explica a forte influência espanhola nas expressões culturais desde a sua formação e também, de forma particular, em razão das fortes disputas entre Portugal e Espanha por definir as posses do Rio da Prata.

Em relação a esse posicionamento político, Quevedo ajusta muito bem suas afirmações quando diz que:

A preocupação básica do Estado Absoluto espanhola se concentrava na garantia de que as terras do Brasil Meridional situadas abaixo de 23º e pouco sul eram suas. Idéia a que os espanhóis jamais renunciaram. Perseguido-a, trataram de obter a posse definitiva das duas margens do rio da Prata, o que equivale dizer livre circulação e principalmente aniquilar a rota de contrabando anglo – luso – brasileira, via colônia do Santíssimo Sacramento (QUEVEDO, 1993, p. 68)

Portanto, a quem interessava as relações cordiais e pacíficas, expostas na introdução do Tratado de Madrid? Evidentemente ao Estado Absoluto, porque era um momento de acerto político, onde delinea-se, pela primeira vez, a integração do Cone Sul (QUEVEDO, 1993, p. 72).

A partir disso e anos após, pode-se mesmo dizer que sem a participação espanhola a pecuária, que foi a base da economia sul-rio-grandense durante o século XIX e início do XX, não existiria com a grande importância que tem até os dias atuais. Porém, não é apenas nisso que se pode perceber a influência espanhola, porque ela está presente também e de forma bastante acentuada nos hábitos e costumes do povo sul-rio-grandense gaúcho como, por exemplo, na linguagem de fronteira e nas influências culturais.

Em termos de economia pode-se praticamente afirmar então que a maior contribuição espanhola para o Rio Grande do Sul foi realmente a introdução de bovinos. Durante o século XVII, quando a Companhia de Jesus que estava a serviço do Estado espanhol formou suas reduções com os índios guaranis, os jesuítas se preocuparam em dispor de grandes rebanhos de gado a fim de garantir que todos os seus tutelados tivessem a alimentação garantida. Quando os jesuítas foram expulsos, o gado ficou e se proliferou, tornando-se uma atração para portugueses e espanhóis. Os paulistas das bandeiras e os lagunenses, que primeiramente penetraram em território rio-grandense, o faziam, porque vinham em busca de gado para comercializar o couro particularmente, pois a carne ainda não era vista como

elemento de comércio lucrativo, apenas supria as necessidades básicas alimentares daqueles que por aqui se entalavam.

Atualmente, metade das fronteiras territoriais do Rio Grande do Sul se limita com nações de origem hispânica: ao sul com o Uruguai, ao oeste com a Argentina. No século XVII toda essa região pertencia à Coroa da Espanha, porém no século seguinte os portugueses conquistaram algumas áreas e boa parte do território que pertencia às Missões - oeste e leste - sob a nomenclatura de São Pedro, voltou às mãos espanholas, suas tropas ocuparam o sul do estado, estabelecendo-se na cidade de Rio Grande por 13 anos (1763-1776).

No início do século XIX, com a instalação da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, a situação se inverteu, pois foram as milícias luso-brasileiras que ocuparam a área do Uruguai anexando-o ao seu território como Província Cisplatina.

Em termos culturais a influência espanhola se fez presente, em especial na Região da Campanha¹⁰, pois vivendo situações parecidas e com atividades econômicas idênticas, os sul-rio-grandenses dos dois lados desenvolveram hábitos e costumes extremamente semelhantes, como a indumentária e alimentação bastante parecida: pode-se afirmar que a carne é a base alimentar de toda a região sul-rio-grandense, assim como também dos pampas argentinos. Como exemplo disso, podemos citar a região de Santa Vitória do Palmar onde a influência platina se fez sentir até o século XX.

Isolados do país e do estado antes da pavimentação da BR-471, que liga o município à cidade de Rio Grande, os moradores compartilhavam muito mais das atividades do Uruguai do que das que eram desenvolvidas no Brasil. Os brasileiros jogavam futebol com os times uruguaios, tinham o hábito de ouvir as rádios de lá, os jornais e revistas também vinham do vizinho país, fatos que se justificavam, porque a cidade uruguaia mais próxima, Castilhos, está a apenas 70 quilômetros. Foi essa proximidade que trouxe fortes influências lingüísticas com a inclusão de vários termos “acastelhanados” na fala do gaúcho brasileiro. Assim como houve influência na linguagem conseqüentemente também houve na arte: a poesia campeira, com

¹⁰ Região da Campanha (também denominada "metade sul do Estado"), mais voltada à pecuária extensiva e produção de arroz em larga escala; bem como produção naval e serviços; detém cerca de 30% da população do Estado e 15% do seu PIB; dentre as suas cidades mais conhecidas e representativas, citam-se: Pelotas, Rio Grande, Santa Maria, Bagé, São Gabriel, Alegrete, Uruguaiana e Santana do Livramento. Fonte: www.wcams.com.br/descricao_rs.htm.

seus poemas gauchescos, é uma expressão artística e cultural comum aos três países da América do Sul.

Curiosamente, pode-se afirmar que no Rio Grande do Sul não existe sequer uma cidade que possa ser considerada espanhola devido à dominação luso-brasileira desde meados do século XVIII que foi apagando e invisibilizando o espanhol, pois ao contrário dos esforços feitos em outras etnias, não existe ou não se sabe de nenhum trabalho de recuperação e preservação das velhas tradições espanholas na rotina diária dos sul-rio-grandenses.

Historicamente pode-se compreender que cidades de origem missioneira como São Borja, São Luis Gonzaga, São Miguel das Missões e Santo Ângelo poderiam ser consideradas de origem espanhola, porque mesmo estando sob o cunho de Portugal, havia entre eles muitos jesuítas espanhóis nas missões portuguesas, inclusive o Padre José de Anchieta era espanhol. Porém, a dominação portuguesa se impôs de forma tão eficaz que a população de maneira geral não reconheceu o componente espanhol nas suas raízes.

Para um estado como o Rio Grande do Sul, que no passado teve suas terras pertencentes à Coroa da Espanha, raríssimas coisas restaram intactas. E do pouco que restou apenas a indumentária e as formas de expressão ainda prevalecem na fronteira, mas mesmo assim com alterações - mesclada com os costumes dos portugueses que avançaram "a ferro e fogo" para o sul, essa cultura espanhola resultou em algo novo: no homem sul-rio-grandense- o denominado gaúcho do sul do Brasil -, com uma cultura de características próprias.

Ainda assim, pode-se constatar em Quevedo que:

Por fim, hoje, quando se fala da integração do Cone Sul, no contexto de final de século XX, acreditamos que tal debate não só é necessário, como mais cedo ou mais tarde ocorreria, à medida que, na área meridional americana, tivemos um processo histórico comum, onde as nossas diferenças são mais convencionais do que históricas (QUEVEDO, 1993, p. 95).

Segundo alguns historiadores da fronteira, o gaúcho "*é mais espanhol que português*". Observe-se que em Santa Vitória do Palmar situada nos antigos Campos Neutrais - que não pertenceriam nem a Portugal e nem à Espanha, estabelecidos pelo Tratado de Santo Ildefonso, de 1777 - alguns termos e formas de expressão deixam isso muito claro. Apenas como exemplos, citamos os casos do pássaro João-de-barro que naquela cidade é conhecido pelo nome de *ornero* e do

pardal que lá é denominado de *gorrião*, porque tem sua origem no vocábulo espanhol *gorrión*,

Outro exemplo são as cidades fronteiriças fundadas por luso-brasileiros no século XIX como Alegrete, Itaqui, Uruguaiana, Santana do Livramento, Bagé e Jaguarão que têm na sua formação, na sua gente e na sua cultura, fortes traços da cultura espanhola via argentinos ou uruguaios. Nessas cidades ainda há uma intensa troca cultural de valores e costumes que contribuem na composição da diversidade cultural do Rio Grande do Sul. O modo de ser dessas populações de fronteira faz com que as pessoas que lá habitam se reconheçam no linguajar, na indumentária, na culinária, nas festas, na devoção popular valorizando e preservando as origens de muitas famílias, cujos membros se misturam entre platinos e rio-grandenses num caldo cultural hispânico.

Situação idêntica acontece nas demais cidades gaúchas que fazem fronteira com a Argentina ou com o Uruguai como vem sendo o caso de Uruguaiana e Livramento. Apenas para exemplificar, nessas cidades, quando alguém vai a uma loja comprar um ferro elétrico costuma pedir por uma *plancha*, para comprar uma jaqueta *pede* uma *campera*, *se for* para comprar macarrão, pedirá por *macarrones*. Essa *língua de fronteira* é tão forte que as pessoas acabam utilizando termos regionais em sua comunicação habitual.

Entretanto, a única autêntica tradição espanhola, que se mantém com o tempo nas cidades de fronteiras, com o Uruguai especialmente, é a de se levantar pandorgas na sexta-feira santa. Trata-se de uma tradição espanhola que foi trazida de Valência, na Espanha, e recuperada graças à pesquisa de historiadores da região e, segundo a qual, o costume foi levado até Livramento pelos espanhóis que chegaram naquela cidade através do Porto de Montevideu em algum momento do século passado. As pessoas ainda hoje cultivam o hábito de sair muito cedo de casa com um farnel¹¹ na mão e com a pandorga pendurada nas costas, seguindo para os cerros da região, longe dos fios e desde onde praticam esse esporte.

Alguns contadores de história de fronteira dizem que isso pode ser explicado porque em território uruguaio a ferrovia que conduzia até Rivera e que foi inaugurada em 1892 era o caminho pelo qual os espanhóis e italianos desembarcavam a grandes levadas ao Brasil. Quando D. Pedro II visitou Livramento

¹¹ Significado que se dá para “merenda”.

em 1865, o Conde D'Eu registrou em diário que *"de duas mil almas, o elemento brasileiro não representa metade"*. Dentre os europeus, informou ele, predominavam os italianos. Os próprios registros da Associação Comercial da cidade indicam que no final do século passado a maior parte dos comerciantes locais era formada por uma mescla de espanhóis e italianos.

Porém, junto com esses, chegou outro tipo de espanhóis - aqueles denominados anarquistas - que fugidos de seu país, aqui chegavam consolidando um grande grupo na cidade e que patrocinava o que deve supostamente ter sido uma das primeiras greves do Rio Grande do Sul, a dos funcionários do Armour, nas primeiras décadas deste século. Ainda hoje, podem ser encontradas fotos de alguns cartazes que foram escritos em espanhol durante a greve dos trabalhadores do frigorífico fundado na cidade em 1917 e que segue funcionando até presente, porém agora como uma unidade de outro grupo empresarial. Não há mais nenhum indício de anarquistas em Livramento, mas os descendentes daqueles espanhóis ainda hoje são ativos e costumam reunir-se na Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos¹². Seus descendentes continuam presentes no comércio, atualmente fortalecido por uruguaios voltados para o fornecimento de mercadorias para a população de seu país.

Uma forte característica de toda a fronteira é que a população sul-riograndense se abastece no Uruguai ou Argentina e vice-versa, fato que tornou comum também o hábito dos comerciantes brasileiros se abastecerem em território uruguaio ou argentino, enquanto comerciantes uruguaios ou argentinos vêm se abastecer em terras brasileiras.

Em Jaguarão, por exemplo, acredita-se que 20% do comércio estão em mãos de uruguaios. Por outro lado, são os moradores de Jaguarão que detêm cerca de 40% da produção uruguaia de arroz. A cidade de Jaguarão está situada onde antigamente havia a Guarda da Lagoa e do Cerrito, que foi constituída em 1791 pela Coroa Espanhola em terras do lado brasileiro do Rio Jaguarão e estavam dentro de seus domínios. Por isso, dos pouco mais de 200 anos da cidade uruguaia de Rio Branco – separada por um riacho da cidade de Jaguarão –, dez anos foram

¹² Fundada em 1893, com o intuito de prestar auxílio e ser ponto de referência de espanhóis no Estado do RS. Em seu estatuto, tem como princípios norteadores o mutualismo, ser uma sociedade apolítica e não ter credo religioso.

passados em território brasileiro, pois historicamente data de 1801 o início oficial do povoamento daquela cidade.

Hoje em dia não há mais confrontos ou divergências significativas entre nossas fronteiras, pois gaúchos casam com os castelhanos e as cidades fronteiriças formam uma comunidade bastante afável. Isso pode ser comprovado, por exemplo, na fronteira com o Uruguai, onde os aposentados que não têm onde morar, e que passaram a vida trabalhando como peões nas estâncias, preenchem seus dias andando entre uma fazenda e outra em ambos os lados, porque são abrigados e alimentados gratuitamente com base em uma lei dos pampas que não se acha lavrada em nenhum documento oficialmente reconhecido, ou seja, não há registros escritos disso, mas é fato que pode ser comprovado questionando-se qualquer cidadão daquela região.

Nas cidades fronteiriças a convivência e a parceria são ainda muito mais amplas: em Livramento, por exemplo, as redes de água e energia são interligadas com as de Rivera, para que uma cidade socorra a outra em caso de necessidade. Quando se trata de um assassinato, também está convencionado que a investigação e o inquérito correrão na repartição do país onde for encontrado o corpo.

Podemos concluir então que o mito da origem é um conduto que nos permite explorar a memória em seus diferentes níveis, bem como as diferentes formas da identidade (cultural, social, étnico, ideológico...). A tradição tem feito com que o mito permaneça na memória vigente, pois é neste fato que reside uma série de acontecimentos, experiências e valorizações, além de uma série de conteúdos ideológicos, simbólicos e identitários. Então, através do mito, a coletividade de uma determinada região se articula, unifica, buscando um norte, sua pertença e o orgulho de pertencer a esse espaço, o que lhes permite regular e construir sua identidade. Portanto, a memória retroalimenta e fortalece a identidade, porque tem uma construção sobre a base da experiência vivencial.

2.3 Santa Maria – a lenda



Fonte: <http://nozaki.spaces.live.com/blog>

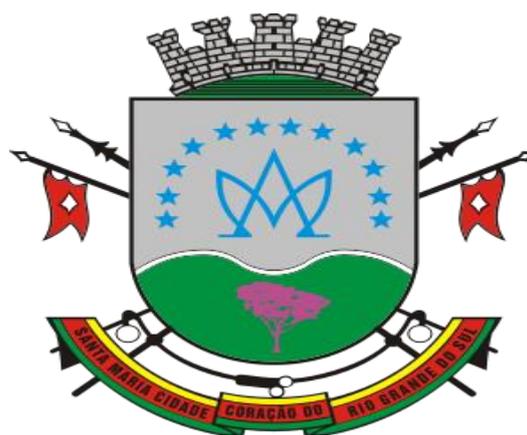
Uma das lendas mais bonitas e tradicionais de Santa Maria conta a história de sua fundação. Ela diz que havia uma índia muito bonita, que se chamava Imembuí e que pertencia à tribo dos Minuanos, um grupo indígena que habitava às margens do riacho Itaimbé.

Certo rapaz da tribo dos Tapes, que morava na outra margem do Rio Acangatu, apaixonou-se por ela, mas Imembuí não nutria o mesmo amor por ele e um dia contou-lhe essa verdade. O jovem ficou profundamente triste e decepcionado com a confissão da jovem índia, adentrou na floresta e, desde então, nunca mais foi visto naquela aldeia. Na mesma época, um grupo de bandeirantes regressava da Colônia do Sacramento¹³ e em meio do caminho avistou a aldeia dos Minuanos e decidiu atacá-la para apreender seus índios, mas foram surpreendidos pela força dos nativos. Os bandeirantes que não foram mortos fugiram ou foram capturados e aprisionados pelos indígenas daquela tribo, sendo que o bandeirante português

¹³ A Colônia do Sacramento era o mais antigo assentamento europeu no Uruguai e um ponto estratégico para os portugueses, porque ficava situado às margens do Rio da Prata e como eles tinham interesse em que suas colônias se estendessem até ali, fundaram uma fortificação. Os espanhóis não gostaram muito dessa história e acabaram tomando a fortificação. Mais tarde, na época de Dom João VI, o Uruguai pertencia ao Brasil, de modo que Colônia voltou para as mãos portuguesas para finalmente sair delas para o domínio espanhol pelo Tratado de Santo Ildefonso em 1777 com a independência uruguaia.

chamado Rodrigo foi condenado à morte. Triste e saudosos, o prisioneiro cantava de saudade sobre sua terra e seu triste destino. Isso comoveu muito a índia Imembuí que acabou se apaixonando pelo rapaz. Sabendo do destino cruel que o aguardava, Imembuí foi suplicar a seu pai, o Cacique Apacani, que o poupasse da dura sorte. Ele a escutou e atendeu ao pedido da filha poupando a vida do bandeirante Rodrigo quem resultou casando-se com a bela índia e, desde então, passou a se chamar Morotin. Eles tiveram um filho, que se chamou José, que se tornou um jovem forte e corajoso, mas um dia embrenhou-se na mata e se perdeu. Depois de muito vagar sem rumo, José conheceu outro índio que comovido com a história do garoto se dispôs a ajudá-lo e o levou de volta até sua aldeia. Os pais de José – Morotin e Imembuí – muito agradecidos deram uma grande festa para comemorar a volta do filho. Durante as comemorações reconheceram o homem, o índio Acangatu, que lhes havia trazido o filho de volta e que no passado havia sido apaixonado por Imembuí. Esta é a lenda da fundação de Santa Maria, originada do amor entre a índia Imembuí e o branco Rodrigo às margens do rio Itaimbé. (Texto adaptado do mesmo blog que o da gravura).

2.3.1 Santa Maria e os registros da História



Fonte: santamaria-rs-brasil.blogspot.com/p/simbolos-de-santa-maria.html

Historicamente data de 1500 a viagem das embarcações portuguesas que tomaram posse das terras brasileiras habitadas até então por indígenas de grupos étnicos diferentes e conflituosos. Os Jês (Tapuias: bárbaros, porque não falavam o

tupi) em combate com os Tupis no litoral, foram expulsos para o interior. Os Aruaques, que viviam na Amazônia, Bacia do Rio da Prata e Bolívia eram do mesmo tronco lingüístico dos Tupis, originários da mesma região. Ambos, Tupi e Aruaque, povoaram o sul em busca da “terra sem males”, mito tupi, ocupando essa área. A introdução da cultura européia na América Portuguesa teve início com a atividade comercial extrativista e com o estabelecimento do escambo, prosseguindo com a atuação jesuítica e os trabalhos de catequização, visando à aculturação e a dominação do indígena brasileiro.

Entretanto, diferentes historiadores afirmam que os mais antigos moradores de Santa Maria eram os índios Minuanos, que habitavam uma região do município conhecida como Coxilha do Pau Fincado – mais para a região da campanha – e os Tapes, em maior número, que viviam na serra.

Em 1777 Portugal e Espanha assinaram um tratado no qual ficou acordado a devolução de terras ocupadas ilegalmente por ambas as partes e que ficou conhecido Tratado Preliminar de Restituições Recíprocas. Em 1787 passa pela região uma comissão formada por espanhóis e portugueses, época em que o território foi dividido em sesmarias – área de terra doada às pessoas - sendo que Francisco de Amorim recebe, então, a parte onde se localizava a cidade, mas em seguida o Padre Ambrosio José de Freitas compra o pedaço de terra recebido por Francisco de Amorim.

Na visão de Rechia (2008, p. 106), pode-se apreciar um texto mais esclarecedor sobre esse episódio, quando ela afirma que:

[...] devido aos constantes conflitos entre os comissários das duas Partidas, impedindo a concretização do Tratado de Demarcação de Limites, foi desfeita a Comissão Mista das duas coroas, e o Governador do continente do Rio Grande do Sul, Sebastião Xavier da Veiga, determinou ao Coronel Francisco José Róscio, comandante da 2ª Subdivisão da Partida Portuguesa, que deslocasse sua Partida das Missões em Santo Ângelo, e descendo a Serra de São Martinho até a primeira guarda avançada denominada Arroio dos Ferreiros, aí acampasse. É estabelecido o Acampamento da Comissão Demarcatória na sesmaria do tenente José Jerônimo de Almeida, que a cedeu ao Padre Ambrósio José.

Brenner (2008, p. 103), no entanto, diz que “a comissão instalou acampamento a pouco mais de 5 km a leste da Guarda, no já então denominado Rincão de Santa Maria, em terras da estância do Padre Ambrósio José de Freitas, cuja sede ficava a poucos quilômetros, a sudeste”.

A única afirmação que bate é quando todos os autores dizem que Santa Maria foi criada a partir de acampamentos de uma comissão demarcadora de limites entre terras de domínio espanhol e português que passavam pela região, em 1797.

Diante dos muitos desentendimentos em relação aos limites dos dois territórios e da desavença com o comissário espanhol, D. Diogo de Albear, em 1797, a 2ª Subdivisão Demarcadora, sob comando do Coronel Francisco João Róscio, retorna para Santa Maria. A comissão montou acampamento onde atualmente está localizada a Praça Saldanha Marinho e a Rua do Acampamento.

O acampamento ficou conhecido por Acampamento de Santa Maria e mais tarde somou-se ao nome um apelido dado pelos espanhóis - Boca do Monte – por situar-se na entrada da serra que leva até São Martinho.

A Rua São Paulo, atualmente Rua do Acampamento, surgiu onde eram instalados os ranchos dos demarcadores. Posteriormente surgiu a Rua Pacífica – atual Rua Doutor Bozzano – que conduzia os habitantes ao Passo da Areia.

O 28º Batalhão de Estrangeiros, que era formado por assalariados para lutar contra os orientais na Guerra Cisplatina, chegou ao local em 1828 e isso intensifica o povoamento da região. Muitos militares optaram por ficar em Santa Maria após a dissolução da tropa. Dessa forma, muitos colonos de São Leopoldo e região foram atraídos dando início ao ciclo de colonização germânica nesta região.

Em 1857 Santa Maria separou-se de Cachoeira do Sul e foi elevada à condição de Vila. O município foi criado em 16 de dezembro de 1857 e oficialmente instalado em 17 de maio de 1858.

O crescimento de Santa Maria deu-se paulatinamente e teve diferentes fases. Primeiramente, foi Acampamento (1787-1801), depois Povoado (1801-1812), Curato (1812-1819), Distrito (1819-1837), Freguesia (1837-1857), Vila (1857-1876) e, por fim, Cidade (1876). Os pioneiros habitantes do distrito da Capela do Acampamento de Santa Maria, chamados de moradores e aplicados, são apontados como os fundadores da cidade. Compreendem aproximadamente 100 índios guaranis, 100 escravos negros e 84 famílias (Fonte: <http://www.santamariatur.com.br/>, em 31/05/2013).

A condição de Coração do Rio Grande é mesmo valiosa. A literatura revela que por estar situada em local estratégico, onde passavam trens que iriam para várias cidades e países, Santa Maria se tornou o maior entroncamento ferroviário do Rio Grande do Sul. A partir de 1905 as ferrovias, que antes pertenciam a Cie.

Auxiliaire¹⁴ foram então unificadas sob o nome de VFRGS - Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Algumas linhas já pertenciam à Cie. Auxiliaire, enquanto outras ao Governo; a VFRGS foi entregue à administração desta última, que por sua vez passou a fazer parte da *Brazil Railways* em 1911. Em 1920 a VFRGS passou a ser uma empresa estatal e em 1957 foi encampada pela RFFSA - Rede Ferroviária Federal, que em 1969 a transformou em uma de suas Divisões.

Atualmente, toda a malha ferroviária do Estado está - com exceção da Trensurb - desde 1996 nas mãos da concessionária ALL - América Latina Logística. Nas páginas das estações os nomes que aparecem são os do concessionário da empresa ou a própria empresa, quando assumida pelo Estado ou União. Mas, o mais interessante é que essa situação foi a mola propulsora para que o município de Santa Maria se tornasse um verdadeiro ponto de encontro de comerciantes, inclusive espanhóis, que vieram de diferentes regiões do país para estabelecer-se e fazer parte do crescimento comercial e do progresso de Santa Maria.

2.3.2 A presença do elemento espanhol em Santa Maria

Santa Maria, carinhosamente chamada de *Cidade Cultura*, é desde a sua origem uma mescla de diferentes culturas como já se afirmou anteriormente, pois imigrantes vindos de além oceanos misturaram seus hábitos, valores e tradições com aqueles que já estavam instalados aqui; dessa aproximação surgiu o grande caldeirão que é o povo santa-mariense.

Nesta seção dedicaremos um espaço especial a etnia espanhola também presente na construção de Santa Maria, ainda que de forma invisível, possivelmente pelo reduzido número de imigrantes espanhóis oriundos principalmente da região da Galícia. Isto porque além daqueles espanhóis que disputavam com os portugueses a demarcação de suas fronteiras e por conta de suas Coroas e dos jesuítas presentes nas Missões, a presença do elemento espanhol não foi expressiva em Santa Maria considerando, entre outros, fatores sócio-políticos, demográficos e as fronteiras de

¹⁴ Por decreto de 6 de junho de 1905, o governo federal unificou a rede ferroviária no Rio Grande do Sul e a arrendou à empresa belga *Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Bresil*, controlada pelo empresário estadunidense Percival Farquhar. Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Viação_Férrea_do_Rio_Grande_do_Sul.

origem espanhola que favoreceram seus deslocamentos para a Argentina e para o Uruguai mais intensamente e por suas raízes, conforme já se mencionamos.

Apesar de não se encontrar nenhum registro escrito e específico sobre a presença desta etnia em Santa Maria, a partir de 1960 já se pode delinear a sutil presença dos galegos na cidade pelos depoimentos dos seus descendentes que foram entrevistados para este trabalho, o que mostra, além de sua presença, a condição de mão de obra e força de trabalho para o engrandecimento e progresso da cidade, a partir de então.

2.3.3 Os personagens desta história

Cinco elementos de diferentes famílias foram entrevistados para o acervo patrimonial e histórico desta pesquisa e todos contribuíram solícita e gentilmente, para que este processo se cumprisse dentro dos trâmites da legalidade. Alguns puderam colaborar com fotos e documentos, enquanto outros, por serem descendentes de pais espanhóis que já não vivem, tiveram dificuldades em localizar antigas fotos, certidões e documentos em geral, o que alterou, de certa forma, o formato pretendido para esta dissertação, sem no entanto, ofuscar a beleza das histórias de vida que foram reconstituídas.

1. Álison Monczak Pena - nasceu em Santa Maria - RS – , em 1971, filha de Nádia Monczak, nascida em Mallet - PR em 18 de maio de 1937 e de José Pena Cabaleiro, imigrante espanhol nascido em Negreiros - Silleda Província de Pontevedra, em 23 de março de 1929 e falecido em Santa Maria - RS – em 1999.

Álison nos conta que seu pai, José Pena Cabaleiro, veio para o Brasil e desembarcou no Porto de Santos – SP - em 20 de outubro de 1954 e de lá para Curitiba – PR - com intenção de melhores condições de vida, pois naquele tempo a superpopulação e a fome que se instaurou na Espanha pelo regime da ditadura de

Franco, obrigaram a que milhares de jovens se lançassem em buscas de novas probabilidades de uma vida melhor.

Do Porto de Santos - SP –, o senhor José Pena Cabaleiro – que sendo espanhol deveria chamar-se José Peña Caballero, mas que em sua Certidão de Nascimento consta como o primeiro nome citado - viajou até Curitiba – PR -, pois lá já se encontravam muitos patrícios seus morando e trabalhando na cidade. Ele, então, começou a trabalhar de imediato em uma fábrica de sapatos e mais tarde em uma confeitaria que era de propriedade de um imigrante espanhol e ponto de encontro de outros espanhóis que haviam chegado antes do senhor José. Álison nos conta que a confeitaria existe ainda hoje em Curitiba - “Confeitaria das Famílias” -, de propriedade de um espanhol e, também, por ser o local onde trabalhavam e se reuniam outros espanhóis.

Dona Nádia, mãe de Álison, acrescenta que ela trabalhava na “Confeitaria das Famílias” – Curitiba – e que foi lá onde conheceu o senhor José com quem veio a casar-se anos mais tarde.

Quando perguntada sobre como se desenvolveu a história de seus avós e de seus pais até ela, Álison diz que seus avós espanhóis se chamavam José Pena e Florinda Cabaleiro, tiveram três filhos e duas filhas e que todos eram pequenos agricultores no seu país de origem. Seu pai, José Pena Cabaleiro prestou serviço militar como soldado da aeronáutica, quando ainda vivia na Espanha e depois trabalhou em uma carvoaria de lá mesmo. No Brasil trabalhou em uma fábrica de sapatos de 1º de dezembro de 1954 a 02 de maio de 1956, depois como servente/confeiteiro na Confeitaria das Famílias de 1º de março de 1957 a 1967. Depois disso, resolveu mudar de vida novamente e rumou para Montreal – Canadá – onde permaneceu por aproximadamente um ano trabalhando em uma fábrica de parafusos, e depois em uma feira de exposições. Como continuasse mantendo contato com os amigos no Brasil, entre eles o senhor “Pepe”, quem certa ocasião escreveu uma carta perguntando-lhe se estaria interessado em regressar ao Brasil, pois que ele – dom Pepe - já estava estabelecido há algum tempo em Santa Maria, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, e trabalhando na confecção de roupas infantis. Contava o senhor Pepe, em sua carta a José, que havia uma confeitaria cujo ponto estava à venda e que poderia interessar ao amigo. Revela-nos Álison que então seu pai retornou a Curitiba em 31 de julho de 1968, reencontrou com dona Nádia, casaram-se em 21 de agosto de 1968 vieram para Santa Maria, compraram o

ponto da confeitaria que estava à venda e dois dias depois inauguraram a CONFEITARIA COPACABANA na 1ª quadra da Rua Dr. Bozzano – hoje Calçadão Salvador Isaías - e que permanece, embora sob outra direção.

Álison nos diz que:

[...] nasci praticamente dentro dessa confeitaria, minha infância, juventude e início da fase adulta foram passadas dentro desse estabelecimento, até que em 1989, quando meu pai se aposentou resolveu vendê-la. Meu pai veio a falecer em 21 de julho de 1999.

Quando perguntada sobre as lembranças do passado que ela gosta de recordar, Álison diz se lembrar de duas ou três “gaitas de boca” que seu pai tinha e de onde tentava tirar algum som. Também adora recordar as histórias que seu pai lhe contava sobre travessuras que ele aprontava para seu irmão menor, que se chamava Albino, quando ainda viviam todos na Espanha.

Acrescenta também Álison, com certa emoção, que acha falta dos fins de semana, das festas de fim de ano que passavam juntos na chácara com a família do senhor Otero ou “Pepe” dono das Lojas Paraíso Infantil, que também era espanhol. Para ela, foram momentos inesquecíveis!

Álison diz não saber se sua família sofreu algum tipo de discriminação, mas lembra que espanhóis e portugueses aqui de Santa Maria preferiam reunir-se entre os mesmos, que cultivavam o hábito de reunir-se à mesa para comer com as famílias, tomar um bom vinho, conversar, escutar boa música, dançar e acrescenta, com certo entusiasmo, que ela herdou isso de seu pai, porque continua a sair, a ouvir e dançar boa música. Afirma ela que vê na culinária e na dança gaúcha muito da cultura espanhola e que se tivesse que organizar algum monumento em homenagem à presença espanhola em Santa Maria, Álison diz que:

Em primeiro lugar citaria que estes espanhóis foram os pioneiros aqui em Santa Maria na indústria e comércio, trazendo de longe receitas de doces completamente diferentes dos que aqui existiam [...] também a criação, costura e venda de roupas infantis [...] Creio que deva ser algo colocado no próprio “Calçadão” ou na “Praça Saldanha Marinho” pois esse foi o marco inicial do comércio daquela época e que perdura até hoje, pois quem não conhece o termo “Primeira Quadra da Bozzano”?

Perguntamos à Álison se ela gostaria de fazer algum comentário sobre esta entrevista ou acrescentar algo que ela considerasse importante:

[...] gostaria de agradecer vir a público e esclarecer certos pontos que me deixavam inconformada. [...] poder trazer à tona a história de luta, esforço e

sacrifício que meus pais passaram para poder se manter nessa terra. [...] a forma solidária e amistosa como foram recebidos pelo senhor Pepe e dona Marilene [...] até conseguir comprar um ponto que existia na Primeira Quadra da Bozzano, para transformar aquilo em uma confeitaria, dando o nome de Copacabana. Esse nome era em homenagem à famosa praia do Rio de Janeiro, não me perguntem por que isso eu não sei responder. Meu pai com sua experiência trouxe receitas que nunca haviam sido feitas por aqui, a famosa rosca espanhola, panelinhas de côco, massas folhadas de vários tipos, tartaletas, madrelen, papo de anjo, presidente, bomba, olho de sogra, etc. Quando meu pai se aposentou resolver vendê-la de “Porteira Fechada” como se dizia antigamente, os funcionários continuavam a trabalhar lá. Ele ensinou ao novo proprietário todas as suas receitas e creio que o que seja mais importante, deixou para ele o famoso nome que é “Confeitaria Copacabana”. A este apenas restou usufruir dos louros antes conquistados com o esforço do meu pai. Claro, não desmerecendo as novas criações do novo proprietário. Mas quero deixar bem claro que o pioneiro foi José Pena Cabeleiro, meu pai, e quando escuto algo diferente sinto que estão tentando apagar meu pai da memória desta cidade.

Álison nasceu em 06 de dezembro de 1971, é Pós-Graduada em Psicopedagogia e casada com Igor Marques, nascido em Passo Fundo - RS em 1980, filho de Cleber Marques e de Iracema da Silva Marques. Ele é militar, formado em Administração, atualmente cursando também Direito na FADISMA. Igor tem um único irmão que se chama Anderson. Até a presente data o casal, que reside em Santa Maria - RS, não tem filhos.

Quando perguntamos à Álison se ela gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não lhe tenha sido perguntada, ela diz estar muito emocionada nossa pesquisa que se preocupa em recuperar reavivar a memória e com isto a existência e o trabalho de seu pai, José Pena Cabeleiro, porque, muito embora nunca tenha sido alvo de discriminações de qualquer espécie, ela também nunca antes se sentiu tão valorizada por sua origem espanhola, do que sente profundo orgulho, como neste momento em que aparece como personagem de uma história de valores étnicos. Segundo Álison, seu pai foi um exemplo de bravura desde o momento em que, sem conhecer nada além do horizonte que vislumbrava em sua terra natal, se lançou num porvir de sonhos e ideais, atravessando mares e oceanos por um futuro supostamente melhor, deixando para trás pai, mãe, irmãos, costumes e todos os valores que lhe davam sustentação identitária e dentro dos quais havia sido criado e educado.

De uma forma muito carinhosa e cheia de orgulho, Álison preserva a memória do pai portando uma quantidade considerável de documentos, fotos e objetos que pertenceram a ele e, também, mantendo contato com os parentes que ficaram na

Espanha e com os quais continua se comunicando constantemente e visitando em oportunidades que se apresentem anualmente.

Dentro deste quadro e nesta expectativa, Álison se propõe a nos auxiliar na futura construção da história de vida do senhor José Pena Cabaleiro, seu pai, de quem guarda profundo orgulho e admiração



Álison Moncsak Pena em uma foto com seu esposo Igor Marques, natural de Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

Fonte: Acervo pessoal de Álison Moczak Pena/Facebook.



Àlison que nasceu em 6 de dezembro de 1971, é Pós-graduada em Psicopedagogia e casada com Igor Marques nascido em Passo Fundo - RS.

Fonte: Acervo pessoal de Àlison Monczak Pena/Facebook.

2. Rosane Otero Abreu – nasceu em Santa Maria, em 23 de março de 1968, filha de Marilene Barão e de José Maria Jesus Ocampo Otero, imigrante espanhol nascido em Negreiros – Silleda Província de Pontevedra em 1929 e falecido em Santa Maria – RS - em 1999.

Os avós espanhóis de Rosane, senhor José Ocampo Lopes e dona Dolores Otero Ocampo permaneceram em Silleda toda vida e lá tiveram cinco filhos: Maria, Jesus Maria José, Manoel, Conceição e Juan. A família era formada de pequenos e médios agricultores que trabalhavam em suas terras para a subsistência própria, até que veio a grande crise econômica que assolou a Europa, a ditadura de Franco que violou todos os planos e rumos de vida de uma população inteira e forçou a família Ocampo Otero a repensar sua sobrevivência. As exigências impostas por Franco obrigavam aos homens das famílias a lutarem em seus exércitos, a defenderem

suas ideologias e seu regime ditatorial. O senhor Jesus José Maria Ocampo - de cognome *Pepe* - na ilusão e bravura de seus jovens anos resolveu aventurar-se pelos mares do mundo migrando para o que ele considerava como sendo a “*terra prometida*”, pois muitos jovens daquela época lançavam-se pelo mundo para fugir da crise européia.

Rosane diz não se lembrar muito bem, mas repensando épocas, ela nos conta que seu pai desembarcou no Rio de Janeiro por volta de 1949, para trabalhar em uma padaria como atendente, depois se tornou vendedor de sapatos e bolsas. Anos mais tarde, tornou-se representante e comerciante de roupas também, visto que o comércio de roupas e calçados se expandia pelo interior do país. Anos mais tarde, em uma de suas viagens a Curitiba- PR, dom Pepe conheceu outros espanhóis e portugueses com quem costumava reunir-se na “Confeitaria das Famílias” – que existe até os dias atuais – e lá conheceu o senhor José Pena Cabaleiro, também espanhol, natural da mesma região da Galícia, tal como ele e tornaram-se grandes e inseparáveis amigos.

Passados alguns anos, viajando pelo interior do Rio Grande do Sul, dom Pepe conheceu a dona Marilene, uma garota que, naquela época, exercia a função de balconista em uma loja de Bagé, onde ele comercializava os produtos que vendia. Ambos se apaixonaram e se casaram em outubro de 1960, vindo a fixar residência em Santa Maria, pois a cidade parecia boa para o comércio, segundo a visão que tinha dom Pepe para o comércio de roupas e calçados infantis. Então, marido e mulher se lançam no propósito de começar a produzir seu próprio negócio e, enquanto ele seguia com as vendas pelo interior do Rio Grande do Sul, ela idealizava e produzia roupas infantis, pois não havia na cidade nada que fosse especializado neste gênero.

Em 7 de setembro de 1961, nascia a fábrica e a primeira loja das Lojas Paraíso na Galeria do Comércio, porém com o nome de “Boutique Infantil”. A fábrica ainda hoje continua situada á Rua Olavo Bilac conjuntamente com a residência da senhora Marilene e de seu filho Ricardo. Atualmente a família possui uma rede de outras três lojas distribuídas pela cidade, além de dois hotéis familiares, denominados de “Hotel Paraíso”, sendo que um está situado na Rua Venâncio Aires e o outro de maior porte na Rua do Acampamento.

Segundo Rosane, sua mãe, dona Marilene e seu pai, dom Pepe, tiveram cinco filhos: Andrés, Marisol, Rosane, Fabiana e Ricardo. Andrés vive em Zurique

onde é fotógrafo profissional, casado com Teresa e têm um único filho que se chama João. Marisol é médica, permanece solteira e reside em Verona – Itália -, enquanto Fabiana preferiu seguir a vocação de religiosa e vive em San Michel, região próxima a Paris.

Durante a entrevista Rosane demonstrou certo constrangimento em detalhar pormenores das vidas dos irmãos, porque não se sentia autorizada a fazê-lo, visto não os ter consultado e não saber se estariam dispostos a contribuir para o processo da entrevista que realizamos para este trabalho de pesquisa sobre História Oral.

Quanto a sua vida pessoal atualmente Rosane nos diz que tem uma loja especializada em uniformes escolares, uniformes em geral, à Rua Pinto Bandeira, próximo à Brigada Militar de Santa Maria/RS e um canil; casou-se com Cláudio Kucera de Abreu em 15 de dezembro de 1984 e teve a Raphael, Lucas, Felipe, Daniel e Luiza. Todos têm cidadania espanhola, estudam e residem em Santa Maria. Ricardo, seu irmão mais novo, permanece solteiro, vive em Santa Maria com sua mãe, dona Marilene e conjuntamente cuidam dos negócios da rede de lojas e hotéis que criaram e fundaram na cidade.

Quanto às lembranças do passado, Rosane nos revela com certa nostalgia que sempre se recorda e comenta com seus filhos sobre os passeios de carro que ela e seus irmãos faziam com seus pais aos domingos, para conhecer novos lugares e para brincar ou para visitar ao “tio Manoel”, casado com a “tia Mercedes”, em Montevideú. *“Lá a gente ainda tem as primas Adriana e Mercedes, quem visitamos regularmente todos os anos e passamos sempre momentos lindos que nos reportam à nossa infância, quando tínhamos nossos pais e toda família feliz”*, diz nossa entrevistada.

Rosane diz que se sente muito grata à nossa pesquisa e à Universidade Federal de Santa Maria, especialmente ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural por fazer o registro de sua família, pois isto poderá servir para que seus filhos, um dia, prossigam na construção da árvore genealógica da família de Jesus Maria José Ocampo Otero – *Pepe* para os amigos.

Acrescenta que gostaria muito de poder contribuir ainda mais detalhadamente, mas que no momento tem sua mãe acamada e seus compromissos para atender, o que lhe toma tempo para poder procurar outros documentos e detalhes de seu pai. Porém, ela diz que estará sempre à disposição

para complementar quaisquer pesquisas sobre seu pai espanhol em outras oportunidades que se fizerem necessárias.



Na foto, Rosane Otero de Abreu, sentada à esquerda, com os filhos Raphael, Lucas, Felipe, Daniel, Luiza e o marido Cláudio Kucera de Abreu e na foto de abaixo apenas os filhos.

Fonte: Acervo pessoal de Rosane Otero de Abreu.



Rosane se lembra de vários períodos de sua infância com os pais e irmãos, quando ainda pequenos, todos em torno da mesa para as refeições, depois da missa, porque eram muito católicos. Diz ela que as festas eram sempre durante as refeições e que seu pai sempre se portou como um brasileiro nato, talvez, por isso nunca tenha se sentido socialmente invisível; entretanto, conservou o hábito espanhol de jamais fazer uma visita sem ser convidado, porque dizia que na Espanha isso significava absoluta falta de educação e bons hábitos.

Quando lhe perguntamos se ela gostaria de fazer algum comentário quanto à nossa pesquisa, Rosane nos disse que: *“Achei muito boa a iniciativa da Professora Nara Soares Torres, pois a história de nossa cidade é muito pouco conhecida e sem esta pesquisa todo o legado dos espanhóis de Santa Maria ficaria no esquecimento”*.

3. Samuel Alvarez Gonzáles - nascido em Santa Maria em 29 de agosto de 1996, filho do espanhol Domingo Alonso Gonzáles - natural de Tribes, Província de Orense - Região da Galícia e da espanhola Remedios Alvarez Alvarez, também natural da mesma localidade.

Conta-nos Samuel que, logo após a ditadura de Franco, a vida na Espanha ainda era muito difícil, porque a população subjugada ao regime ditatorial de longa data ainda sofria as graves conseqüências, como desemprego, falta de oportunidades e quem ficava por lá não prosperava seguramente. Recém casados, seus pais Domingo e Remedios estavam decididos a imigrar para a Suíça onde muitos espanhóis já estavam localizados e trabalhando em indústrias, fábricas e outros diversos setores. Entretanto, três dias antes de embarcar para a pretensa Suíça, seu pai Domingo encontrou-se com um capelão que muito lhe falou sobre Santa Maris/RS – Brasil, e das oportunidades que estavam trazendo muitos outros portugueses, italianos e espanhóis para esta região, que parecia ser muito boa para quem estava iniciando uma nova vida e tinha uma paisagem muito semelhante à região de Tribes - Espanha. Então, o novo casal decidiu aceitar a sugestão do Capelão, mas tinham em mente que, se não se adaptassem em Santa Maria, eles, então, migrariam para a Argentina ou para EUA.

Em 1961, os pais de Samuel desembarcaram no Rio de Janeiro, mas foram para Santos e de lá para Santa Maria, fixando residência onde atualmente está a Farmácia São João, na Rua Dr. Bozzano e ali começaram a trabalhar na fabricação de chaves, segredos e aberturas de cofres para a cidade e região, que percorria em bicicleta para cumprir seu trabalho, enquanto dona Remedios atendia aos clientes na loja, consertava sombrinhas, guarda-chuvas, fazia decoração para festas de debutantes com lindas sombrinhas brancas, etc..., além de cuidar da família, pois os filhos foram chegando ao mundo também. Desta união nasceram os brasileirinhos: Samuel, Angelino e José.

Samuel está casado com Michele com quem tem dois filhos: Murilo de três anos e meio e Júlia de sete meses. Não desejou falar sobre os irmãos, apenas contou que estão bem, ambos trabalhando e que Angelino está casado, mas José continua solteiro. Todos trabalham com fechaduras e chaves na cidade e região, a profissão que o pai lhes ensinou.



Samuel com a esposa brasileira Michele e os filhos Murilo de três anos e meio e Júlia de sete meses em uma foto recente de 2013.

Fonte: Acervo pessoal de Samuel Alvarez Gonzáles.

Quando lhe perguntamos sobre coisas da infância que gosta de relembrar, Samuel foi categórico em afirmar:

Me marca muito os almoços e jantares, quando meus pais nos contavam de suas vidas na Espanha, desde muito jovens, de quando se conheceram, como era a vida por lá naquela época, das festas e costumes que tinham [...], isso marcou tanto em mim que agora vou todos os anos visitar minha mãe, levo minha família e mostro tudo para eles.

Sobre a questão da invisibilidade social, Samuel nos diz que:

Creio que meus pais nunca se sentiram discriminados ou invisíveis, apenas tiveram um pouco de dificuldade para conseguir alugar um local, porque se exigia um fiador, que eles logicamente não tinham por serem estranhos na sociedade santa-mariense. Mas, então, pagaram uma caução de três meses adiantados e tocaram a vida para frente. E prosperaram [...].

Samuel não revelou a data exata da morte de seu pai, preferiu dizer que foi nos anos de 1990 e que em 1999 sua mãe, dona Remedios, viajou para a Espanha a fim de receber a pensão a que tinha direito, por trabalhos anteriores prestados por seu marido Domingo, quando ainda viviam lá e no ano de 2000 retornou definitivamente à Espanha onde vive um novo matrimônio.

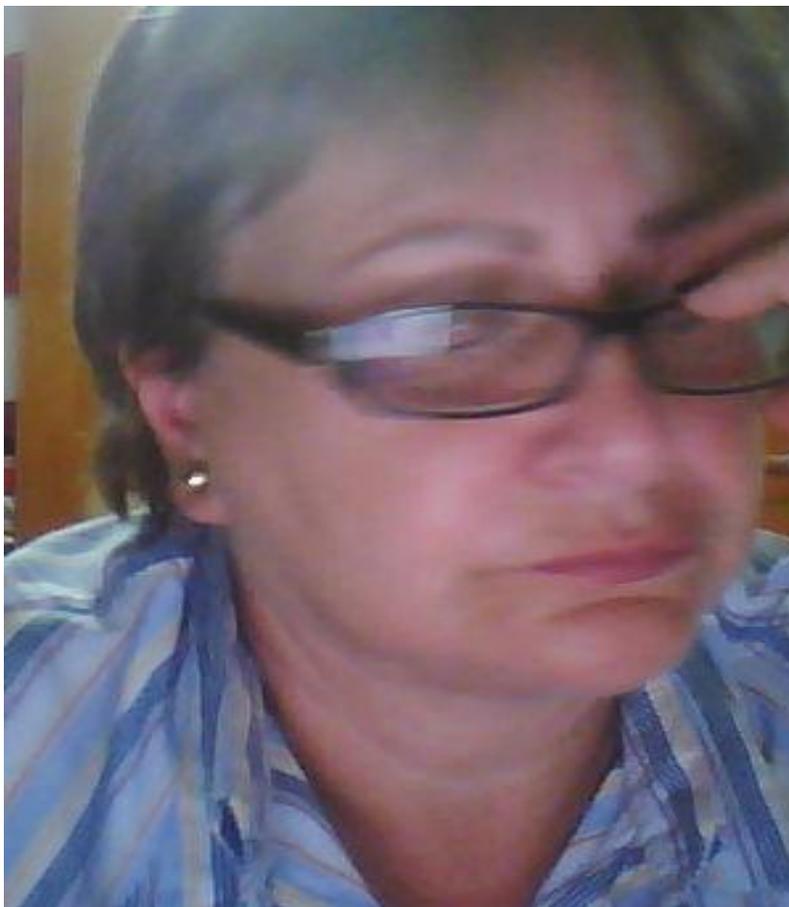


Domingo Alonso Gonzáles com a esposa Remedios em uma foto tomada em Barcelona – Espanha nos anos de 1960.

Fonte: Acervo pessoal de Samuel Alvarez Gonzáles.

4. Encarnación Almudi Villen - nasceu em 05 de abril de 1949, em Zaragoza, capital da Província de Aragón, Espanha. Filha de Serafin Rafael Almudi Almudi nascido em 08 de junho de 1917 em Zaragoza – Espanha- e de María del Pilar Villen Romero de Almudi, nascida em 24 de setembro de 1923 na mesma cidade espanhola. Seus pais tiveram três filhos: a própria Encarnación e Rafael Almudi Villen, nascido em 27 de setembro de 1947 e Encarnación, nascida em 1949, ambos de Zaragoza – Espanha, e Elvira Villen Almudi que nasceu no Brasil.

Encarnación é solteira e professora aposentada do Curso de Biologia da UFSM.



Fonte: Facebook de Encarnación Villen

Encarnación nos relata que seu pai era adotado e sua mãe filha de militares, por isso ela nunca teve problemas políticos e jamais sofreu qualquer repressão com o regime ditatorial de Franco. Porém, sua mãe enfrentou grandes dificuldades

econômicas para criar os filhos, o que refletia profundamente na alimentação da família. Como sua mãe não tivesse leite para amamentar aos filhos, *eles necessitavam de leite de vaca, leite em pó ou leite de cabra para sobreviver; porque isso era tudo que se conseguia no mercado negro*, acrescenta ela.

Conta-nos Encarnación que seu irmão, nascido em 1947, sofreu graves infecções intestinais em razão das variações e tipos de leite que se conseguia naquela época, em consequência da ditadura de Franco, que restringia os direitos e cuidados das famílias para com seus filhos, além de restringir e delimitar o acesso a empregos.

Ela diz que:

Nisso tudo a dificuldade do meu pai conseguir emprego, pois antes da guerra ele era politicamente “contra” o regime franquista, por isso, apesar de lutar a favor de Franco, ficou marcado na ditadura e tinha graves dificuldades de conseguir emprego.

Explica nossa entrevistada que, na época, o Brasil era visto como o país da esperança, do futuro e da *“nossa salvação de um regime de perseguição e fome”*, acrescenta ela. A riqueza do Brasil era comentada em toda a Europa e seu povo era visto com bons olhos, além de ser visto como um país muito promissor e gerador de empregos.

Quando lhe perguntamos como se deu a vinda para o Brasil, Encarnación respondeu que seu pai conheceu a um senhor que era diretor da CVB (Companhia Comercial de Vidas do Brasil), o qual de pronto lhe ofereceu emprego como vendedor e onde ele trabalhou por nove meses nessa condição. Após um ano, por meio de conversas com outros imigrantes, soube das possibilidades de trabalho em Santa Maria, para onde migrou, fundamentou e estabeleceu-se com sua família.

Encarnación afirma não ter maiores recordações da sua infância, porque tinha apenas três anos e meio, quando veio para o Brasil. Lembra-se apenas das histórias que sua mãe lhe contava. Além disso, seu pai jamais falou sobre a guerra, para ele *“sempre foi um assunto TABU e muito dolorido. A gente se acostumou a esse silêncio e o respeitou.”*, acrescenta ela categoricamente.

Quanto às tradições espanholas mantidas pela família, Encarnación cita a culinária, a música e o modo de criação, a educação dos filhos, mas ressalta que:

O filho homem sempre foi o preferido do pai e as filhas da mãe. Nem por isso menos amadas por ambos. O restante das tradições se perderam. Em

termos de educação política, o silêncio de meu pai me marcou muito em relação ao regime de Ditadura.

Quando perguntada se saberia nos informar se sua família sofreu algum tipo de discriminação por ser estrangeira, ela é categórica em afirmar que *“nunca sofremos absolutamente nenhum tipo de discriminação”* e, até considera que, a adaptação da família foi saudável, pois entre outros fatores, a cultura gaúcha, segundo suas palavras, *apresenta muitos aspectos em sua cultura que são semelhantes aos da Espanha, como a linguagem, a vestimenta, as danças, os penteados e a educação (homem/mulher).*

Também perguntamos à Encarnación que tipo de monumento gostaria de organizar para homenagear a presença do elemento espanhol em Santa Maria, ao que ela afirmou com precisão e absoluta certeza que seria *“um monumento aos primeiros espanhóis que aqui apareceram”*.

E para finalizar a entrevista, Encarnación falou que nossa pesquisa lhe pareceu *bastante importante e precisa, no sentido de recuperação da memória espanhola em Santa Maria*, pois havia falta de conhecimento, de movimentação e reconhecimento dos espanhóis presentes nesta cidade e que nosso trabalho logrou tocar à sensibilidade de seres que também estão inseridos na sociedade santamariense, que também somam cultura à diversidade cultural e finaliza dizendo que *“sempre o resgate da história é a garantia do futuro”*.

Não foram repassadas fotos, certidões de nascimentos, nomes de outros familiares, suas ocupações ou outros documentos comprobatórios, porque a família se permitiu o direito de calar. Sendo assim, a entrevista com a professora Encarnación Almudi Villen, única espanhola nata, viva em Santa Maria e com quem tivemos a agradável oportunidade de estar, foi apenas escrita porque, diferentemente dos demais entrevistados, ela optou por não gravar.

5. Marta Regina Lopes Tochetto – filha de espanhóis que se estabeleceram no Brasil, Marta nasceu em Santa Maria, em 21 de abril de 1957, é professora ativa do Curso de Química da UFSM, viúva de Rogério Tochetto e filha do espanhol Bonifacio Rodrigues Rodrigues (que não se sabe o porquê de no Brasil ter passado a assinar Rodrigues Lopes), nascido na Província de Orense - Região da Galícia, em

1916 e da brasileira Carolina da Silva, nascida em 1930, natural de Santa Maria. Marta nos conta que seus avós, Porfirio Lopes e Rosa Salgado Lopes se viram obrigados a sair da Espanha, porque o período pró e pós ditadura de Franco foi muito difícil para todos, então sua avó se armou de coragem e migrou para o Brasil com os filhos Bonifacio, Laura - Alzira e Argemiro, nasceram no Brasil -, enquanto seu esposo Porfirio foi tentar a vida em Cuba. Sua avó Rosa desembarcou em Recife em 1930 e de lá viajou com os filhos até Santos/SP, pois era onde já tinha familiares, entre eles, estava a “tia Carmen”. *“A escolha pelo Brasil se deu, porque meu avô já havia estado aqui e tinha vontade de voltar, conta Marta. Ao se desfazer do que tinha na Espanha (terras), meu pai, Bonifacio, veio para o Brasil com minha avó Rosa e os irmãos (duas mulheres e dois homens), quando ele tinha apenas quatorze anos. Meu avô foi para Cuba e lá plantava cana. Quando da revolução cubana ele foi expatriado e decidiu juntar-se à família no Brasil”. Primeiramente meu pai Bonifacio, juntamente com minha avó Rosa e os demais irmãos dele, se instalou no Km3 e depois no Bairro Perpétuo Socorro, em Santa Maria. A produção de ovos e verduras para a manutenção da família também originava alguma renda [...]. A partir das vendas em cesta e de casa em casa, meu pai foi se tornando um comerciante diferenciado em Santa Maria.*

Marta descreve seu pai como um galego teimoso, persistente, trabalhador e corajoso, pois uma vez chegado já começou a trabalhar de porta em porta e depois alugou um espaço na Avenida Rio Branco para instalar a Mercearia do Bonifacio, que foi se especializado em pastéis, porque ele tinha habilidade para as massas, secos e molhados, queijos e vinhos da melhor qualidade, muito embora tenha apenas se alfabetizado, porque não houve tempo para estudar.

Marta afirma com certo orgulho que seu pai tinha talento, habilidade e muita “garra” para os negócios, que procurava sempre produtos de qualidade, *tanto que foi o primeiro importador de frutas e vinhos da Argentina, França e Espanha, desde 1965. Com muita propriedade ela afirma que “[...] meu pai nunca foi bajulador, se orgulhava de si mesmo, era autêntico em tudo que fazia, valorizava demais o povo europeu pela bravura e história vitoriosa, tanto que nunca absorveu os hábitos e costumes, nem os padrões locais. Ele criou um território para atenuar a imensa saudade que sentia da terra espanhola. Aqui fez muitos amigos como Derblay Galvão, Homero Bernardis (ambos foram Reitores da UFSM), Nelson Jobim (político), dentre tantos outros, tinha o bom hábito de reunir-se aos sábados com os*

amigos na Mercearia do Bonifacio para conversar e trocar ideias. Mas, vale acrescentar também que meu pai era apaixonado pelos filmes de Sarita Montiel, assistia quatro ou cinco vezes o mesmo filme dela quando nas telas do antigo Cine Glória, nos revela Marta.

O senhor Bonifacio Radrigues Lopes faleceu aos 82 anos, acometido de diabetes, deixando sua esposa, dona Carolina (Carola), aos cuidados dos filhos: Marta Regina, Rosa Lia, Senen, Maria Dejjane, Servando e Fernando. Atualmente dona Carolina está com 83 anos e reside em Minas Gerais com o filho Servando.

Quanto a Marta, nunca mais se casou depois da morte trágica de seu marido, o engenheiro Rogério Tochetto, com quem esteve casada desde 1979 até 1992. Ele morreu atingido por um raio, quando jogava futebol com amigos. Desta união Marta teve quatro filhos: Felipe que está com 33 anos, é casado com Fernanda Centurión e reside no Rio de Janeiro; André de 32 anos mora em Porto Alegre e tem uma filhinha de quatro anos, que se chama Giovana, primeira e única neta de Marta até o momento; Guilherme de 28 anos, professor de Educação Física, faz Mestrado em Fisiologia, é solteiro e mora com sua mãe Marta em Santa Maria; Graciele de 24 anos, solteira e trabalha na Editora Abril e mora em São Paulo.

Quando perguntada sobre suas memórias, Marta diz que gosta de lembrar-se da disposição do pai para o trabalho, da mesa posta em família, do cardápio a base de mariscos, pois tudo remetia seu pai aos costumes espanhóis, dos quais ele tinha orgulho e fazia questão de pertencer. Acrescenta Marta que depois que seu pai faleceu as reuniões de família regadas a bacalhau, batatas, azeite de oliva e vinho, se perderam e que se tivesse que construir um monumento em Santa Maria, seria algo que trouxesse à memória santa-mariense esses bons costumes de comer e viver bem em família, porque considera que isso retrata a cultura de desenvolvimento e bem estar social de toda e qualquer comunidade em sua diversidade cultural.

Marta acrescenta também que, embora reconheça que se tenha perdido muito das tradições espanholas, ela particularmente cultiva em sua vida familiar os bons costumes e princípios herdados de seu pai e que sente no seu temperamento o calor e a garra do sangue espanhol que corre em suas veias, porque se sente dinâmica, extrovertida e empreendedora como seu velho pai, de quem recorda com emoção e amor e de quem sente profundo orgulho.

Ela diz sentir-se muito feliz e realizada pelo legado de bons princípios e costumes, de verdadeiros valores e de boa conduta recebidos de seu pai e arraigados a sua formação familiar; por isso, criou seus filhos sobre as mesmas bases familiares que herdou de seus pais, mas com a coragem e bravura de seu pai Bonifacio Lopes, espanhol de alma e coração, mas de raro exemplo de ética e conduta profissional.



Nesta foto, Marta aparece sentada com seu primeiro filho Felipe no colo, o marido Rogério e amigos dos tempos do Ginásio do Corinthians, em Santa Maria, onde os jovens se reuniam para jogar basquete, vôlei e outros esportes daquela época.

Fonte: Acervo pessoal de Marta Lopes Tochetto/Facebook.



Acima, Marta Regina Lopes Tochetto com os filhos Felipe, André, Guilherme e Graciela em foto tomada em uma das tantas reuniões da família, em Porto Alegre/RS e abaixo André com sua filha Giovana.



Fonte: Acervo pessoal de Marta Lopes Tochetto/Facebook.



Na foto acima, Marta Lopes Tochetto com seus filhos Felipe, Guilherme, Graciela, André e a neta Giovana, porque a felicidade desta mãe e avó coruja é preservar os valores e laços de família, que aprendeu com seu pai Bonifacio, um espanhol nato de alma e coração. Na foto abaixo a professora Marta aparece com alunos da UFSM em uma aula de química no ano de 2013.



Fonte: Acervo pessoal de Marta Lopes Tochetto/Facebook.

Documentação: arquivamento e acesso

Tanto os questionários aplicados aos nossos entrevistados quanto as entrevistas gravadas foram feitas com permissão de todos os colaboradores e com uso de equipamento digital para as gravações, que ficarão arquivadas no acervo do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural – Centro de Ciências Sociais e Humanas de Santa Maria – UFSM.

As perguntas aplicadas no questionário foram entregues em mãos a cada um dos colaboradores de nossa pesquisa. Entretanto, e dado às diferentes ocupações de cada um, as entrevistas não obedeceram ao mesmo critério, isto é, não foram feitas as mesmas perguntas, mas outras questões que o questionário escrito não contemplou. Fomos direcionando as gravações conforme a história de cada um e assim, alguns gastaram mais tempo para gravar, enquanto outros bem menos.

Os colaboradores receberam o questionário escrito com dez perguntas, juntamente com o roteiro de entrevistas, carta de cessão, nos meses de agosto e setembro de 2013, porém as entrevistas gravadas somente puderam ser concluídas em 26 de novembro de 2013, porque todos têm suas ocupações e os horários disponíveis eram incompatíveis, embora cada um tenha sido gravado em dia e local diferentes e particulares.

Quanto ao material que nos foi entregue como fotos e documentos, por exemplo, e para fins de registros neste trabalho, alguns dos nossos colaboradores não dispunham de fotos e/ou documentos, enquanto outros preferiram não publicar, outros alegaram que o farão, mas que ainda não tiveram tempo para procurar, por isso nosso resultado final não apresenta fotos e documentos de todos os personagens da pesquisa, pois respeitamos o direito e as vontades de cada um fazer suas escolhas e a opção pelo que deseja e permite publicar.

Ao concluir a etapa da História Oral sobre a vida dos espanhóis José Pena Cabaleiro, Jesus Maria José Otero Ocampo, Domingo e Remedios Gonzales, Encarnación Villen Almudi e Bonifacio Lopes, através de seus legítimos descendentes, pensamos que seria injusto fortalecer a idéia de que a Álison, a Rosane, o Samuel, a Encarnación e a Marta, não tenham sido solícitos em colaborar com nosso trabalho; muito pelo contrário, todos nos receberam com tamanhas gentilezas e cortesias por várias vezes, uns em suas residências, enquanto outros na própria UFSM, onde trabalham, que passamos a nos sentir em família e, o mais

interessante dos nossos encontros, é que passamos a nos tornar cúmplices na reconstrução da história sobre a imigração de seus pais para o Brasil, movimento que se deu desde 1930.

Desta forma, a preocupação que tínhamos quando do início do nosso trabalho deixou de existir, porque todos os entrevistados nos passaram muitas lições de vida, um verdadeiro aprendizado da sua cultura familiar pela prática e pelo empenho em nos ajudar a construir estas histórias de vidas da melhor e mais autêntica forma, através do amor, da vivência e do bom relacionamento humano como itens constantes em nossos encontros.

Fica de tudo uma vasta experiência e um legado histórico único em se tratando da presença do elemento espanhol em Santa Maria, bem como um misto de emoção como resultado de vivências históricas que ultrapassam as fronteiras do imaginário para estabelecer a fertilidade do saber e do conhecimento, cuja experiência somente nos pode permitir e nos fazer sentir a História Oral por sua funcionalidade e flexibilidade na reconstrução da memória identitária, bem como na recuperação da cultura espanhola presente na diversidade cultural de Santa Maria.

CAPÍTULO III

PATRIMÔNIO CULTURAL: CONCEITOS E VALORES

Neste capítulo apresentamos algumas conceituações e definições daquilo que entendemos como sendo patrimônio cultural, bem como seus valores para as sociedades mundiais e que, segundo diferentes autores ainda se constituem de um tema muito polêmico para uma definição clara, específica ou única, em razão das inúmeras tramas políticas que emergem de cada país, nação ou região.

3.1 Conceito mundial de patrimônio cultural

Se nos detemos diante das várias definições que são fornecidas pelos dicionários da língua portuguesa sobre patrimônio, podemos observar que se faz menção ao valor econômico, ao capital, enquanto que o valor do patrimônio cultural encontra raízes nas expressões criativas que identificam uma sociedade em sua cultura.

Os denominados patrimônios culturais são ainda bastante questionados em quanto aos seus significados e partições, mas segundo a Convenção do Patrimônio Mundial são todos aqueles bens tangíveis e intangíveis com valor artístico, histórico, científico, etnológico e antropológico.

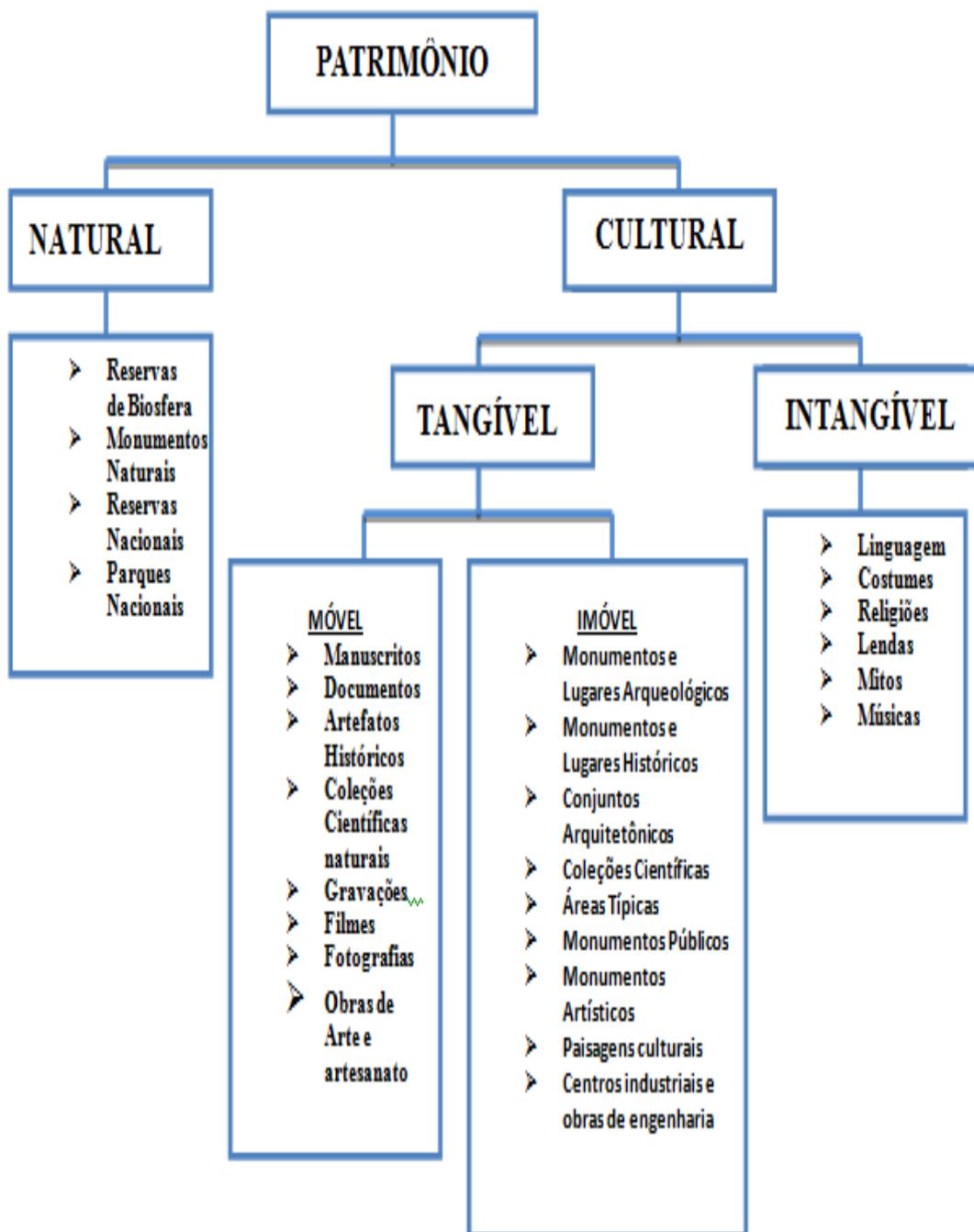
As normas de proteção da UNESCO têm sido concebidas para sua aplicação no mundo, podendo adaptar-se, evidentemente, a uma situação concreta.

Paralelamente a essa visão universalista de elaboração das normas aparece uma mesma tendência universalista nos debates sobre o patrimônio, assim como na globalização da economia e outros problemas que ameaçam ao planeta.

Entretanto, não se pode negar a existência de que são os patrimônios os elementos que nos permitem viajar pelo passado da história da humanidade para assim poder responder às ansiedades sobre a origem da humanidade e recuperar

novos caminhos científicos na formação de teorias da maior peso sobre nossa existência no planeta.

A seguir apresentamos um gráfico com as partições direcionadas ao que entendemos por patrimônio, no sentido amplo da expressão:



Partindo dessa ideologia não podemos caracterizar a questão do patrimônio como sendo algo material ou imaterial, mas sim algo que deve ser compreendido como um conjunto de bens tangíveis e intangíveis, tal como colocado no texto de Barreto quando afirma que:

Patrimônios [...] são bens tangíveis como os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não é só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos (BARRETO, 2001, p. 11)

Inúmeros cientistas, historiadores, antropólogos, filósofos definem de diferentes formas o que reconhecemos como sendo patrimônio cultural, mas a colocação de Canclini é bastante propícia ao afirmar que:

O Patrimônio Cultural – ou seja, o que um conjunto social considera como cultura própria, que sustenta sua identidade e o diferencia de outros grupos – não abarca apenas os monumentos históricos, o desenho urbanístico e outros bens físicos; a experiência vivida também se condensa em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos (CANCLINI, 1994, p. 99).

O patrimônio cultural é, portanto, o conjunto de bens culturais materiais e imateriais considerados de valor em uma comunidade e para a comunidade. Os bens por si mesmos não têm valor intrínseco, nem material, nem cultural. São as diferentes sociedades que assim o designam de forma que o valor desses bens é variável.

Por certo que convém observar o que dizem as leis de cada país no que tange ao reconhecimento de tudo que se considera como Patrimônio Cultural, pois assim como a história e a geografia reconhecem a pertença de um país por suas fronteiras, também as culturas diferem muito de uma para outro território, considerando-se as diferentes épocas de existência de cada país.

De acordo com o texto da Constituição de 1988, artigo 216, podemos encontrar que:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Constituição da República Federativa do Brasil. IN: Coletânea de Leis sobre Preservação do Patrimônio. IPHAN, 2006, p.20)

3.2 Conservação do patrimônio cultural

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) diz que *o herdado é nosso legado do passado, aquilo com o que vivemos hoje e o que passamos às gerações futuras. Nossa herança cultural e natural são ambas as fontes insubstituíveis de vida e inspiração.* Por isto é que vemos a necessidade de priorizar a catalogação dos bens culturais, valorizar sua riqueza e regular sua conservação.

Ao longo do tempo a teoria da conservação tem evoluído em respostas às considerações sociais, políticas e culturais de cada época e com isso tem gerado também novos conceitos e preceitos que são os motores de planejamentos e orientações ante as intervenções.

Revisando posturas sobre a teoria da conservação Bernard Fielding (2004, p. 3) define que *conservação é a ação realizada para prevenir a deteriorização e gestão dinâmica da variação, compreendido todos os atos que prolongam a vida do patrimônio cultural e natural.*

O Canadian Code of Ethics define conservação (Earl, 2003, p. 191) como todas as ações realizadas com o objetivo de salvaguardar para o futuro a propriedade cultural, incluindo as seguintes etapas: averiguação (examination), documentação, conservação preventiva, preservação, tratamento, restauração, e reconstrução.

Vemos também de igual importância, esclarecer que a preservação dos materiais antigos é tão importante na conservação quanto na preservação da integridade e da autenticidade de todo e qualquer projeto.

A preservação do patrimônio tem entre suas funções o papel de realizar “a continuidade cultural”, ser o elo entre o passado e o presente e nos permite conhecer a tradição, a cultura, e até mesmo quem somos, de onde viemos. Desperta o sentimento de identidade. Margarita Barreto defende a “recriação de espaços revitalizados”, como um dos fatores que podem

“desencadear o processo de identificação do cidadão com sua história e cultura” (BARRETO, 2000. p. 44).

A partir de 1960 foram rebaixados os limites do meramente monumental, da obra de arte em razão e se tem ampliado para uma extensa noção de patrimônio que abarca diversas expressões culturais tangíveis e intangíveis.

Hoje em dia o marco teórico que reflete os processos de cada nação é um referente essencial, um filtro de pensamento e de leitura diante da obra para definir sua conservação e sua proposta de intervenção. Quanto a isso, Brandi em 1963 salienta que *a restauração é o momento metodológico de reconhecimento da obra de arte em sua consistência física e em sua polaridade estético-histórica para transmiti-la ao futuro.*

Em meados de 1980 se acrescentou a esta definição a instância funcional como uma fonte de conhecimento que permite fazer precisões mais concretas, o que contribui para a compreensão dos bens culturais como uma necessidade da sociedade na qual se gera, é um elemento para compreender a dinâmica de uso de um bem e os valores associativos e simbólicos que determinados grupos sociais lhe atribuem.

Entretanto, em momento algum a restauração deve buscar o reestabelecimento do estado da obra no momento da sua criação, antes pelo contrario, deve considerar essa segunda historicidade juntamente com as demais instancias com o propósito de poder estabelecer o equilíbrio desejável entre o que foi originalmente e o que a unidade potencial permite alcançar. Dentro do processo de análise dessa segunda história é preciso que se faça uma ênfase muito particular daquilo que se está trabalhando como sendo elemento de preservação patrimonial. Há de ser ter em conta, antes de tudo, que a preservação patrimonial supõe cuidadosos estudos, porque além de significar a história de um povo, de uma época, de determinados movimentos sociais, enfim, de situação de uma memória num determinado espaço de tempo, a preservação patrimonial é a própria identidade dos passos da humanidade em diferentes épocas. A recuperação da memória fortalece a cidadania e a valorização do patrimônio.

Essa afirmativa condiz com o pensamento de Barreto (2000), como podemos constatar, quando ele diz que:

Embora todos os problemas antes mencionados sobre a transformação da história e do patrimônio em bem de consumo e o fato real de que há uma

ressignificação nesse processo, acredita-se que é sempre uma melhor opção do que o esquecimento da história, do que a marginalização de bairros ou do que a derrubada de prédios por causa da especulação imobiliária (BARRETO, 2000, p. 51).

A preservação supõe a restauração que é uma das ciências sociais que permite intervir nos bens culturais através do conhecimento que surge do estudo científico de sua materialidade, de sua história, de seus valores estéticos, científicos e sociais e dos intangíveis que lhe conferiram origem, bem como da função para a qual foram criados para que uma vez documentados e catalogados, conservados e restaurados possam ser desfrutados e transmitidos às gerações futuras na mais plena integridade e autenticidade que possam ser conseguidas em nosso tempo.

3.3 A pátria de armazenamento das memórias

Podemos dizer que o Patrimônio é a pátria de armazenamento das memórias que nos possibilitam uma redefinição de nossas identidades enquanto cidadãos. É o registro do pensamento em palavras que nunca se esgota. Enaltecer a memória do Patrimônio é a meta, o foco, o topo que este texto pretende alcançar com o propósito de estimular, avivar, reanimar a memória da etnia espanhola em Santa Maria, tal como de tantas outras que já foram e são constantemente trabalhadas por outros historiadores desta região, dada a sua igual importância à preservação do patrimônio étnico e diversidade cultural da cidade que hoje abriga uma população de mais de 250.000 habitantes, segundo dados do IBGE de 2000.

Reforçando a importância do que se considera patrimônio para a humanidade, Oliveira (1996 apud MILDNER 2013, p. 24) relata que:

Os patrimônios culturais são estratégias por meio dos quais grupos sociais e indivíduos narram sua história e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento na medida mesmo em que as transformam em “patrimônio”. Os diálogos e as lutas em torno do que seja o verdadeiro patrimônio são lutas pela guarda de fronteiras, do que pode ou não pode receber o nome de “patrimônio”, uma metáfora que sugere sempre unidade no espaço e continuidade no tempo no que se refere à identidade e memória de um indivíduo ou grupo. Os patrimônios são, assim, instrumentos de constituição de grupos sociais e seus representantes em sua luta por reconhecimento social e político no espaço público. Na medida em que torno público um conjunto de objetos que, até então, tinham apenas

existência privada, altero as fronteiras entre um e outro domínio, altero minha posição em relação a interlocutores situados no espaço público.

É a história um patrimônio ao próprio patrimônio da humanidade, pois ela é a fonte propiciadora dos elementos conhecidos que vão sendo passados de geração a geração permitindo que se registrem os fatos na recriação da diversidade cultural.

No intuito de reanimar a memória do patrimônio, procuramos primeiro entender a dinâmica, a função, a perspectiva e os significados contidos no *termo cultura* desde uma visão histórica, para poder reconhecer como essas relações afetam o processo de escolarização.

Debe-se estar atento para o fato de que mesmo aquilo que se considera como cultura nacional muda de acordo e segundo as épocas que vão se remontando ao longo dos tempos, pois os registros de novos fatos são constantemente perpassados às gerações permitindo a recriação da diversidade cultural.

Canclini nos desafia a refletir que:

Aquilo que se entende como cultura nacional muda com as épocas, isto demonstra que, mesmo existindo suportes concretos e contínuos do que se concebe como nação (o território, a população e seus costumes, etc.), em boa parte o que se considera como tal é a construção imaginária (p. 98).

Em seu livro de coletânea *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, Edward Palmer Thompson trata sobre o tema do "costume" na cultura dos trabalhadores (camponeses e artesãos) ingleses, sobretudo no século XVIII. Defende que, nesse período, houve uma dissociação entre as culturas "plebéia e patricia" e essa divisão se deu em termos de classe – entre pessoas ricas com bens independentes e o grupo dos desagregados e desordeiros, entre os bem-nascidos e os sem berço. Uma cultura popular costumeira, alimentada por experiências bem diferentes daquelas da cultura de elite, transmitida por tradições orais, reproduzida pelo exemplo, expressa pelo simbolismo e pelos rituais, situava-se a "uma distância muito grande da cultura dos governantes da Inglaterra" pós-Restauração (THOMPSON, 1998, p. 69).

Para de E. P. Thompson (1998), o *termo cultura* reúne tantas atividades e atributos que se faz necessário um exame de cada um deles:

Cultura é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que

precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração (THOMPSON, 1998, p. 22).

Então, cultura não é aquilo tão somente que se aprende na escola, não é apenas saber ler e escrever corretamente, tampouco portar um diploma de Curso Superior. Cultura é, sobretudo, um termo que cobra muita atenção em torno ao assunto que se está abordando e, de acordo com Thompson, *é preciso examinar com mais cuidados todos os componentes transmitidos de geração para geração.*

3.4 A exposição do projeto

Ao observar o universo cultural das etnias em Santa Maria, pode-se nitidamente perceber que a questão da etnia espanhola, senão pouco mostrada, é absolutamente ignorada ou nunca levada à apreciação e ao conhecimento cultural da sociedade santa-mariense. Depois de muita reflexão e na tentativa por conseguir uma maneira de desmistificar a existência da cultura espanhola também presente em nosso meio, ainda que de forma escassa e/ou invisível, surgiu-nos a ideia de organizar uma exposição com painéis sobre a diversidade cultural da etnia espanhola, para a apreciação, conhecimento e para própria leitura que cada olhar possa fazer daquilo que esteja vislumbrando no momento da exposição.

Creemos que a exposição trabalha a visão levando o indivíduo que a olha a repensar sobre a comunicação que existe em um processo de concepção e montagem de uma exposição.

Diante desta perspectiva, e após os devidos contatos com os legítimos elementos da etnia espanhola presentes na cidade, nossa proposta é a de realizar anualmente uma exposição cultural, sempre no período compreendido entre 07 a 12 de outubro, porque os espanhóis e hispano-americanos reservam o dia 12 de outubro para comemorar o “Dia da Hispanidade” ou “Dia da Raça”, fundamentados no fato histórico do Descobrimento da América¹⁵ por Cristoban Colón em 1490.

¹⁵ Após navegar pelo Oceano Atlântico, o explorador italiano Cristóvão Colombo avista a ilha Guanahani, hoje Bahamas, em 12 de outubro de 1492. Acreditando ter atingido a Ásia Oriental, a expedição reivindicou a terra para Isabel e Fernando, os reis católicos da Espanha, que

Neste ano de 2013 a exposição foi realizada no Hall do Prédio da Reitoria da Universidade Federal Santa Maria – UFSM - com abertura oficial feita por esta acadêmica e pelo Magnífico Reitor, Felipe Martins Müller, contando também com as presenças de: Maria Alcione Munhoz– Chefe de Gabinete da UFSM, Júlio Ricardo Quevedo dos Santos – Coordenador do Curso de História da UFSM, Pedro Brum Santos – Diretor do Centro de Artes e Letras da UFSM, Lydia Brandt Soares e Pablo Emilio Torres, respectivamente mãe e esposo desta autora, público em geral. O registro foi feito pela TV CAMPUS/UFSM e pelo Estúdio Fotográfico ENFOCO de propriedade do casal Gilmar e Mari Maia.



Na foto, Felipe Martins Müller, Reitor da UFSM, Pedro Brum Santos, Diretor do Centro de Artes e Letras, Maria Alcione Munhoz, Chefe de Gabinete e Nara Soares Torres, professora de Letras/Espanhol da UFSM, com seu esposo Pablo Emilio Torres.

Fonte: Acervo pessoal Nara Soares Torres.

patrocinaram a tentativa de encontrar uma rota oceânica para a China e a Índia e as fantasiosas ilhas de ouro e especiarias da Ásia.

Fonte: operamundi.uol.com.br/.../HOJE+NA+HISTORIA+1492++CRISTOVAO...



Na foto, Pablo Emilio Torres, Júlio Ricardo Quevedo Santos, Nara Soares Torres e sua mãe Lydia Brandt Soares.

Fonte: Acervo pessoal Nara Soares Torres.



Abertura da exposição sobre, MOSAICO ÉTNICO: PANORAMA CONTEXTUAL DA CULTURA ESPANHOLA EM SANTA MARIA realizada por Nara Soares Torres, de 07 a 12 outubro de 2013, no hall do Prédio da Reitoria da UFSM.

Fonte: Acervo pessoal de Nara Soares Torres.

Como uma exposição, porém, deve ser comumente realizada em local aberto ao público, a partir de 2014 ela se efetivará de 07 a 12 de outubro no Espaço Cultural do Shopping Royal Plaza Santa Maria, Espaço Cultural do Barrisul, e Espaço Cultural do Banco Bradesco. Na ocasião, será mostrada em grandes painéis ou quadros a história, as memórias e as contribuições que os espanhóis oriundos particularmente da região da Galícia e Aragón deram ao patrimônio da comunidade santa-mariense, cujo objetivo é o de reanimar e de manter viva a existência desta etnia, pois, ainda que represente um pequeno número de elementos, suas contribuições para o engrandecimento da cidade nas áreas da educação, da indústria, do comércio, dos mercados de variedades, entre outras, bem como para o colorido da diversidade cultural na denominada “Cidade Cultura”, não são historicamente menos significativas.

Observadas algumas considerações e posturas quanto ao ato de expor, é inegável a sustentação de Marília Xavier Cury quando se refere à exposição como sendo:

Sistema de comunicação musicológica, então, é o conjunto teórico, procedimentos metodológicos, infra-estrutura, recursos humanos e materiais, técnicas, tecnologias, políticas, informações e experiências necessárias para o desenvolvimento de processos de comunicação de conhecimento por meio de exposições e ações educativas. Ainda, a exposição e a ação educativa do sistema em operação e a recepção do público (CURY, 2005. p. 53).

Segundo a mesma autora, expor é também tomar certos cuidados com o que vai ser exposto, como se contribuirá para a leitura do que será exposto e, sobretudo, expor é selecionar bem o ambiente onde se fará a exposição, porque ele é a fronteira que vai determinar as condições do meio que envolve que influencia e condiciona a operação do sistema. O sistema, então, deve buscar sempre o equilíbrio entre as demandas internas e externas. Cury operacionaliza que o *sistema, no seu diálogo com o ambiente, busca sempre o equilíbrio, equilíbrio entre as demandas externas e internas.*

Para que uma exposição atinja seus objetivos com eficácia é preciso responsabilidade e respeito entre todos os profissionais envolvidos, porque se cria algo a partir do trabalho uns dos outros. Portanto, união dos interesses comuns é o princípio do equilíbrio de uma pretensa exposição.

Marília Cury nos apresenta um tópico que considera como requisitos de qualidade técnica para o processo de concepção e montagem de exposição:

- o equilíbrio entre conteúdo e forma:
- o equilíbrio entre pesquisa científica e comunicação:
- o equilíbrio entre conservação e comunicação:
- a compreensão da célula museológica como a unidade de construção da experiência do público:
- a compreensão da equipe e grupos de trabalho como responsáveis pelo processo (como meio e como produto) e pela exposição (como produto):
- a compreensão da exposição como uma experiência espacial, visual e sensorial:
- o domínio do processo, das fases, decisões e ações, visando a inteligibilidade como direito primeiro do público de exposições.
(CURY, 2005.p.115)

Durante a exposição que realizamos neste ano de 2013, conforme já comentado, o tema central geral da nossa exposição foi a combinação de elementos da cultura espanhola selecionados previamente e reconhecidos no mundo que os identifica como tal: a própria imigração, as contribuições que os espanhóis trouxeram para o Brasil e para o Rio Grande do Sul com a introdução e desenvolvimento da pecuária, das danças, da gastronomia, da indumentária típica semelhante à que também usa o *gaúcho* sul-rio-grandense, etc.

Todos os quadros foram confeccionados com estampas alusivas à cultura espanhola, sendo constituídos de pequenos textos explicativos em cada item exposto, para melhor visualização e compreensão de todos os públicos. As estampas foram afixadas em cavaletes de 100 cm X 200 cm, dispostos de forma a manter o equilíbrio entre o conteúdo e forma, pesquisa científica e comunicação, conforme as indicações bibliográficas de Marília Cury, uma das mais renomadas autoridades em exposições e museologia.

Todos os elementos constitutivos que compuseram a nossa exposição ficaram selecionados da seguinte forma e na mesma ordem em que segue a mostragem a partir da página seguinte.





1960

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Espanha – localização Geográfica

A Espanha situa-se na Península Ibérica-Europa meridional. Possui uma área de 504 030 km², limitando-se ao norte com a França, ao sul e leste com o Mar Mediterrâneo e oeste com Oceano Atlântico e Portugal. Além do território continental, possui as Ilhas Baleares, no mar Mediterrâneo, e as Ilhas Canárias, no Oceano Atlântico.



Fonte: <http://mapa.europa-turismo.net/fotos/mapa-espanha.jpg>

Imigração Espanhola no Brasil

A presença de espanhóis no Brasil ocorre desde a colonização, nas incursões bandeirantes. No entanto, apenas no século XIX ocorreu uma grande imigração motivada por problemas sócio-econômicos na Europa, quando desembarcaram em território brasileiro em torno de 113.000 espanhóis.



Fonte: http://atlasdosconceitos.files.wordpress.com/2008/08/espantano_poltico.png

Quadro 1 – Imigração Espanhola no Brasil

Imigração Espanhola no Brasil: retrata a localização das saídas dos espanhóis de seu país de origem, especialmente da região da Galícia, e sua chegada ao Rio de Janeiro, no Brasil.



Cidade das Artes e das Ciências – Valência

Espanha

Nara Soares Torres



Universidade Federal de Santa Maria
1960

**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL**

Imigração Espanhola no Rio Grande do Sul

Os primeiros espanhóis chegaram ao Rio Grande do Sul conjuntamente com os portugueses para o povoamento, nos séculos XVI e XVII. Apenas no século XIX a migração desta etnia foi mais expressiva no sul do país.



FONTE: <http://i.ohanes.com/data/big/204/2049122.jpg>

O Rio Grande do Sul faz fronteira com dois países hispano-falantes; a Argentina e o Uruguai. Estes territórios, apesar de serem distintos politicamente, compartilham hábitos comuns como o mate, o churrasco, as vestes e o rodeio entre vários outros, apresentando traços culturais semelhantes.



FONTE: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/8E/Mate_containing_terer%C3%A9.JPG/225px-Mate_containing_terer%C3%A9.JPG



FONTE: <http://i.ohanes.com/data/big/204/2049122.jpg>

Quadro 2 – Imigração Espanhola no Rio Grande do Sul

Imigração Espanhola no Rio Grande do Sul: mostra a que se dedicaram os espanhóis que se deslocaram para o Rio Grande do Sul, carregando na bagagem um pouco da sua cultura e de suas tradições.



Plaza de España – Sevilha

España

Nava Soares Torres



Universidade Federal de Santa Maria
SEDES SAPIENTIAE
1960

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Paella




A “paella” é um prato tradicional da Espanha, oriundo de Valência, sendo constituído de frango, pato, coelho ou caracol.




O “gaspacho” é uma especiaria de sopa servida fria, característica do sul da Espanha.

Quadro 3 – A culinária espanhola

A culinária espanhola é muito variada e rica especialmente em variedades de frutos do mar, saladas, sopas e doces, respeitando as preferências de cada região, pois a Espanha é, em verdade, um país formado por países, isto é, todas as regiões são independentes quanto a sua política interna, língua, costumes e tradições sócio-culturais.



Delumbrante cenário natural – Picos de Europa

Espanha

Nara Soares Torres



Universidade Federal de Santa Maria
1960

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Folclore Espanhol

A Espanha é conhecida por sua inumerável quantidade de festas, sendo muitas delas ligadas ao catolicismo. Comumente as festas são realizadas em dias santificados, incluindo peregrinações, feiras especiais, carnaval entre tantas outras que são marcadas por muitos fogos de artifício e touradas.

Touradas
É uma corrida geralmente de três toureiros e seis touros sendo dois para cada toureiro. Os toureiros exercem suas funções por ordem de antiguidade, a qual é dada por sua alternativa (tipo de grau). Assim ao primeiro toureiro caberá o primeiro toque, ao segundo o segundo toque e ao terceiro o terceiro toque.



Sanfermines
Uma das festas tradicionais da Espanha mais conhecidas no mundo, que dura uma semana. Começa no dia seis de julho com festividades e fogos de artifícios e no dia seguinte soltam os touros pelas ruelas de Pamplona onde uma multidão de jovens corre diante dos touros dirigindo-se até a arena, onde pela tarde se celebra a corrida.



FONTE: www.drifordiana.com

FONTE: enigamagari@elama.wordpress.com

Quadro 4 – O Folclore espanhol.

O Folclore espanhol também apresenta uma grande variedade e diversidade cultural em se tratando de regiões, mas as “touradas” e a festa de “San Fermines” são de cunho nacional.



Bandeira Espanhola

Espanha

Nara Soares Torres

Universidade Federal de Santa Maria
SEDES SAPIENTIAE
1960

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Dança Espanhola

A dança espanhola é uma arte complexa e variada que possui longa e significativa história cultural. Existem diversos tipos de danças e estilos musicais espanhóis apreciados em todo o mundo. As mais conhecidas são Cachucha, Fandango, Bolero, Sapateado, Sevillhana, Passo Doble.

Flamenco

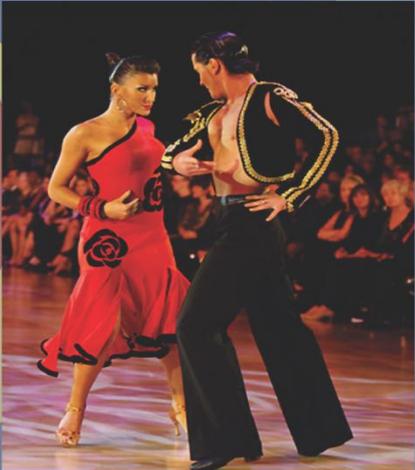
O Flamenco é uma dança antiga cujos primeiros registros datam do século XVI e é oriunda da região de Andaluzia, mas originária de diferentes povos como árabes, judeus e ciganos. As castanholas e os sapatos de saltos grossos são utilizados para marcar o ritmo desta dança expressiva e característica da Espanha, amplamente difundida e Patrimônio Cultural da Humanidade.



FONTE: <http://unhasinspracias.files.wordpress.com/2012/01/flamenco.jpg>

Pasodoble

O Pasodoble, que surgiu no século XVI, traduz as emoções das touradas espanholas para as pistas de dança, onde o homem encarna o espírito de toureiro, digno e orgulhoso, que conduz de forma decidida e graciosa a senhora pelo salão como se ela fosse a sua capa. É uma dança forte, decidida, onde se sente uma tensão entre os dançarinos ao longo de todo espetáculo.



FONTE: www.dance1.net

Quadro 5 – A dança espanhola

A dança espanhola possui um vasto e variado repertório e é uma das suas maiores expressões artísticas e de fundamento histórico, porque traduz a ansiedade e a força do sangue espanhol nas lutas por fazer vingar a vida em forma de arte. O “Flamenco” e o “Pasodoble” são apenas duas das mais conhecidas danças espanholas, por sua forma e tradição.



Obras-primas de Gaudi - Barcelona

Espanha

Nara Soares Torres



Universidade Federal de Santa Maria

SEDES SAPIENTIA

1960

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Música

Diversas regiões da Espanha possuem danças folclóricas típicas, que são mundialmente conhecidas, como o bolero, o fandango e o flamenco, ícones de identidade e cultura de cada região.



Las Castanholas
 É comum na música espanhola e utilizado principalmente por dançarinas de flamenco.

La Pandereta



La Zambomba



Instrumento usado nos bailes tradicionais comuns na Galícia.

Instrumento de som indeterminado usado principalmente para acompanhar a voz nos coros natalinos.

Quadro 6 – A música espanhola

A música em todos os tempos representa a identidade de povos e, na Espanha, não poderia ser diferente, mas cada região tem sua própria forma de sentir e representar a vida em forma de música.

Universidade Federal de Santa Maria
SEDES SAPIENTIA
1960

Espanha
Nara Soares Torres

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

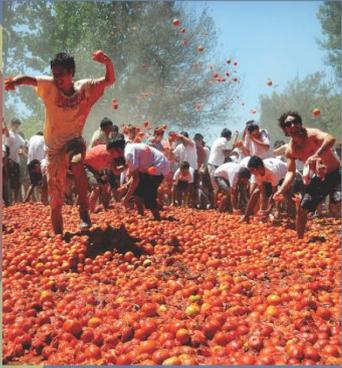
Feria de Abril **Rocio**




A Feira de Abril acontece em Sevilha com uma semana repleta de cantos e baile.

Romaria que acontece na provincia de Huelva onde se venera a Virgen del Rocio.

La Tomatina **Fallas de San José**




Festa que se celebra na localidade de Buñol proximidades de Valência, para homenagear os "gigantes e cabeçudos" que em 1945 recorreram às lavouras de tomates e venceram os franquistas.

Festa que se celebra em Valência durante o mês de março convertendo a cidade em uma combinação de festa e arte.

Quadro 7 – Manifestações culturais

Literalmente a Espanha é reconhecida como um país de grandes manifestações culturais, de coloridas formas de expressão e, bem observadas suas tradições, pode-se perceber que o Brasil encontra muita e variada identificação em suas festas tradicionais, regionais ou nacionais.



A Alhambra – Granada

Espanha

Nara Soares Torres



Universidade Federal de Santa Maria
1960

**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL**

Miguel de Cervantes (1547 - 1616)



Escritor espanhol mais aclamado de todos os tempos, autor de "Don Quijote de La Mancha" (1605). Revolucionou o mundo literário ao utilizar a ironia e o humor em sua obra.



Federico García Lorca: (1898 - 1936)



Adepto ao ideal "liberdade e rebeldia", cultuado em seu tempo, foi um escritor atuante e contestador em sua sociedade, lutou na Guerra Civil Espanhola contra os franquistas. Possui uma obra vasta: "Canciones Gitanas" (1927) de poesias e a obra que o consagrou, a trilogia trágica "Bodas de Sangre" (1933), "Yerma" (1934) e "La Casa de Bernarda Alba" (1936).

Quadro 8 – A literatura espanhola

A literatura espanhola sempre correspondeu à corrente literária do momento vivido em cada época e em toda a Europa. Autores como Miguel de Cervantes, Federico García Lorca e Gustavo Adolf Bécquer são imortais para esta expressão da arte das letras.



Universidade Federal de Santa Maria
SEDES SAPIENTIAE
1960

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Pintura

Goya (1746 - 1828)
Pintou em suas telas um mundo de bruxas, demônios e também pessoas comuns. "Maja Desnuda" (1796), que retrata uma mulher em duas versões, com e sem roupa, fato que revolucionou e provocou escândalo na sociedade da época



Pablo Ruiz Picasso (1881 - 1973)
Exerceu forte influência em muitos dos grandes artistas de seu tempo.



Salvador Dali (1904 - 1989)
Importante pintor catalão, conhecido pelo seu trabalho surrealista



Quadro 9 – A pintura Espanhola

A pintura revolucionou o mundo espanhol durante o Século de Ouro com El Greco, Murillo e Velázquez, embora na arte moderna Goya tenha se destacado durante o final do século XVIII e começo do século XIX. Porém o mais conhecido artista espanhol depois de 1900 foi Pablo Picasso. Ele criou, além de suas pinturas, magníficos desenhos, esculturas, gravuras e cerâmicas. Entre outros destacados pintores espanhóis modernos encontram-se Salvador Dali, Juan Gris, Joan Miró e Antonio Tapies.




Nara Soares Torres

**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL**

Sarita Montiel (1928-2013)



Ícone da beleza hispânica no cinema americano, Sarita Montiel acabou por preferir a música ao cinema. A atriz de Vera Cruz, La Última Copla e recorde de bilheteria triunfou em Hollywood com La Violetera.

FONTE: bembemgafar.com

Quadro 10 – Cinema Espanhol

María Antonia Alejandra Vicenta Elpidia Isidora Abad Fernández, nasceu em Campo de Criptana, Província de Ciudad para tornar-se uma das divas do cinema nas telas do mundo inteiro. Sua primeira interpretação foi pelas mãos do mítico Gary Cooper, em Vera Cruz, de Robert Aldrich, junto a intérpretes importantes da época como Burt Lancaster, Denise Darcel e Charles Bronson. Depois deste filme aparece Serenade, junto a Joan Fontaine, o tenor Mario Lanza e Vincent Price. Nas rodagens desse filme conheceu aquele que foi o seu primeiro marido: Antony Mann, diretor do filme. Por último, roda Yuma (também chamada Run of the arrow), junto a Rod Steiger (que teve popularidade em sua velhice pelo vilão de O Especialista, com Silvester Stallone e Sharon Stone).

3.5 O Projeto dos 20 anos do Curso de Espanhol- Licenciatura da UFSM

Uma segunda proposta deste trabalho ao patrimônio é a realização do I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LINGUA E LITERATURA ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA que será inaugural no ano vindouro de 2014 em comemoração aos 20 anos do Curso de Licenciatura Espanhola da UFSM, mas que se repetirá a cada dois anos, propondo levar o conhecimento e a educação a centenas de novos profissionais que a cada ano passam a competir no mercado de trabalho do Brasil e do mundo. A data prevista e pré-estabelecida é o dia 12 de outubro, quando espanhóis e hispano-americanos comemoram o “*Dia da Hispanidade*” ou “*Dia da Raça*”. Para isso foi elaborado, e segue em anexos, um projeto já registrado no Centro de Artes e Letras, sob o Nº 035435, do GAP/CAL, para a realização do **I SIMPOSIO INTERNACIONAL DE LENGUA Y LITERATURA ESPAÑOLA/2014**, com a criação do **Selo Comemorativo aos 20 anos do Curso de Espanhol na UFSM**, uma Revista com o histórico do Curso de Letras/Espanhol, banners e folders com peculiaridades da etnia espanhola, além de um modelo de marca-páginas.

Entretanto, como já mencionamos anteriormente, para esta preliminar, realizamos amostra da Exposição realizada de 07 a 12 de outubro de 2013, no Hall da Reitoria da UFSM e novamente durante o ato de DEFESA desta Dissertação em 11 de novembro de 2013. Na ocasião, a abertura da exposição, que levou o mesmo título desta dissertação, contou com as presenças de: Felipe Martins Müller, Magnífico Reitor da UFSM, Maria Alcione Munhoz, Chefe de Gabinete/UFSM, Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, orientador deste trabalho e Coordenador do Curso de História/UFSM, Pedro Brum Santos, Diretor de Centro de Artes e Letras/UFSM, familiares desta autora e público em geral, com registros televisivos da TV CAMPUS da UFSM.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos sabem que, para atender às exigências da atualidade, as leis brasileiras já são e muito ultrapassadas, principalmente no que diz respeito às leis que definem quais são os direitos do cidadão imigrante que vive no Brasil, pois o Estatuto do Estrangeiro que entrou em vigor em 1980, ainda durante a ditadura militar (1974-1985), e aguarda por uma reforma que desde 2009, está parada nas mãos dos deputados federais, que ainda não se deram ao trabalho de repensar em medidas mais modernas e condizentes com as novas expectativas da grande massa de imigrantes que se abriga ilegalmente o nosso país.

Em meio a tantas discussões sobre os direitos e deveres individuais e coletivos, a Constituição Federal atual, no seu Capítulo I, Artigo 5º assegura no seu texto que *Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:*

- Lei nº 6815, de 19.8.1980, que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil e cria o conselho nacional de imigração. (Estatuto dos Estrangeiros).

Revisando algumas informações pertinentes, o Ministério da Justiça afirma que quase 1,5 milhões de imigrantes vivem no Brasil em situação regular, mas em relação aos clandestinos, os dados ainda são desconhecidos.

Segundo Pattussi (2011), como o estatuto não foi pensado para um mundo globalizado, e sim para deixar “os imigrantes excluídos de toda a participação do sistema político”, a atual legislação não dá conta de atender todas as suas demandas, enquanto eles permanecem na invisibilidade social. Entretanto, o Estatuto do Estrangeiro que é a base de onde foi construída parte da Constituição que tudo o que tem de ruim no Estatuto foi transferido para a Constituição, pois o estatuto foi feito para visar a segurança nacional.

Então, pode-se perceber nitidamente que por trás de cada detalhe está o militarismo da época, regime que foi pensando para rejeitar anistiados políticos de outros países, porque, na época, eles já vinham classificados como subversivos.

Entre 1997 e 2011 foram criadas 46 resoluções normativas relacionadas ao

trabalho de estrangeiros no Brasil chamadas de “tapa buracos” que constam das normas que autorizam o trabalho no Brasil de atletas profissionais de outros países (de 2007), regulamentam a entrada de profissionais estrangeiros para trabalhar em embarcações ou plataformas na costa brasileira (de 2006) e autorizam a entrada de voluntários ligados à atividades de assistência social, sendo que esta última data do ano de 2005, mas todas as normativas encontram-se atualmente com validade e revisão previstas para um período compreendido a cada dez anos. Com um estatuto defasado e cheio de brechas, a possibilidade de que o número de imigrantes irregulares aumente é muito significativa. Izaura Miranda, diretora do Departamento de Estrangeiros do Ministério da Justiça explica que *“Nós tivemos uma anistia em 2009, então acredito que não há muitos irregulares. [...] Porque, quando o governo instituiu a lei da Anistia, nós esperávamos que mais de 100 mil pessoas pedissem para regularizar sua situação no Brasil, entretanto o número que se registrou foi de apenas quarenta e cinco mil pessoas e por diferentes razões não se conseguiu o esperado.*

Na visão de Pattussi (2011), o número de interessados em regularizar a situação em 2009 não foi maior porque a anistia não foi suficientemente divulgada: *“O governo não comunicou a anistia. [...] Quem fez a propaganda foram as ONGs e os imigrantes. Só que muitos imigrantes não repassavam a informação, porque quanto mais gente [interessada em regularizar sua situação no país], implica evidentemente numa demora maior para a saída do documento para as mãos do imigrante interessado.*

Para Calderón (2011), muitos dos imigrantes se dedicam a atividades autônomas, boa parte voltou a ser irregular por não conseguir comprovar o que fazia. *“A Polícia Federal exigia registro em carteira de trabalho. Mas mais da metade dos que foram anistiados sempre trabalhou de forma autônoma, como camelô, eletricista. A Polícia Federal não estava aceitando [o documento exigido para regularização de autônomos] e muitos voltaram a ser irregulares. Estima-se que mais de 25 mil pessoas voltaram à clandestinidade.*

Entretanto o Ministério da Justiça não confirma esse número e diz que, criou uma portaria (regra) para facilitar a apresentação da documentação exigida. O governo, contudo, ainda não concluiu o balanço de quantos anistiados solicitaram a transformação do visto temporário em permanente.

Apesar das indefinições e falta de clareza das leis brasileiras quanto ao incalculável número de imigrantes no Brasil, pode-se dizer que Santa Maria abriga considerável número deles e de diferentes etnias que vêm à procura de melhores possibilidades de vida e trabalho, sendo que o maior número é o de hispano-americanos.

Quanto aos espanhóis, não encontramos mais nenhum registro deles na cidade, além dos que constam nesta pesquisa. Porém, não se pode descartar a possibilidade de que novos empreendedores espanhóis venham a se instalar em Santa Maria, pois em fevereiro de 2013 o grupo ANIMA de Bilbao/Espanha esteve na Cidade Cultura em negociações com o Prefeito César Schirmer, para analisar as possibilidades de instalação do projeto que trata da saúde do meio ambiente com processos naturais.

Com relação ao trabalho, podemos acrescentar que foi uma experiência acadêmica que contribuiu grandemente para o nosso crescimento científico, intelectual e humano com uma soma incalculável de prazer e realização pessoal, porque nos enriqueceu de tantos e novos conhecimentos sobre história, humanismo, cultura e patrimônio, elementos que se fazem necessários frente às novas exigências do século em que vivemos.

Por outro lado, recuperar a história de elementos da etnia espanhola, conviver entre eles e com eles, reconstituir a história de cada um, nos faz crer que de alguma forma pudemos contribuir para tornar o mundo em que vivemos um pouco melhor do que estava quando nele entramos, porque sentimos agora a sensação do dever cumprido, isto é, conseguimos retirar da invisibilidade social os poucos espanhóis que, ainda hoje, contribuem com austeridade para a dinâmica e força de trabalho de Santa Maria, formando a composição da diversidade cultural da denominada “Cidade Cultura.”

Mas, esta história não se extingue por aqui, porque seria impossível detalhar toda a riqueza de vida e de experiências vividas por cada um de nossos personagens. Portanto, as pesquisas continuarão no próximo capítulo que será o nosso pretendo livro sobre a etnia espanhola em Santa Maria e onde dedicaremos um capítulo a cada um dos nossos colaboradores, com maiores detalhes e documentos que possam deixar registrada existência da etnia espanhola em Santa Maria, suas contribuições efetivas como mão de obra e força de trabalho para o crescimento da cidade e pessoal de cada um deles.

Santa Maria é uma cidade em crescimento constante e de múltiplas possibilidades, ampla diversidade cultural, porque abriga em seu seio uma gama muito grande de diferentes etnias, algumas predominantes, mas muitas delas em constante convívio e preservação de suas características étnicas, o que acentua bastante a multiplicidade cultural tornando a cidade um misto panorâmico de diferentes etnias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Capistrano Honório de (Maranguape, 1853 - Rio de Janeiro, 1927) foi um dos primeiros historiadores brasileiros, sendo neste contexto particularmente importante destacar a sua produção sobre a história do período colonial, onde títulos *Capítulos da História Colonial* (1907), *Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil* (1930) e *O Descobrimento do Brasil* (1883) são referências obrigatórias neste destaque necessariamente sumário. - See more at: <http://fchs.ualg.pt/rc/pt/content/catedra-odebrecht-capistrano-abreu-codca#sthash.IdJWavVn.dpuf>. Vistas em 23/05/2013.

AGUIAR, Cláudio. **Os Espanhóis no Brasil**: contribuição ao estudo da imigração espanhola no Brasil. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. p. 242.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARENDT, Hannah. (1969/ 1994) **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

ARENDT, Hannah. **Da Violência**. RJ. Vozes. 1994.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

BARBOSA, B. **Falta de informação limita participação popular**. Cidadania na Internet. Rio de Janeiro, nov. 2003. Disponível em: <http://www.cidadania.org.br/conteudo.asp>. Acesso em 03.12.2012.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papyrus, 2000.

BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT.

BECKER, Klaus (Org.) **Enciclopédia Rio-grandense: Imigração**. Canoas: Regional, 1958. 5 v.

BELÉM, J. **História do Município de Santa Maria**: história, memória, genealogia e historiografia. Porto Alegre: EST, 2002

BERGSON, HENRI. **La evolución creadora**, Espasa-Calpe, Madrid 1973.

BOURDIN, Jean-Claude. **La invisibilidad social como Violencia**. Universidad de Poitiers, Francia. Recibido: 15.09.09 Aceptado: 15.04.10 Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-reseaux.htm>. Visitado em 23/06/1013

BRENN Brandi, C.. [1963] 1977. **Teoria del Restauro**. Torino: Einaudi.

BRENN Brandi, C. **Teoria do Restauro**. Amadora: Edições Orion, 2006.

BRUM, Argemiro J. **Integração Cone Sul. MERCOSUL** Ijuí: Ed. UNIJUI, 1955.

BURKE, Peter. "História como memória social". In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.

CANCLINI, Néstor Garcia. 1994. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 23: 94-115.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. Edusp 2008, São Paulo – SP.

CÁNOVAS, Marília K. **Hambre de Tierra. Imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930**. São Paulo: Lazuli Editora, 2005.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. "**Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível**". In: Antropologia do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Antropologia do Brasil**. SAO PAULO: BRASILIENSE e EDUSP, 1986. V. 1. 176p.

CEZIMBRA, Jaques publica o conto no livro **Assuntos do Rio Grande do Sul**, deixando claro que é uma obra ficcional - 1912

COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo, Ateliê editorial, 2004.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CURY, MARÍLIA XAVIER. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

EARL, L. **Assessment As Learning: Using classroom assessment to maximize student learning**. Experts in Assessment series. Corwin Press, inc., Thousand Oaks, California. 2003.

FEILDEN, Bernard. **Conservation of Historic Buildings**. 4th. ed., Oxford: Butterworth Architecture, 1996. (1st. ed. 1982)

FRIDMAN, M. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

GOULART, Jorge Salis. **A formação do Rio Grande do Sul**. 4ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

GUIMARÃES, L. M. P.; VAINFAS, R. **Sonhos galegos: 500 anos de espanhóis no Brasil**. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000. brasil500anos.ibge.gov.br/pt/territorio-brasileiro-e.../espanhois

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Editora Vértice, 1999.

HALBWACHS, Maurice. "A Expressão das emoções e a sociedade". Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 8, n. 22, pp. 201 a 218, abril de 2012.

HALBWACHS, Maurice. Individual Consciousness and Collective Mind. **The American Journal of Sociology**, Vol. 44, No. 6 (May, 1939), pp. 812-822
Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2769413> Acesso: mai 2012

HALL, Peter A & TAYLOR, Rosemary C. R. (1999), «**Political Science and the Three New Institutionalisms**». This paper was presented by Professor Hall, a member of the MPIFG Scientific Advisory Board, as a public lecture during the Board's meeting on May 9. Idem, (1997), «**La science politique et les trois neo-institutionnalismes**» in *Revue Française de Science Politique*, 47 (3-4), pp.469-496.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. (1a impressão revista) Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2006.

HALL, Stuart. "Diásporas ou a lógica da tradução cultural". Conferência de abertura, VIII Congresso da ABRALIC - Associação Brasileira de Literatura Comparada. Salvador, 2000. Tradução: Beth Ramos.

LISTER, Ruth. (1997). *Citizenship: Feminist Perspectives*. New York: New York University Press.

LISTER, F. K. (1997), *The European Union, the United Nations and the revival of confederal governance*, London, Greenwood Press.

MARTINS, DE SOUSA, J. **La inmigración española en Brasil**. Dentro de Españoles hacia América. La emigración en masa, 1880-1930. De Sánchez Albornoz.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. 1991. **O patrimônio cultural entre o público e o privado**. In: DPH/SMC da Prefeitura de São Paulo. (ed.) "O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania", pp. 189 – 194. São Paulo: DPH/SMC da Prefeitura de São Paulo.

MENEZES, Ulpiano T.B. **O patrimônio cultural entre o público e o privado**, In: DPH/SMC da Prefeitura de São Paulo. (ed.) *O direito à memória. Patrimônio histórico e cidadania*, São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

OLIVEIRA, Alberto. **Memória, Patrimônio, o Arqueólogo e a cidade:** arqueologia urbana e preservação do patrimônio arqueológico. Comunicação.

OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. **Os espanhóis.** Sorocaba: Editora TCM, 2002.

OLIVEN, RUBEN GEORGE. **A Parte e o Todo - A Diversidade Cultural no Brasil-nação.** Editora Vozes, São Paulo, 1982)

KLEIN, Herbert S. **A Imigração Espanhola no Brasil.** São Paulo: Sumaré, 1994.

KÜHN, F. **Breve História do Rio Grande do Sul.** 2. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **Fronteiras do milênio.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

QUEVEDO, Júlio. **As Missões: crise e redefinição.** São Paulo: Ática, 1993.

RECHIA, Aristilda - santamaria-rs-brasil.blogspot.com/p/simbolos-de-santa-maria.html No dia 03 Ago 2009 o blog *Santa Maria-RS-Brasil* foi criado! ...Histórico-Cultural, Aristilda Rechia, Associação *Santamariense* de Letras, 2006; *Santa Maria*, ... Vistas em 23/05/2013.

ROUSSO, Henry. "A memória não é mais o que era". In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

SÁNCHEZ Albornoz, N. **La Población de América Latina.** Ed. Alianza América.

SOARES, Luiz Eduardo. **Cabeça de Porco.** Editora: Objetiva, 2005. Rio de Janeiro.

STREIFF-FENART, J. (Orgs). Teoria da Etnicidade. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Ed. Unesp, 1998, pp 185-227.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998

VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história.** 7. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997

VALLE, Carlos Guilherme O. Experiência e semântica entre os Tremembé do Ceará In: **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena.** Rio de Janeiro: Contra capa, 2004, pp281-341.

VALLE, Carlos Guilherme O. do. **Terra, Tradição e Etnicidade: Os Tremembé do Ceará**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ. 1993. _____. “Experiência e semântica entre os Tremembé do Ceará”. Em: João Pacheco de Oliveira (org.). *A Viagem da Volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contracapa/LACED. 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

WEBER, R. Emigrantes Espanhóis no Século XX: trajetórias individuais e história contemporânea. *História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral*. v. 10, n. 2. jul.-dez. 2007. p. 77-90.

WEBER, Regina. **Galegos no sul do Brasil: alternativas na América. Anos 90**. v. 17, n. 31. jul. 2010. p. 78-108 [ISSN 0104-236X; E-ISSN 1983-201X – B1] Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/index>

WEBER, Regina. **Espanhóis no Sul do Brasil: diversidade e identidade**. História Questões & Debates. Associação Paranaense de História/ Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. v. 29, n. 56, jan./jun. 2012. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/index>

OUTRAS FONTES

IBGE (10 de outubro de 2002). Área territorial oficial. Resolução da Presidência do IBGE de nº 5 (R.PR-5/02). Adaptações da Página visitada em 5 de dezembro de 2012.

Censo Populacional 2011. *Censo Populacional 2011*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (29 de novembro de 2011). Adaptações da Página visitada em 11 de dezembro de 2012.

História da Cidadania – Uma trilha de lágrimas. Site Pessoal: Salvador, jul. 2003. Adaptações da página <http://www.emilianojose.com.br/artigos.php>. Acesso em 29.11.2012.

Ranking decrescente do IDH-M dos municípios do Brasil. Atlas do Desenvolvimento Humano. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2000). Adaptações da mesma página visitada em 11 de janeiro de 2013.

TEORÍA E HISTORIA DE LA CONSERVACIÓN Y ... - Ibermemoria ibermemoria.fonotecanacional.gob.mx/. pagina visitada em 26/06/2013

Outras fontes de informação:

- Associação Santa-mariense de Letras.
- Museu da Catedral Diocesana de Santa Maria.
- Acervo particular dos entrevistados desta pesquisa.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Roteiro das entrevistas

1. Qual seu nome, naturalidade e data de nascimento? Você é espanhol ou descendente de espanhóis?

2. Quando e por que sua família veio para o Brasil?

3. Como foi o estabelecimento de sua família no Brasil e, particularmente em Santa Maria?

4. Como se desenvolveu a história de seus avós e seus pais até você?

5. Quais são as lembranças do passado que você gosta de recordar e por quê?

6. Quais são as tradições de sua família que ainda se mantêm e quais são as que se perderam?

7. Você sabe informar se sua família sofreu algum tipo de discriminação por serem estrangeiros ao se estabelecer no Brasil? Pode dar exemplos?

8. Quais aspectos da cultura familiar de origem espanhola você considera que fazem parte da atual cultura gaúcha?

9. Se você tivesse que organizar um monumento em homenagem à presença espanhola em Santa Maria, o que você destacaria? Por quê?

10. Você gostaria de fazer algum comentário sobre o assunto desta entrevista ou da pesquisa ou sobre algo que julga importante para o trabalho?

APÊNDICE 2

Mensagem Eletrônica

NOTA IMPORTANTE!

As mensagens ou entrevistas eletrônicas, gravadas em CD ROM, encontram-se afixadas na contra capa da desta dissertação e somente poderão ser usadas com autorização da autora e da Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Humanas cuja qual está vinculada ao Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

A autora.

APÊNDICE 3**CARTA DE CESSÃO**

À Universidade Federal de Santa Maria,
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural

Eu, _____ CI _____
_____, CPF _____, declaro para os devidos fins, que cedo os
direitos da minha entrevista, gravada no dia _____ de _____
do ano de dois mil e treze, para a pesquisadora Nara Soares Torres e ao Programa
de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade
Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, para ser usada
integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente
data. Da mesma forma, autorizo a sua audição, transcrição e o uso das citações a
terceiros, ficando vinculado o controle ao Programa de Pós-Graduação
Profissionalizante em Patrimônio Cultural, que detém a guarda da mesma.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente
que terá minha assinatura.

_____/_____/_____ de _____ de 2013.

Local e data

Assinatura

APÊNDICE 4



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM PATRIMÔNIO CULTURAL**

**MOSAICO ÉTNICO: PANORAMA CONTEXTUAL DA
CULTURA ESPANHOLA EM SANTA MARIA
NARA SOARES TORRES**



José Pena Cabaleiro



José Pena Cabaleiro e a esposa Nádya Monczak



Imigrante espanhol, nascido em Negreiros – Silleda Província de Pontevedra, em 23 de março de 1929 e falecido em Santa Maria – RS - em 1999. Migrou para o Brasil desembarcando no Porto de Santos – SP - em 20 de outubro de 1954 e de lá para Curitiba – PR - onde de imediato começou a trabalhar em uma fábrica de sapatos e mais tarde na “Confeitaria das Famílias” de propriedade de outro espanhol e onde conheceu a Nádya Monczak, sua futura esposa. Casaram-se em 21 de agosto de 1968, migraram para Santa Maria, compraram um ponto comercial e dois dias depois inauguraram a CONFEITARIA COPACABANA especializada em doces e salgados, na 1ª quadra da Rua Dr. Bozzano – hoje Calçada Salvador Isaías - que ainda permanece, embora sob outra direção. Tiveram a Álisson, cidadã espanhola, hoje uma Psicopedagoga, que vive com a mãe, Nádya Monczak e o esposo Igor Marques, natural de Passo Fundo, militar, formado em Administração e, atualmente cursando Direito em Santa Maria.



José Pena Cabaleiro e esposa no batizado da primogênita



José Pena Cabaleiro, esposa e a filha Álisson



Álisson com o esposo Igor Marques

APÊNDICE 5



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM PATRIMÔNIO CULTURAL**

**MOSAICO ÉTNICO: PANORAMA CONTEXTUAL DA
CULTURA ESPANHOLA EM SANTA MARIA
NARA SOARES TORRES**



José Maria Jesus Ocampo Otero

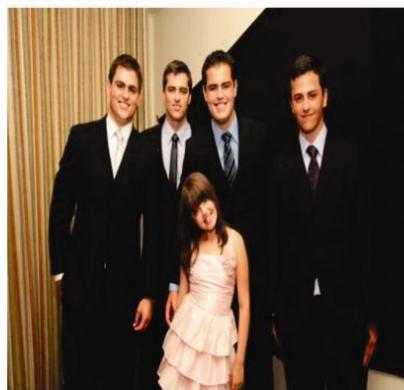


Bodas de José Maria e Marilene Barão



José Maria, esposa e filhos

Imigrante espanhol nascido em 1929, em Negreiros – Silleda Província de Pontevedra e falecido em Santa Maria – RS - em 1999. Seus pais, José Ocampo Lopes e Dolores Otero Ocampo, que permaneceram em Silleda toda vida, tiveram cinco filhos: Maria, José Maria Jesus, Manoel, Conceição e Juan. O senhor José Maria Jesus Ocampo Otero - de cognome *Pepe* - na ilusão e bravura de seus jovens anos resolveu aventurar-se pelos mares do mundo migrando para a “terra prometida”, pois muitos jovens daquela época lançavam-se pelo mundo para fugir da crise européia. Desembarcou no Rio de Janeiro por volta de 1949, para trabalhar em uma padaria como atendente, depois se tornou vendedor de sapatos. Anos mais tarde, viajando pelo interior do Rio Grande do Sul, conheceu a Marilene Barão, que a exercia a função de balconista em uma loja de Bagé. Casaram-se em outubro de 1960 e tiveram cinco filhos: Andrés, Marisol, Rosane, Fabiana e Ricardo. Iniciaram na fabricação de roupas infantis, sendo que em sete de setembro de 1961, nascia a primeira das lojas “Paraíso” na Galeria do Comércio, com o nome de “Boutique Infantil”. Atualmente a família possui a fábrica e uma rede de outras lojas distribuídas pela cidade, além de hotéis familiares, denominados de “Hotel Paraíso”.



Atualmente, Rosane tem uma loja especializada em uniformes escolares, uniformes em geral, próximo à Brigada Militar de Santa Maria/RS e um canil; casou-se com Cláudio Kucera de Abreu em 15 de dezembro de 1984 e teve a Raphael, Lucas, Felipe, Daniel e Luiza. Todos têm cidadania espanhola, estudam e residem em Santa Maria.

APÊNDICE 6



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM PATRIMÔNIO CULTURAL**

**MOSAICO ÉTNICO: PANORAMA CONTEXTUAL DA
CULTURA ESPANHOLA EM SANTA MARIA
NARA SOARES TORRES**



Bonifacio Rodrigues Rodrigues Casamento da filha Marta com o engenheiro Rogério Tochetto

Imigrante espanhol, que no Brasil passou a assinar-se Bonifacio Rodrigues Lopes, nasceu em Orense - Região da Galícia, em 1916 e cruzou os mares em direção ao Brasil, quando tinha apenas quatorze anos, em companhia de sua mãe Rosa Salgado e mais três irmãos, que se viram obrigados a sair da Espanha, porque o período pró e pós ditadura Franco foi muito difícil para todos. Desembarcaram em Recife em 1930 e de lá viajaram até Santos/SP, onde já tinham alguns parentes. Seu pai, Porfirio, foi para Cuba plantar cana-de-açúcar. Por ocasião da Revolução Cubana, ele foi expatriado e decidiu se juntar à família no Brasil. A partir das vendas de ovos, verduras e frutas de porta em porta, Bonifacio foi crescendo, criou a “Mercearia do Bonifacio” especializada em pastéis, queijos e vinhos da melhor qualidade, secos e molhados em geral. Muito habilidoso para os negócios, procurava sempre produtos de alta qualidade, e foi o primeiro importador de frutas e vinhos da Argentina, França e Espanha, desde 1965. Faleceu aos 82 anos, acometido de diabetes, deixando sua esposa aos cuidados dos filhos: Marta Regina, Rosa Lia, Senen, Maria DeJane, Servando e Fernando. Todos têm cidadania espanhola. Atualmente a esposa do senhor Bonifacio, está com 83 anos e reside em Minas Gerais com o filho Servando.

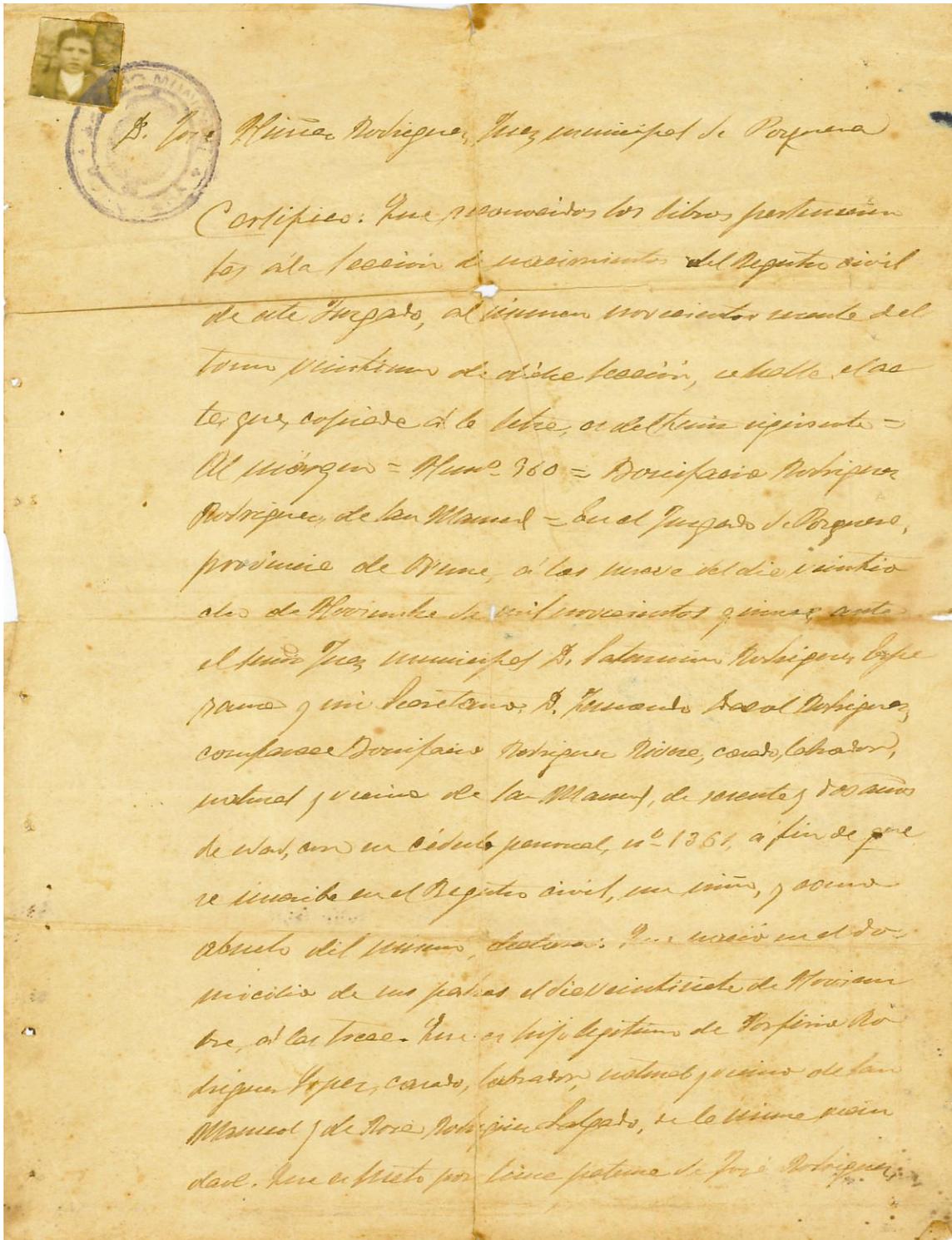


**Marta Regina Lopes Tochetto com os filhos
Felipe, Guilherme, Graciela e André.**



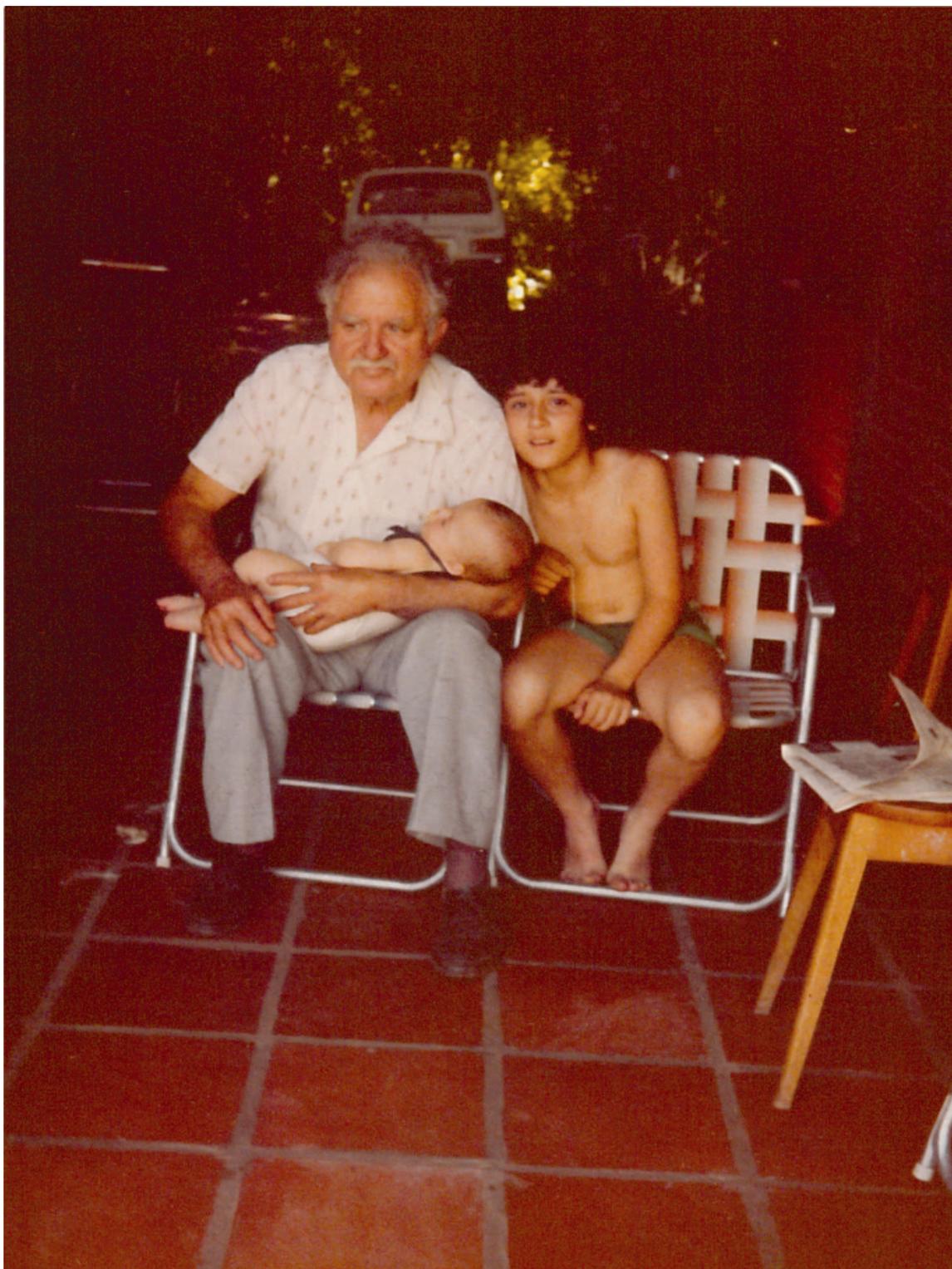
**Marta com os filhos e a neta Giovana,
filha de André.**

APÊNDICE 7



Face principal da Certidão de nascimento do senhor Bonifacio Lopes ao chegar ao Brasil com sua mãe, quando ele tinha apenas 14 anos de idade.

APÊNDICE 9



Uma foto do espanhol Bonifacio Lopes em Santa Maria/RS com os filhos Senen, sentado ao seu lado, e Servando ainda bebê no seu colo.

APÊNDICE 10



Casamento de Marta Lopes com o engenheiro Rogério Tochetto em 1979. À esquerda, o pai de Marta, Bonifacio Lopes e demais familiares.

APÊNDICE 11



Na foto, Marta e Rogério aparecem ladeados pelos pais da noiva, Bonifacio e Carolina Lopes, na residência dos próprios onde a festa foi realizada.

APÊNDICE 12



Parentes e amigos reunidos na casa do espanhol Bonifacio Lopes por ocasião do matrimônio de sua filha Marta com o engenheiro Rogério Tochetto.

Nesta foto Marta aparece ao lado de seu noivo com avós e sogra.

APÊNDICE 14



Casa onde nasceu José Pena Cabaleiro, em 23 de março de 1929, em Negreiros – Silleda, Província de Pontevedra, na Espanha.

APÊNDICE 15

Esta é uma foto atual da casa onde nasceu José Pena Cabaleiro, totalmente reestruturada pelos seus parentes: irmãos, cunhados e sobrinhos que recuperaram seu lugar, seu espaço na sociedade espanhola onde vivem atualmente.

APÊNDICE 16



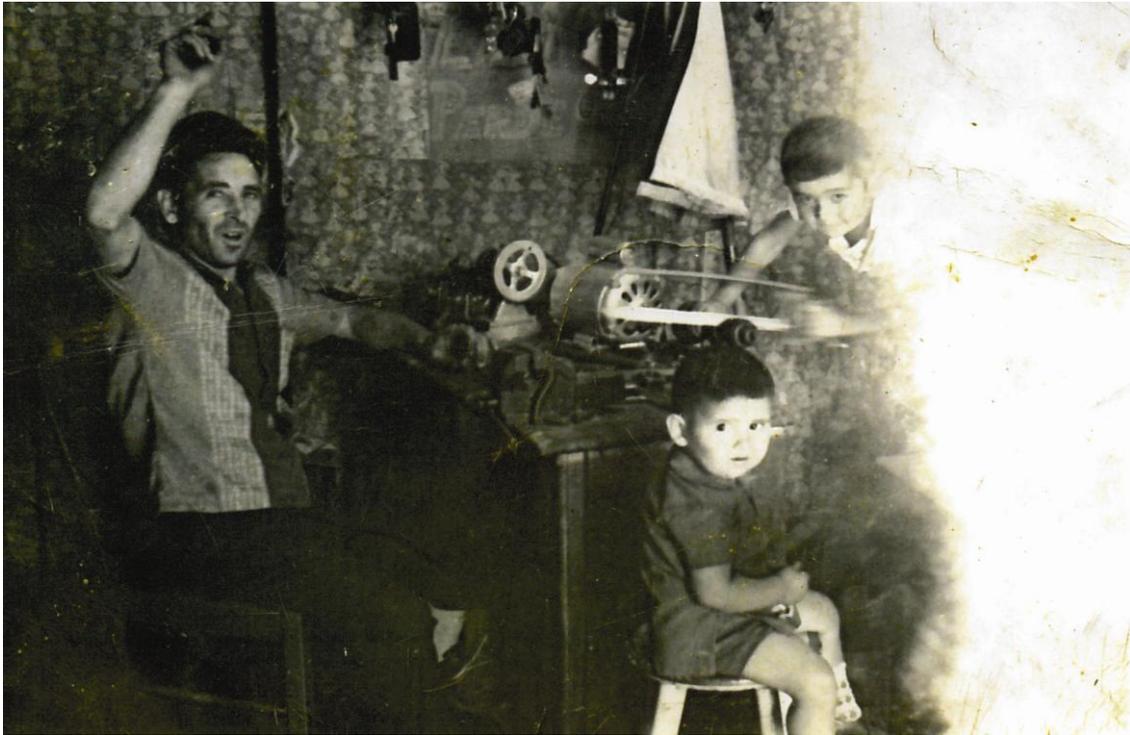
Primeiras instalações da Confeitaria Copacabana, na 1ª Quadra da Rua Dr. Bozzano, onde José Pena Cabaleiro iniciou sua trajetória de vida e formou sua família em Santa Maria.

APÊNDICE 17



Da esquerda para a direita, José Pena Cabaleiro com sua esposa Nádia Monczak Pena na casa dos amigos Marilene e Jesus Maria José Ocampo Otero – Pepe, onde costumavam reunir-se aos fins de semana para rememorar coisas de suas infâncias na Espanha e desfrutar de momentos de lazer com seus filhos.

APÊNDICE 18



Na foto, o senhor Domingo Alonso Gonzáles na pequena instalação em princípios de sua vida em Santa Maria e ensinado aos filhos Samuel e Angelino a fabricação de chaves e fechaduras.

APÊNDICE 19



Domingo Alonso Gonzáles e a esposa Remedios com os filhos Samuel e Angelino ainda pequenos, em Santa Maria nos anos de 1970.

APENDICE 20



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**



FIGURA 1 - acervo pessoal de Vinicius Soares e Nara Soares Torres.

O idioma é uma coisa por demais séria para ser confiada exclusivamente aos especialistas. (Ricardo Carvalho Calero)

Quando um país não empreende sua própria política lingüística interna e externa se vê submetido à política de terceiros países. (Roberto Bein)